



Inácio Bittencourt,

O Apóstolo da Caridade

(Uma Pesquisa de João Marcos Weguelin)

(Os direitos autorais deste livro foram cedidos pelo autor para a Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Índice

Parte 1 – O Homem e seu Trabalho	4
INTRODUÇÃO	4
"Aurora"	8
"Seu" Inácio e a Saúde Pública	9
Uma Entrevista com Inácio Bittencourt	10
O Pensar do Advogado	11
O Médium Fala ao Correio da Manhã.....	12
Absolvição do Supremo Tribunal Federal.....	14
Obituário Publicado na Revista Internacional de Espiritismo.....	15
Dois Lindos Casos Contados por Ramiro Gama.....	17
Parte 2 – Mensagens dadas em Vida	18
1. Allan Kardec.....	18
2. Hoje e Amanhã.....	18
3. Ao Mestre.....	19
4. O Consolador	20
5: Ao Mestre.....	20
6. Ao Mestre.....	21
7. Ao Mestre.....	22
8. Jesus.....	23
Parte 3 – Mensagens dadas como Espírito	23
1. Visão Nova	23
2. Aviso Oportuno	24
3. Existências Passadas	25
4. A Conclusão da Pesquisa	27
5. Espíritas - Precursores	28
6. Em Favor do Espiritismo.....	28
7. Espiritismo e Falsas Revelações Superiores.....	29
Parte 4 – Relação de Substâncias Medicamentosas	31
Parte 5 – Entrevistas e Depoimentos	33
1. Entrevista com a Sra. Leonor Novaes.....	33
2. Relatório da Visita à Casa de Dona Ohana (Lalita).....	33
3. Entrevista com o Sr. Nadir de Oliveira.....	34
4. Entrevista com Dona Lourdes Bittencourt Purita.....	35
Parte 6 – Enquadramento Geral do Arquipélago dos Açores	40
1. Localização	40
2. Dados Históricos.....	41

3. Festas Populares nos Açores.....	42
4. Espírito Santo (Impérios).....	42
5. Tourada à Corda.....	44
6. Conclusão.....	45
Parte 7 – Síntese Histórica do Espiritismo no Brasil	46
1. Notícia das Mesas Girantes:.....	46
2. A Obra Pioneira de Luís Olímpio Teles de Menezes;.....	46
3. O Espiritismo no Rio de Janeiro:.....	48
4. Fatos Espíritas Notáveis.....	52
a) Presidentes da Federação Espírita Brasileira:.....	52
b) Primeiro Jornal "Espiritualista" do Mundo:.....	52
c) Periódicos Espíritas mais Antigos do Brasil:.....	53
d) Periódicos Espíritas mais Antigos do Mundo (ainda existentes):.....	53
e) Semanas Espíritas:.....	53
f) Congressos de Jornalistas e Escritores Espíritas:.....	54
g) Perseguições aos Espíritas:.....	54
5. Pequena História do Abrigo Tereza de Jesus.....	55
a) Grupo Espírita Cultivadores da Verdade.....	56
b) Tereza, Jesus e 917\$000.....	57
c) Ernestina Vê Espiritualmente a Sede do Abrigo.....	57
d) Biblioteca.....	58
6. Homenagens "Post Mortem"	59

Parte 1 – O Homem e seu Trabalho

INTRODUÇÃO

Há 55 anos partia para a Pátria Espiritual, octogenário, o maior expoente do Espiritismo carioca neste século: Inácio Bittencourt.

Nascido a 19 de abril de 1862, na Ilha Terceira, Arquipélago de Açores, Freguesia da Sé de Angra do Heroísmo (Portugal) – Inácio deixou a sua terra natal e, aos treze anos de idade, passara a viver no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até o fim de sua vida terrena.

Sete anos depois de aportar na capital brasileira, Inácio conheceu o Espiritismo, quando ficou muito enfermo e bastante desesperançado. Foi com um médium chamado Cordeiro, residente na Rua da Misericórdia, que ele conseguiu ficar com a sua saúde totalmente restabelecida.

Espantado com o acontecido, pelo fato do médium não ser médico, não ter indagado quais eram os seus padecimentos ou sequer lhe tocado, Inácio buscou explicações, para as quais recebeu imediata resposta: “Leia *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*. Medite bastante e neles encontrará a resposta para a sua indagação”.

Inácio fez exatamente isso, abraçando o Espiritismo e entrando para a Federação Espirita Brasileira, à época em que seu Presidente ainda era o Dr. Bezerra de Menezes.

Então brilhou como poucos: seja como médium receitista e curador, na sua própria residência, seja no alto das tribunas doutrinárias da FEB. Só não se sabe se ele era tão competente como barbeiro, que era o seu ganha-pão. A profissão humilde e o pouco estudo – deixou os bancos escolares aos dez anos –jamais interferiram no seu trabalho doutrinário.

As descrições desse seareiro do bem em ação impressionam. Uma delas foi a que o *Reformador* publicou em março de 1943, um mês após o seu falecimento:

“Era então de causar pasmo, e pasmo geral, ouvi-lo, a ele, que não lograra dispor de ampla cultura intelectual, discorrer de maneira fluente, até com eloquência muitas vezes, sobre o ponto em estudo, proferindo discursos ricos de belas imagens e de conceitos profundos, que seriam de impressionar e abalar os ouvintes, mesmo quando enunciados por mentalidades de vasta erudição científica e filosófica”.

Neste mesmo número do *Reformador*, encontramos outra descrição:

“E as curas, por seu intermédio, se multiplicavam, assumindo não poucas o caráter de assombrosas. Inúmeras vezes, considerado perdido o caso, um apelo de Inácio Bittencourt era o recurso extremo e a volta da saúde ao enfermo se verificava, com espanto dos que ansiavam, porém já descreiam, do seu restabelecimento, operando-se, em conseqüência e em muitíssimas ocasiões, surpreendentes conversões ao Espiritismo”.

Sobre esse assunto – o estudo e a cultura – escreveu o confrade Paulo Alves Godoy, no livro “Grandes Vultos do Espiritismo”:

“Não foi somente como médium receitista e curador que Inácio Bittencourt granjeou a notoriedade, a estima e a admiração de todos, mas igualmente como médium apto a receber inspiração do Alto, que, durante longa fase do seu mediunato, se manifestou notória e admirável, sempre que ele assomava às tribunas doutrinárias, principalmente à da Federação Espirita Brasileira, a cujas sessões de estudos comparecia com bastante assiduidade”.

“Embora não fosse dotado de cultura acadêmica, escrevia artigos doutrinários de forma surpreendente e fazia uso da palavra em auditórios espíritas de forma bastante eloqüente. O simples fato de dirigir um jornal de grande penetração, como o foi “Aurora”, demonstra a fibra e o valor desse seareiro incomparável e incansável”.

Nesse mesmo livro, Paulo Alves Godoy aponta outras realizações de Inácio Bittencourt. Além das já citadas, Inácio fundou, juntamente com Samuel Caldas e Viana de Carvalho, o Centro Cáritas, presidindo-o até a data de sua desencarnação. Teve parte ativa na fundação da União Espirita Suburbana. E, ainda segundo o confrade autor, “durante alguns anos exerceu

também a vice-presidência da Federação Espírita Brasileira, presidiu o Centro Humildade e Fé, onde nasceu a “Tribuna Espírita”, por ele dirigido durante anos”

Também Zeus Wantuil escreveu, sobre Inácio Bittencourt, no livro *Grandes Espíritos do Brasil*:

“Forte na fé, valoroso na humildade, impertérrito na caridade, tal se revelou constantemente este velho companheiro de lides espiritualistas e amigo muito benquisto”.

E mais: “Apreciando em seu justo valor esse dom e em sua legítima significação, consciente da responsabilidade imensa com que lhe onerava o Espírito, exerceu-o o saudoso lidador como verdadeiro sacerdócio, disposto a todos os sacrifícios que lhe adviessem da necessidade de dar cumprimento ao dever, que a sua consciência cristã lhe impunha, ante o lema da doutrina a que servia com inteiro devotamento e abnegação: “Sem Caridade, não há salvação”.

Para a Revista Internacional do Espiritismo, de 15 de março de 1943, Inácio Bittencourt era “um dos mais devotados trabalhadores da seara cristã, cujos exemplos de caridade, perseverança, tenacidade e humildade constituem uma bússola para todos quantos porfiam por entrar no reino de Deus, em demanda dos seus gloriosos destinos”.

Mais adiante há um trecho bonito:

“Ao correr a notícia do seu passamento, começou a romaria à residência desse Apóstolo do Espiritismo. Ricos e pobres, pretos e brancos, altas personalidades, intelectuais e os Espíritos em geral, foram, pela derradeira vez, contemplar o corpo daquele justo, numa demonstração de solidariedade à família desolada, num culto de estima, amor e consideração”.

“Cremos que nenhum Espírita, como nós, desconhece a atuação de Inácio Bittencourt na Doutrina. O seu trabalho se desenvolveu sem tréguas e, animado por aquela fé característica dos grandes missionários do Bem e da Verdade, ele traçou e cumpriu à risca um programa que constituiu o principal objeto de suas nobres e cristãs aspirações: pregar a doutrina evangelicamente, não só por palavras como principalmente por obras”.

Mais outro trecho interessante:

“Estudando, pregando e praticando a Doutrina, Inácio Bittencourt, em pouco tempo, tornou-se um dos oradores mais apreciados, dedicando-se, com especialidade, à pregação do Evangelho, não só na Capital Federal, como no interior do País”.

“Era médium inspirado e receitista. Como médium receitista, conquistou tal popularidade em todo o país pela curas operadas, que atendia, diariamente, em seu modesto consultório, à Rua Voluntários da Pátria, 20, entre 500 e 600 pessoas”.

Acrescenta ainda a matéria:

“Ao tempo em que Leopoldo Cirne, outro Apóstolo do Espiritismo, era Presidente da Fundação Espírita Brasileira, Inácio Bittencourt exercia, nessa entidade, o cargo de vice-presidente e estava sempre em contato com os luminares do Espiritismo dessa época, Bezerra de Menezes, Sayão, Bittencourt Sampaio etc.”.

“Dando cumprimento ao seu programa de ação no campo da Doutrina, Inácio Bittencourt fundou, em 1919, o Abrigo Tereza de Jesus, destinado a abrigar a infância desvalida. Como presidente perpétuo dessa instituição, dirigiu-a até os seus últimos momentos de vida terrena.

Fundou, há trinta anos, “Aurora”, que é um dos baluartes da Imprensa Espírita, com ampla circulação por todo o país”.

E, ao final da longa matéria, diz que Inácio Bittencourt foi “amigo dos humildes, amparo dos necessitados, médico da alma e do corpo e paladino das Verdades Crísticas”.

E não eram só os órgãos ou os livros espíritas que enalteciam a personalidade desse grande benfeitor. O Correio da Manhã, de 19 de fevereiro de 1943, escreveu, por ocasião de seu falecimento:

“Os que professam a doutrina de Kardec diziam haver na sua personalidade um médium de extraordinários dons. Era curador. Fazia diagnósticos como se fosse médico e dava receitas, em geral pelo sistema de Hahnemann, com o que foi ganhando fama, através das curas que ia realizando. Mas o mais curioso, o que atraía para Inácio Bittencourt as simpatias gerais, era a sua caridade, o seu devotamento ao próximo. Em cima de sua barbearia, ficava a residência do

dono. Os doentes subiam uma pequena escada e entravam para a sala de visitas – muito modesta, bem pobre, de móveis baratos e comuns. O Espírita chegava e apenas indagava o nome, a idade e a profissão do candidato a consulta. Às vezes, nem isso. Inácio Bittencourt sentava-se a uma mesa, concentrava-se e escrevia a lápis uma receita. Dentro de poucos minutos, dava consultas a cinco, dez, vinte pessoas. Todo o dia se passava assim. A noite, havia o mesmo movimento. Nunca aceitou remuneração em dinheiro, ao menos para si”.

Descoberta inédita é uma matéria do imortal e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, estampada com destaque na primeira página do Diário da Noite, de 19 de fevereiro de 1943, e que comunicava a morte do nosso benfeitor. O título da matéria: “A Morte do Apóstolo”. Eis o texto na íntegra

“Seja qual for o ponto de vista religioso em que nos coloquemos, a figura de Inácio Bittencourt, ontem sepultado, adquire inconfundíveis relevos de apóstolo cristão”.

“Era o patriarca do Espiritismo, seu propagandista incansável e devotado sacerdote”.

“Pregava pelo jornal, pela palavra nas reuniões de culto, pelo exemplo de uma vida sem mácula de interesse, no cumprimento estrito dos deveres vocacionais”.

“Foi um santo”.

“Milhares de pessoas levaram-no à beira do túmulo, testemunhando-lhe o agradecimento da pobreza”.

“Para ele, o que principalmente ligava o homem a Deus, era o espírito de Caridade. O Cristo era o amor ao próximo”.

“Não havia sacrifício que não fizesse para servir os seus irmãos, nas tristes condições da humildade”.

“Não sei se curava. Não sei se como médium conversava com os Espíritos”.

“Sei, no entanto, que foi um grande consolador de sofrimentos e nunca ninguém se aproximou dele que não saísse aliviado das suas penas morais”.

“Assim cumpriu a missão sagrada do pastor e Deus, na sua misericórdia, tê-lo-á recebido com as dignidades reservadas aos seus justos”.

O jornal “A Noite”, que deu a notícia do falecimento de Inácio Bittencourt em primeira mão (no próprio dia 18 de fevereiro), escreveu:

“Modesto como sempre foi, não vendo a felicidade nos bens terrenos, como soe acontecer entre os viventes em geral, Inácio Bittencourt era homem que tinha as vistas voltadas para o Alto. Compreendia, em toda a sua extensão, a vaidade humana e daí o seu último pedido, o seu último desejo – um enterro de última classe. Não obstante, inúmeras coroas enchem o pequeno jardim da residência da família do saudoso extinto”.

Assim o *Jornal do Commercio* escreveu sobre o grande benfeitor:

“Sobejamente conhecido na nossa Capital, o morto de ontem, tornou-se um elemento de projeção pelo seu espírito de bondade e desprendimento pelos laços materiais, só se importando com os benefícios que podia prestar aos que dele se acercavam, sem distinção de classes, fortuna ou posições sociais. Foi um homem que viveu acolhendo os pobres, servindo aos ricos, mitigando dores, levando esperanças aos enfermos e confortando muitos outros às portas da morte”.

Nessa enorme matéria do *Jornal do Commercio*, há outro trecho que merece destaque. Depois de afirmar que Inácio Bittencourt atendera aos doentes até o final de sua vida, o jornal escreve:

“Há cinco anos sofreu um derrame cerebral, ficando parcialmente paralítico e cego de um dos olhos. Com os seus próprios recursos, venceu a grave crise. Há dois anos, entretanto, seu estado de saúde sofreu uma grande queda e ele conseguiu manter-se entre alternativas de melhoras e pioras até a manhã de ontem, quando foi fulminado por um colapso cardíaco”

Também o “Jornal do Brasil” se manifestou da mesma maneira em relação ao nosso benfeitor, considerando-o “uma das individualidades mais populares em todos os círculos sociais, que lhe admiravam o ardente espírito de caridade, o devotamento de todos quantos o procuravam e nele encontravam uma palavra de conforto moral, um gesto de alívio ao sofrimento”

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Outro jornal que registrou o falecimento de Inácio Bittencourt foi o Diário de Notícias, que, num trecho, escreveu:

“Foi fundador da Federação Espírita Brasileira, do Abrigo Tereza de Jesus, da Legião do Bem, Instituições de assistência aos necessitados. Fundou, também, há cerca de 30 anos, o jornal “Aurora”, que ainda circula como órgão da Doutrina de Allan Kardec. O Sr. Inácio Bittencourt, que faleceu aos 80 anos, era português de nascimento e brasileiro naturalizado, tendo chegado ao Brasil com a idade de 12 anos”.

A primeira informação do trecho acima não é verdade: Inácio Bittencourt não fundou a Federação Espírita Brasileira. O “Reformador” de março de 1943 tratou de corrigir esse equívoco do diário carioca.

E mais: “O Jornal” escreveu sobre Inácio Bittencourt, dizendo que o nosso benfeitor era um “nome largamente conhecido através da atuação que, durante muitos anos, exerceu nos domínios da teoria Espírita”.

“Português de nascimento, veio para o Brasil havia mais de 60 anos, dedicando-se, a princípio, ao comércio, para, depois, conhecedor profundo da doutrina que abraçara, se tornar um verdadeiro batalhador da causa”.

“Dotado das qualidades de “médium” receitista, granjeou, com isso, um vasto círculo de relações e de simpatias, por grande número de curas apregoadas como devidas àquele seu estranho poder”.

No livro “Seareiros da Primeira Hora”, de Ramiro Gama, encontramos muitas informações valiosas sobre Inácio Bittencourt:

“Foi um verdadeiro Apóstolo da Caridade. Médium receitista, inspirado, vidente, clarividente, possibilitou milhares de curas”.

“Foi chamado várias vezes a processo criminal, por realizar *a medicina ilegal*, mas, graças à proteção do Alto, foi sempre absolvido, possibilitando que fosse criada, com seus casos, uma jurisprudência favorável ao Espiritismo consolador e curador de corpos e almas”.

“Desencarnou bastante idoso, sempre trabalhando pelos pobres e doentes, famintos da luz e do amor, em 18 de fevereiro de 1943”.

“Foi um dos fundadores do Abrigo Tereza de Jesus e fundador, organizador e estimulador de vários Centros Espíritas na Guanabara”.

“Orador inspirado e conhecedor profundo do Espiritismo, fez milhares de maravilhosas conferências, aqui e pelo Brasil afora. Fundou o ótimo jornal “Aurora”, que realizou um serviço inestimável no jornalismo Espírita”.

No precioso trabalho do Dr. José Carlos Moreira Guimarães, publicado em outro livro de Ramiro Gama, “Os Mortos Estão em Pé”, novos dados são apresentados, o mais importante dizendo respeito ao escritor e imortal Coelho Neto, também um estudioso da vida de Inácio Bittencourt. E apresentado texto do artigo “O Bom Samaritano” em que Coelho Neto defende o nosso benfeitor das acusações de exercício ilegal da medicina. Num determinado trecho, escreve o imortal:

“E esse homem, que se chama Inácio Bittencourt – nome constantemente invocado por milhares de sofredores – é intimado a comparecer perante o Tribunal para responder por crimes que, se fossem citados no Código Penal, seriam esplendores, como são as estrelas dentro da noite”.

“E são eles: sarar enfermos, valendo-lhes com a medicina, com a dieta e com o desvelo; mitigar desesperos; reconciliar desavindos, restaurando lares destruídos, promover os meios de legitimar ligações, reconhecer transviados; amparar crianças órfãs; agasalhar anciãos; pregar o amor ao próximo, o respeito e prestígio à Lei e levantar os corações combalidos com a força suprema da Fé”...

Inácio Bittencourt e Dona Rosa tiveram 14 filhos, dos quais cinco já haviam falecido. Naquele ano, a 23 de abril, completariam o sexagésimo aniversário de casamento. Entre os filhos, Inácio Bittencourt Filho foi jornalista e Ismael Bittencourt diretor do Café Globo.

O casal morava na Rua Rodrigo de Brito, Botafogo. Hoje não existe mais a sua casa – o local é apenas um estacionamento, mantendo ainda o número 24 na entrada. Já no local onde era o *Centro Cáritas*, na Rua Voluntários da Pátria, 20, Botafogo, hoje funciona a Homeopatia

Nóbrega, com móveis em madeira e vidros antigos – na parede está escrito “Pharmacia”. Na sobreloja, onde era localizado o Centro, hoje existem escritórios de médicos homeopatas.

Que possamos sempre nos inspirar nos exemplos de Inácio Bittencourt, de humildade e devotamento ao próximo, para que tenhamos a oportunidade de cumprir os nossos verdadeiros propósitos aqui neste bendito plano de expiação, que é a Terra.

“Aurora”

Em primeiro lugar, é conveniente esclarecer que existiram outros jornais com o nome de “Aurora”. Um deles foi fundado em 15 de abril de 1909, em Valença, RJ, contando com colaboradores como Casimiro Cunha, Dr. Maia Barreto e Cairbar Schutel. Este jornal é encontrado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

No que se refere ao “Aurora”, de Inácio Bittencourt, a data encontrada nas suas biografias está sempre incorreta. O jornal “Aurora” foi fundado em 1º de maio de 1913, conforme informou o “Reformador” naquela época (e não em 1º de maio de 1912, como consta em suas biografias).

Pode haver confusão porque o “Aurora” de Inácio Bittencourt também foi fundado em Valença. É provável que o primeiro “Aurora” que citamos tenha reiniciado em 1913.

Esses dados só ficam claros quando examinamos os exemplares do “Aurora” existentes na Biblioteca Nacional. Os de janeiro de 1919 estavam no seu Ano VI. Fazendo as contas, portanto, o Ano I iniciou em 1º de maio de 1913.

Os exemplares da Biblioteca Nacional que podem ser folheados são os de 1919 a 1922 e de 1928 a 1933. A Fundação possui exemplares de outros anos também, mas fora de consulta, devido ao estado precário do material.

O jornal possuía como subtítulo: “Órgão Oficial do Círculo Cáritas de Botafogo, Centro Espírita de Valença, União Espírita Suburbana, Associação Espírita Beneficente e Instrutiva (Cachoeiro do Itapemirim) e Federação Espírita do Estado do Rio (Niterói)”.

A redação do “Aurora” ficava na Rua Voluntários da Pátria, 18, Botafogo, Rio de Janeiro. O jornal era quinzenal, com quatro páginas, e, em 1919, tinha uma tiragem de 4 mil exemplares.

Os colaboradores do “Aurora” eram Vinícius e Viana de Carvalho. Alguns destaques de 1919 foram uma comunicação de Tomaz de Aquino, recebida no Círculo Cáritas, uma mensagem intitulada “Post Scriptum de Minha Vida”, de Victor Hugo, uma matéria de Coelho Netto e uma gama enorme de mensagens do Além: de Cáritas, Pedro o Apóstolo, Léon Denis, Tereza D’Ávila, João Evangelista, Erasto, Vicente de Paula, Tereza de Jesus, Artur Azevedo, entre outros. Outros grandes destaques são: a inauguração do “Abrigo Tereza de Jesus”, em 1º de janeiro de 1919, e os dados periódicos sobre a instituição.

O jornal publica “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, na íntegra. Inácio Bittencourt não assina nenhuma matéria, mas, no entanto, sendo ele o redator do jornal, com certeza, é o autor da primeira matéria de cada exemplar, além de ser o responsável por todo o jornal.

A maior curiosidade deste ano de 1919 é uma nota de 15 de novembro de 1919, que informava que a Igreja Católica havia mandado publicar uma nota em todos os jornais cariocas:

“A Câmara Eclesiástica do Arcebispado fez baixar ontem o seguinte aviso aos católicos: De ordem do Monsenhor D. Maximiano da Silva Leite, Vigário Geral do Arcebispado, aviso aos católicos que o Abrigo Tereza de Jesus para a Infância Desvalida, com sede provisória à Rua São Cristóvão nº 33, é uma Associação Espírita e, como tal, condenada pela Igreja”, sendo aos católicos vedado concorrer com donativos para a propaganda dessa instituição. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1919”.

Em 1920, a tiragem já era de 10 mil exemplares. Há matérias de Guerra Junqueiro (que também publicara no ano anterior), Leopoldo Cirne, além de mensagens de Paulo, Tereza Cristina, Max e outros.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Há também uma foto do Abrigo “Tereza de Jesus, no exemplar de 1º de maio de 1920, e, no primeiro relatório de Inácio Bittencourt sobre o Abrigo, entre muitas informações, estava a de que, até aquela data, o Abrigo já tinha 890 associados matriculados.

Em 15 de outubro de 1920, a matéria principal era sobre a inauguração da sede definitiva do Abrigo Tereza de Jesus, na Rua Ibituruna (onde permanece até hoje), como foto do prédio e das primeiras asiladas.

Em 1921, a tiragem do jornal já era de 20 mil exemplares e o “Aurora” recebeu nesse ano mensagens de Thiago, Agostinho, Aura Celeste, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Auta de Souza, Amaral Ornellas e colaboração de Carlos Imbassahy.

No relatório que Inácio Bittencourt fez do Abrigo Tereza de Jesus, aparece a foto das 20 abrigadas.

Um destaque é uma carta, de Cairbar Schutel aos jornais, defendendo Inácio Bittencourt, que agora já sofria o processo movido contra ele pela Saúde Pública. Sobre esse assunto, também há diversas matérias.

O material seguinte, que se pode consultar, é de 1928 a 1933. Agora o “Aurora” tinha a tiragem quinzenal de 40 mil exemplares, estava no Ano XVI e Inácio Bittencourt aparecia como Redator e Gerente. (Em maio iniciou o Ano XVII). O jornal ainda tinha quatro páginas.

Os maiores destaques desse período foram: a publicação do livro “Flores do Céu”, com mensagens psicografadas por Adelaide Câmara, a foto das novas instalações do “Aurora”, na Rua Voluntários da Pátria, 20, além de muitas outras matérias de Adelaide Câmara, Vinícius, Carlos Imbassahy, Coelho Netto, além de mensagens de Victor Hugo, São Francisco Xavier e Santo Agostinho.

“Seu” Inácio e a Saúde Pública

(Publicado em “A Notícia”, em 26 de fevereiro de 1921)

O novo regulamento da Saúde Pública é de uma severidade inquisitorial: conseguiu bater, em matéria de intolerância, a liberalidade dos códigos positivistas.

Agora mesmo caiu-lhe sob as garras o Sr. Inácio Bittencourt, barbeiro em Botafogo, que há algumas dezenas de anos vive a socorrer desinteressadamente a gente pobre que o procura e lhe pede remédios para os seus males.

O Bittencourt, ou melhor, o “seu” Inácio, como é familiarmente conhecido em todo o bairro, a todos atende com bondade e espírito cristão, que o tornaram querido e popularíssimo, não somente em Botafogo como em grande parte da cidade. Aconselha ao doente as agüinhas homeopáticas, não recebe vintém a título de pagamento, ou de presente, ou de esmola para a igreja do seu credo. Não indica farmácia nenhuma onde deva o medicamento ser comprado. Em suma: direta ou indiretamente não aufere lucros do seu serviço. Ao contrário, se o doente declara a sua pobreza, ele ainda fornece o remédio e, às vezes, a dieta, se lhe permitem as suas “avultadas” rendas de barbeiro de arrabalde.

É “seu” Inácio um curandeiro, no sentido em que a lei considera essa classe de infratores? Absolutamente, não!

Primeiro, não faz ele profissão de curar, mas de tosquiar cabeleiras e raspar queixos. Segundo, não se anuncia, não se apregoa virtude de mão santa, não vive a cavar clientes. Aos que recorrem aos conselhos de sua experiência, ele atende, sem sequer indagar o nome da criatura aflita que, desesperada da medicina oficial e clássica, apela para ele como apela ao mesmo tempo para N.S. da Penha ou para S. Sebastião.

Acaso põe ele em perigo de vida os doentes, fazendo-os ingerir drogas venenosas em cuja dosagem possa errar, cozimentos, garrafadas, infusões de ervas de propriedades duvidosas?

Não. Ele se limita a indicar os conhecidos medicamentos homeopatas; e é a própria medicina oficial e burocrática que afirma serem as agüinhas *hahnemanianas* absolutamente anódinas, não curando, mas também não matando.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Porque, pois, tamanha severidade? Responderão os médicos diplomados, os interessados no assunto, que há doentes que se tratam com o “seu” Inácio e que morrem... à falta de medicamentos que curam.

É possível. Fica, porém, por provar que os tais medicamentos curativos não despacharam mais depressa o paciente para o céu das minhocas.

Aceita a teoria, fora justo processar os vigários que recebem oblatas e ex-votos, em pagamento de curas feitas pelos santos dos seus templos, e justo fora ainda que os próprios santos fossem multados por exercício ilegal da medicina...

Mas, o fato é que há nesta cidade milhares de pessoas que afirmam terem sido curadas ou terem tido pessoas da família curadas pelo “seu” Inácio. Milhares.

E é isso que não agrada nem pode agradar à medicina de anel no dedo: O Inácio faz-lhe uma concorrência desleal: quando cura não cobra. E a ética profissional manda cobrar sempre, e muito mais ainda se o doente bate o trinta e um.

A “Noite” abriu uma subscrição para pagar a multa imposta ao curandeiro barbeiro de Botafogo. Se todos, os que lhe devem benefícios, subscreverem o que teriam que pagar ao médico, o Bittencourt acaba por abandonar a tesoura, a navalha e o sabão e fundar um banco.

E, então, ninguém se lembrará de processá-lo, por mais que ilegalmente ele exerça a medicina e... as finanças. (Autor da matéria: Alceste).

Uma Entrevista com Inácio Bittencourt

(Publicada no “Correio da Manhã”, de 3 de março de 1921)

A Ciência Oficial e o Espiritismo

“A primeira, que pode até matar, veda ao segundo curar”

Uma Entrevista com o “Médium” Inácio Bittencourt.

É já do domínio público o fato, à primeira vista simples, de uma multa imposta pela autoridade competente do Departamento Nacional da Saúde Pública ao Sr. Inácio Bittencourt.

É o senhor Inácio Bittencourt um Espírita convicto, que vai para trinta e cinco anos, num sempre crescente apego às suas crenças, entendeu de ser útil ao seu próximo e, portanto, grato a Deus, combatendo com gotas homeopáticas o sofrimento do corpo dos que se lhe aproximam gemendo, e com meigas, convencidas palavras de esperança e de fé à tortura da alma dos que dele se acercam, em desespero, chorando.

Melhor do que quaisquer comentários, por mais numerosos e explícitos, definem os fatos a verdadeira emoção com que o público desta capital recebeu a notícia do ato do Departamento Nacional de Saúde Pública, multando em um conto de réis o Sr. Inácio Bittencourt.

De pronto, logo que pela imprensa se tornou público tal fato, de todos os pontos da cidade foram a ele endereçadas mil cartas, cartões e telegramas, assinados muitos por médicos legalíssimos, formadíssimos, que se não pejavam de dispensar ao “curandeiro” esse conforto moral. Afluíram-lhe à casa, modesta e pobre, mais do que nunca, as visitas. Concomitantemente, em um jornal, era aberta uma subscrição pública para o pagamento da multa, subscrição essa que atinge, em pouco tempo, quantia superior à suficiente.

Tomamos a resolução de procurar, para uma esclarecedora palestra, o próprio Sr. Inácio Bittencourt, singela causa de tão maravilhoso efeito.

Certos, porém, como estávamos de que tal palestra muito nos havia de preocupar o espírito – revelação que seria de um verdadeiro mistério – de bom aviso nos pareceu ouvirmos antes o advogado do Sr. Inácio Bittencourt, que protestara em juízo contra a multa, cumprindo-nos assim, desde logo, a obrigação que nos assistia de também informar o público acerca do que de banal encerra essa questão bem séria.

O Pensar do Advogado

O advogado do Sr. Inácio Bittencourt é o Sr. Aristides Spínola, também Espírita, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira.

Encontramo-lo no seu gabinete da sede da Federação, à Avenida Passos.

— Deseja ouvir o advogado de Inácio Bittencourt, não é assim? Perguntou-nos, risonho, o Sr. Spínola, simpático ancião, após o aperto de mão e às primeiras palavras nossas sobre ao que íamos.

Respondemos que sobre o momentoso caso quaisquer palavras sujas nos seriam úteis, por isso que providas de uma acatada autoridade no meio espírita.

— Não, tornou ele. Melhor será que deponha eu, nessa questão, como advogado..

— ... da vítima, dissemos.

Sorriu bondosamente o velho advogado.

— Diz bem – falou depois – da vítima. Sim, porque se trata de uma verdadeira coação, que nada explica e muito menos justifica. Inácio Bittencourt está de fato na situação de uma vítima da tirania materialista.

Embora fosse manifesta a boa vontade de S. S. em nos dispensar toda a atenção, notamos que se não podia furtar às múltiplas ocupações que o prendiam àquele “bureau”. Era atender a um, a outro. Era consultar uns papéis, assinar outros...

Foi com muita sinceridade que lhe dissemos, então:

— Muito nos pesa roubar-lhe o tempo, doutor. Queira dar-nos, por isso, o mais sinteticamente possível, a sua opinião...

— Sim; de advogado.

— É esta, disse ele: Inácio Bittencourt, como o sabe, foi citado, em 7 de janeiro último, por um médico assistente da Inspeção de Fiscalização do Exercício da Medicina, para pagar a multa de um conto de réis, por ter sido achado em contravenção do Regulamento Sanitário, dando consultas médicas.

Enviada a multa para o Juízo Federal, a fim de ser cobrada por ação executiva proposta pela Fazenda Nacional, representada pelo Adjunto do Procurador dos Feitos do Departamento de Saúde Pública, Inácio Bittencourt defendeu-se, alegando primeiramente (como preliminares) a incompetência da Justiça Federal para a cobrança de multas sanitárias” a ilegitimidade daquele adjunto para representar a Fazenda Nacional em Juízo, com exclusão dos seus procuradores, e a impropriedade da ação. Em segundo lugar, alegou que o auto não estava lavrado de conformidade com as disposições regulamentares e era insuficiente a cópia do mesmo auto, extraída de um livro de registro de multas da Inspeção de Fiscalização, a fim de autorizar o procedimento executivo; que o médico assistente da Inspeção de Fiscalização não tem competência para impor multas sanitárias senão em casos de verificação de óbitos e de causa-mortis; que a multa referida no auto, com fundamento no Art. 157 do Regulamento Sanitário, só atinge os profissionais que não registram os seus títulos ou licenças no Departamento Nacional de Saúde Pública. Os leigos, incursos em exercício ilegal da medicina, caso esteja em voga o Art. 156 do Código Penal, estão sujeitos às penas do mesmo artigo, que são multa e prisão, impostas por autoridade competente, mediante processo, com as garantias de defesa consagradas pela Constituição. Não estão sujeitos, porém, à multa administrativa, e assim já era pelos Regulamentos anteriores de 1904 e 1914,

Portanto, a multa é manifestamente ilegal e acresce que não houve nenhum auto, impondo a multa, mas apenas citação para o seu pagamento.

O médico sanitário fez ameaças na sede do Círculo Cáritas, cujos livros e papéis tentou levar, excedendo os limites das funções próprias do emprego, o que constitui crime punido pelo Código Penal. Por último, provou a defesa que Inácio Bittencourt, propagandista do Espiritismo, que é sua religião, presidente do Círculo Espírita Cáritas, da União Espírita Suburbana e do Abrigo Tereza de Jesus, tem a felicidade de possuir a mediunidade, já reconhecida por muitos cientistas e, como médium, não incorre em delito transmitindo revelações dos Espíritos sobre o tratamento de moléstias, como sobre outros assuntos.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Não explora doenças nem doentes, ao contrário, pratica a caridade, que é a máxima suprema do Espiritismo.

Faz sacrifícios, tendo a seu cargo numerosa família.

Exercendo a mediunidade, dom divino, em benefício da humanidade sofredora, pratica ato meritório e não incorre nem pode incorrer em delito.

E aqui tem o meu amigo – terminou o Dr. Spínola – a opinião que faço como advogado e também como homem de consciência, desse caso do dedicado Espírita Inácio Bittencourt, opinião que muito gostosamente transmito ao honesto Correio da Manhã.

O Médium Fala ao Correio da Manhã

Por ele recebidos com a mais carinhosa gentileza, o “médium” Inácio Bittencourt, deu-nos, de pronto, a mais agradável impressão.

É um homem de face algo severa, onde não há, porém, nem sombra de dureza, sendo-lhe permanente um sorriso muito meigo, talvez triste...

Durante muito tempo conversou conosco, sentado em frente à sua secretária, no gabinete de trabalho da casa que habita, à Rua Voluntários da Pátria nº 18.

Pequena, mobiliada modestamente, naquela sala é, todavia, agradável a permanência. Arejam-na duas janelas, rasgadas para a Rua Voluntários da Pátria.

Pelas paredes, poucos, mas lindos – piedosos, sobretudo – alguns quadros: Jesus ante Pôncio Pilatos, Jesus no Horto das Oliveiras...

É naquele edifício que funciona o Círculo Espírita Cáritas, associação de caridade, como indica o seu nome, fundado pelo nosso entrevistado.

Valendo por outros tantos documentos sagrados, de que se orgulham os crentes que ali se reúnem, por isso que valem por expressões de inteligência umas, de elevados sentimentos morais outras, várias fotografias em bom tamanho ornaram as paredes da sala principal do sobrado, em que têm lugar as sessões. São retratos de William Crookes, Bittencourt Sampaio, Léon Denis, Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Richard e de outras individualidades superiores sobre quem descansa o Espiritismo a certeza do valor da sua Doutrina.

Maior que os outros e a todos dominando, pende da parede, por sobre a mesa que preside as sessões, um quadro magnificamente trabalhado, representando Jesus em oração.

Visitado que foi por nós o sobrado, constante, aliás, apenas do salão das sessões, da sala em que o Sr. Bittencourt tem o seu gabinete e de uma pequena saleta, tivemos, em seguida, o grato prazer desta palestra com o piedoso Espírita:

— Sou muito grato ao Correio da Manhã, disse ele, pela maneira bondosa por que já se referiu a mim, sendo por isso para mim um grande prazer ser-lhe útil – se é que possa haver utilidade em qualquer movimento, de minha parte, com relação a esse grande jornal.

Fale-nos do seu caso, ou melhor, acrescentamos, fale-nos de si mesmo, da sua vida, das suas curas...

O nosso interlocutor, sorrindo, teve o gesto de quem implora, para dizer em seguida

— Falar de mim, para quê? Mas, se eu nada tenho feito! Se sou apenas um instrumento da bondade divina! Tenho sido benéfico a alguém? Nesse caso, que esse alguém agradeça a Deus, que só d'Ele vem o bem.

— Linda crença! Exclamamos sinceramente abalados pela maneira sincera por que aquelas palavras eram enunciadas.

— É, no fundo, a crença de todos, meu amigo. Simples questão de forma.

Então numa linguagem muito simples, em que se presentia um apóstolo tão cheio de fé como de modéstia, o Sr. Inácio Bittencourt discorreu por algum tempo acerca da idéia de Deus.

A grande Guerra Européia é, a seu ver, a morte do materialismo. Os próprios políticos, até então tão surdos aos brados da fraternidade, do altruísmo, procuraram governar hoje os países atendendo a princípios que, apressadamente, mesmo tumultuariamente, estabelecem, inspirados num sentimento inédito de concórdia universal.

Diante de fatos dessa ordem – comentou risonho o Sr. Bittencourt – é com verdadeira piedade que encaro o meu insignificantíssimo caso. Mas uma idéia sagrada; um ideal que só da palavra divina se alimenta, podem os homens matar? Acaso o que eu faço, mercê de uma força extramundana, pode ser destruído com a perseguição que os deste mundo ora me movem? Mas, morto que eu fosse, destruído não estaria a causa! Se ela não está em mim!...

O meu caso, repito, meu amigo, é de nenhuma importância, visto que ele seja do ponto de vista Espírita, do ponto de vista cristão. Só a contingência de habitar um meio como este, idêntico, aliás, a todos os outros, assediado por mil responsabilidades apenas à vida material de cada dia, só esta contingência é que me leva a tomar na devida consideração um fato em que se acha envolvido o meu nome, que é, afinal de contas, o de um homem de bem...

Erram os que me perseguem. Tenho obrigação de defender-me, quando mais não seja para esclarecê-los, fazendo-os voltar à razão, o que redundará num ato, da minha parte, absolutamente cristão: corrigir os que erram. E quem sabe, além do mais, se, levando eu a melhor nesta questão, não terei com isso impedido injustiças iguais para o futuro?

Constituí, como sabe, advogado, que é meu muito prezado irmão Dr. Aristides Spínola. Tenho, graças a Deus, a certeza de que não serei vencido.

Interrompemo-lo, nesta altura, para lhe perguntarmos se de fato havia requerido, na 1ª Vara Federal, uma ordem de “habeas-corpus”, conforme constava nos jornais do dia.

— É tudo uma fantasia, respondeu-nos. Tenho até aqui, a propósito, o desmentido que vou mandar à imprensa.

E tal dizendo, abriu a porta de sobre a secretária, de onde tirou a seguinte carta, escrita à máquina, que nos leu:

“Sr. Redator: – Lendo o Correio da Manhã de ontem, fui surpreendido com a notícia de um pretendido “habeas-corpus”, requerido em meu favor, perante a 1ª Vara Federal.

É pena que não tivesse sido publicado o nome desse gracioso defensor, impetrante do “habeas corpus”: Não requeri nem autorizei pessoa alguma a solicitá-lo.

Tendo sido multado pela Saúde Pública, corre pelo Juízo Federal o primeiro processo para a respectiva cobrança, do qual, deduzi a minha defesa. A questão está, pois, “sub judice”. Parece-me que o oficioso recurso de “habeas-corpus” não passa de uma manobra, solicitada por parte de adversários meus ou do Espiritismo.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me etc.”.

— Eis aí, disse, terminando a leitura. Tenho motivos para acreditar se trate mesmo de uma cilada. Posso ter desafetos, mas, graças a Deus, não tenho inimigos, pessoais pelo menos. Os meus inimigos hão de ser os do Espiritismo.

Ora, muito grato lhes seria se tornassem o meu caso o mais escandaloso possível. E escandaloso já seria que eu fosse pedir à Justiça tão falível dos homens um direito que, a meu ver, Deus confere a todos, qual o de ser útil ao próximo.

O crime por que me querem punir, em suma, é este: Sou um crente do Espiritismo há 35 anos. Pela bondade de Deus, fui dotado do dom da “mediunidade”, pelo qual me é dada a fortuna de poder atenuar ou mesmo curar os males do corpo e do espírito aos que me procuram.

Sou um apóstolo da minha fé desde o primeiro instante em que ela me iluminou o espírito.

Propago-a, na medida das minhas forças, pela palavra e pela escrita, professando-a, orgulhoso, à luz do Sol.

Jamais me nego aos que me procuram solicitando alívios. Impede-me procedimento contrário à Sagrada Doutrina por que me bato, doutrina que decorre de uma idéia que é a mais alta expressão do Cristianismo.

Não deixe de dizer no Correio da Manhã que eu não propino o remédio, indico-o, apenas. Também não indico farmácias, visto não ter interesse algum em nenhuma delas. Parece-me oportuno que saibam disto os médicos da Saúde Pública e os outros...

Pedimos ao Sr. Bittencourt nos dissesse como distribuía o seu dia de trabalho, que sabíamos ser grande.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

— Das 8 às 14 horas – respondeu-nos – atendo aos doentes, trabalho que se prolonga, muitas vezes, até às 16 horas. Em seguida trato da correspondência que orça por 50 cartas diárias. Depois, até às 10 da noite, presido sessões doutrinárias e práticas, que se realizam aqui no Círculo Espírita Cáritas, na União Suburbana e no Abrigo Tereza de Jesus.

Há, além de tudo isso, a propaganda dominical nos subúrbios e nos Estados mais próximos da capital.

— E então! Mas como Deus me valho de crente? Perguntamos. — E então! Mas como Deus me paga!...

O Sr. Inácio Bittencourt terminou, então, falando da compensação de tanto esforço seu. Essa compensação era o conforto moral de sólidas amizades e a dedicação incondicional de inúmeros corações.

Foi-nos dado verificar, a propósito, que S. S. desfruta de um vasto e escolhido círculo de relações amistosas.

Ainda agora, tal conforto culminou com a solidariedade moral que lhe foi prestada por inúmeras pessoas. E digamos, para terminar, que alguns nomes, conhecidos que fossem do público, haviam de abrandar, ou mesmo inutilizar, a má vontade dos que hostilizam o Sr. Inácio Bittencourt. (O P).

Absolvição do Supremo Tribunal Federal

(O texto a seguir foi retirado de “O Paiz”, de 28 de outubro de 1923)

(Parte deste mesmo texto foi publicada no “Jornal do Commercio”)

Grande parte da sessão de ontem do Supremo Tribunal Federal foi preenchida com o julgamento da apelação interposta por Inácio Bittencourt da decisão do Juízo Federal, que o condenou a pagar a multa de um conto de réis, por exercício ilegal da medicina. O caso é bem conhecido.

Inácio Bittencourt é um dos mais esforçados apóstolos de uma grande seita, em que se pratica o bom Espiritismo. Dotado, como outros companheiros, do dom da mediunidade, Inácio Bittencourt, além de doutrinar, vive, dia e noite, a receber para inúmeros doentes, que o procuram e que são atendidos sem distinção de classe e na ordem em que chegam. Esses doentes recebem as suas receitas e palavras de conforto, sem que direta ou indiretamente, espontaneamente ou não, tenham que pagar qualquer contribuição.

A Saúde Pública, no dia 4 de janeiro de 1921, por intermédio do médico Dr. José Bonifácio Paranhos da Costa, impôs a multa de 1:000\$ a Inácio Bittencourt, que, segundo o auto então lavrado, naquele dia fora encontrado no prédio nº 18 da Rua Voluntários da Pátria a dar consultas médicas, sem estar legalmente habilitado, infringindo assim as disposições do Art. 157 do Regulamento da Saúde Pública.

Não havendo satisfeito a multa imposta, foi contra ele movido o executivo fiscal, em o qual se defendeu, depois de depositar a quantia pedida, alegando: a) a incompetência do Juízo; b) a ilegitimidade do Procurador da Saúde Pública que funcionou no pleito; c) a impropriedade da ação proposta; d) a nulidade do auto de infração e do de multa; e) a ilegalidade da multa, e f) finalmente, que não se verificava absolutamente a violação do regulamento da Saúde Pública, pois que o executivo não exercia a medicina, mas a mediunidade.

O juiz julgou improcedentes todas as alegações da defesa e manteve a penhora realizada, e dessa sentença apelou o executado para o Supremo Tribunal Federal, onde foi ontem o feito julgado, em consequência de preferência anteriormente concedida.

O Relator, Sr. Ministro Muniz Barreto, depois de detalhado relatório, passando a dar o seu voto, declarou que dava provimento à apelação interposta, não pela incompetência de Juízo, nem pela ilegitimidade do Procurador, nem pela impropriedade da ação, mas pela imprestabilidade do auto de infração e isso porque o que se encontrava nos autos e constituía a base do processo contra o executado estava em flagrante desacordo com a lei. De fato, exige esta, no Art. 1171, que o auto de infração seja circunstanciado, o que não se verificara com o

paciente, pois que no auto contra ele lavrado apenas se dizia que fora ele encontrado em contravenção ao regulamento sanitário, por dar consultas médicas. Nessas condições, S. Ex., depois de desenvolver longamente o seu voto, declarou que dava provimento à apelação, para julgar nulo todo o processado, por ser nulo o auto que o instruiu.

O 1º Revisor, Sr. Ministro Pedro Mibielli, abundando nas mesmas considerações do Relator, divergiu, entretanto, de S. Ex. quanto ao eleito do recebimento da apelação, que S. Ex. recebia, não para anular o processo, mas para receber os embargos opostos à penhora e julgar improcedente a ação, já por ser nulo o auto de infração, lavrado contra o embargante, já porque, mesmo que válido fosse, ele ainda assim não se teria verificado a infração, pois que não teria havido violação do regulamento sanitário e, quando muito, uma infração da lei penal.

O Sr. Ministro Viveiros de Castro, 2º Revisor, também de acordo com o Sr. Ministro Pedro Mibielli, propõe provimento à apelação para julgar improcedente a ação, por isso que o auto de infração, base do provimento judicial, era contrário à lei. Mesmo, porém, que fosse regular, ainda assim S. Ex. julgaria improcedente a ação, pois que não teria o executado cometido a infração que lhe era imputada, porquanto não se lhe poderia acusar de falso exercício da medicina.

De fato, não pode exercer a medicina quem exerce um culto, que não dá receitas, mas cura por meio de elementos imateriais, por sugestão, quem dá conselhos em obediência a uma crença. E como, em matéria de religião, é livre a qualquer seguir a que melhor lhe pareça, não vê como se possa acusar de infrator a quem cultua uma seita.

O Sr. Ministro Arthur Ribeiro também dava provimento à apelação, mas para anular o processo, de acordo com o Relator.

Ao contrário, o Sr. Ministro Geminiano de Franca se inclinava para a solução proposta pelos Revisores, com os quais votava.

O Sr. Ministro Pedro dos Santos e bem assim os Srs. Ministros Edmundo Lins e Hermenegildo de Barros anulavam o processo pelos fundamentos expostos pelo Relator, visto ser nulo o auto de infração em que se baseara o executivo fiscal.

Ao contrário, os Srs. Ministros Leoni Ramos e Guimarães Natal julgavam improcedente a ação de acordo com o Revisores.

O Sr. Ministro Godofredo Cunha, ao contrário dos seus colegas, negava provimento à apelação, pois que, tratando-se de executivo fiscal, nenhuma defesa podia ser aceita, senão fundada nos três únicos casos em que a lei admitia, o que se não verificava na hipótese.

Assim, empatada a solução entre julgar-se nulo o processo ou julgar-se o mesmo improcedente, o Sr. Ministro André Cavalcanti, na Presidência, desempatou de acordo com os seus Revisores, julgando improcedente a ação.

Obituário Publicado na Revista Internacional de Espiritismo **(15 de março de 1943)**

Mais um pioneiro do Espiritismo acaba de regressar à Pátria Espiritual, Inácio Bittencourt, um dos mais devotados trabalhadores da Seara Cristã, cujos exemplos de caridade, perseverança, tenacidade e humildade, constituem uma bússola para todos quantos porfiam por entrar no reino de Deus, em demanda por seus gloriosos destinos.

Inácio Bittencourt, que se libertou dos liames materiais aos 81 anos, em sua modesta residência, à Rua Rodrigo de Brito, 24, Capital Federal, no dia 18 do mês passado, pelas 2 horas da madrugada, deixou aberta, no seio da grande família espírita brasileira, imensa lacuna, que não será tão fácil de ser preenchida, mormente nestes tempos de confusão, em que o personalismo parece sobrepujar as virtudes que devem exornar o espírito dos que se afirmam verdadeiros cristãos.

A notícia do seu passamento espalhou-se rapidamente não só na Capital Federal, como em quase todos os Estados do Brasil, onde Inácio Bittencourt conta com inúmeros admiradores. Alguns diários dos mais importantes da imprensa profana, noticiaram, embora laconicamente, o

desencarne desse vulto do Espiritismo, sinal frisante de que o seu nome é conhecido até fora do cenário espírita. Foi por intermédio de um desses diários de grande circulação que soubemos do passamento desse companheiro.

Ao correr a notícia do seu passamento, começou a romaria à residência desse Apóstolo do Espiritismo. Ricos e pobres, pretos e brancos, altas personalidades, intelectuais e os artistas em geral, foram, pela derradeira vez, contemplar o corpo daquele justo, numa demonstração de solidariedade à família desolada, num culto de estima, amor e consideração.

Creemos que nenhum Espírita, como nós, desconhece a atuação de Inácio Bittencourt na Doutrina. O seu trabalho se desenvolveu sem tréguas e, animado por aquela fé característica dos grandes missionários do Bem e da Verdade, ele traçou e cumpriu à risca um programa que constituiu o principal objeto de suas nobres e cristãs aspirações: pregar a doutrina evangelicamente, não só por palavras como principalmente por obras.

Inácio Bittencourt era, ao tempo em que ingressou no Espiritismo, um modesto oficial de barbeiro, exercendo a sua profissão à Rua Voluntários da Pátria, Capital Federal, tendo, mais tarde, adquirido a barbearia onde trabalhava.

O seu ingresso no Espiritismo deveu-se pela porta do estudo, depois de ter sido testemunha de um desses fatos extraordinários que obrigam o indivíduo a desviar o rumo de suas idéias para um campo mais amplo e promissor: o da espiritualidade.

Lera “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, e isso fora o suficiente para fazer penetrar-lhe na alma os primeiros albos da Verdade e o desejo de dar início a uma tarefa que deveria alcançar a magnitude que alcançou.

Estudando, pregando e praticando a Doutrina, Inácio Bittencourt, em pouco tempo, tornou-se um dos oradores mais apreciados, dedicando-se, com especialidade, à pregação do Evangelho, não só na Capital Federal, como no interior do país.

Era um médium inspirado e receitista. Como médium receitista, conquistou tal popularidade em todo o país, pelas curas operadas, que atendia, diariamente, em seu modesto consultório, à Rua Voluntários da Pátria, 20, entre 500 e 600 pessoas.

Com a multiplicação, logo entrou em cena o trabalho anticristão dos que se julgavam prejudicados com as receitas gratuitas de Inácio Bittencourt, os quais, sob pretexto de que ele exercia ilegalmente a medicina, processaram-no várias vezes. Mas, como esse apóstolo da caridade estivesse sob a proteção do Alto, as sentenças sempre lhe eram favoráveis.

Ao tempo em que Leopoldo Cirne, outro Apóstolo do Espiritismo, era presidente da FEB, Inácio Bittencourt exercia, nessa entidade, o cargo de vice-presidente e estava sempre em contato com os luminares do Espiritismo dessa época: Bezerra de Menezes, Sayão, Bittencourt Sampaio etc.

Dando cumprimento ao seu programa de ação no campo da Doutrina, Inácio Bittencourt fundou, em 1919, o Abrigo Tereza de Jesus, destinado a abrigar a infância desvalida. Como presidente perpétuo dessa instituição, dirigiu-a até os seus últimos momentos de vida terrena. Fundou, há trinta anos, “Aurora”, que é um dos baluartes da imprensa espírita, com ampla circulação por todo o país.

Há cinco anos, mais ou menos, Inácio Bittencourt, acometido por pertinaz enfermidade e já alquebrado ao peso dos anos, foi obrigado a deixar definitivamente as suas atividades. Estava cumprida a sua tarefa neste mundo.

O sepultamento do corpo de Inácio Bittencourt realizou-se nesse mesmo dia, às 17 horas, com enorme acompanhamento, na necrópole de São João Batista.

A beira do túmulo, usou da palavra, pelo Abrigo Tereza de Jesus, o Dr. Sylvio de Brito Soares. Em seguida, em nome da família Espírita brasileira, falou o confrade Dr. Henrique de Andrade, que terminou a sua belíssima oração concitando os Espíritas a seguirem as pegadas de Inácio Bittencourt, que só espalhou o Bem e a Caridade, cumprindo fielmente as verdades evangélicas, das quais foi um dos lídimos representantes.

Inácio Bittencourt, amigo dos humildes, amparo dos necessitados, médico da alma e do corpo e paladino das verdades crísticas, recebe o nosso testemunho de amor, estima e admiração; e que, como o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, possas auxiliar os teus

dignos sucessores no prosseguimento de tua grandiosa obra, bem como nós outros que, nesta tenda cristã, estamos identificados com o teu nobre trabalho.

Dois Lindos Casos Contados por Ramiro Gama
(Retirados do Livro “Seareiros da Primeira Hora”, Editora ECO, 1968)

Conforme escrevemos em nosso livro “Lindos Casos de Bezerra de Menezes”, Inácio Bittencourt foi um dos primeiros oradores espíritas que ouvimos e quando não tínhamos nenhuma simpatia pelo Espiritismo.

O “Fé e Esperança”, de Três Rios, no Estado do Rio, estava com seu grande salão de conferências completamente lotado. José Vaz, estimado industrial, Espírita convicto e que o presidenciava, convidou o que Três Rios possuía de valor nas Artes, no Comércio, na Indústria e no seu Meio Social.

Zacheu Esmeraldo era um médico inteligente, culto, que ali chegara, obtendo grande clientela. Estava também na assistência.

Isto nos surpreendia e nos fazia pensar.

A curiosidade era grande.

Foi dada a palavra a Inácio Bittencourt. Calmo, limpou a *pencinez* com um lenço alvo. Bebeu água e olhou o auditório. E seu olhar possuía algo que nos comovia. Parecia que alguém o vestia de luz, tão calmo se nos parecia.

Com gestos comedidos, começou a falar. Proclamava o Espiritismo como algo sublime, mas tão pouco compreendido e, por último, combatido. Demonstrou-no-lo como Ciência, depois como Filosofia e, por último, como Religião. A palavra lhe saía dos lábios fácil como uma água cristalina de uma fonte. Não titubeava. Vinha-lhe a idéia espontânea, a calhar.

Deslumbrou-nos, sensibilizou-nos

Citou fatos. Lembrou as perseguições sofridas no apostolado mediúnico. Demorou-se, demonstrando-nos como o Espiritismo consola e salva, citando fatos obtidos entre seus consulentes, doentes da alma e do corpo.

Satisfez, contentou, alimentou de luz a enorme assistência.

A sessão terminou deixando no ar algo que não entendíamos, mas que nos dava bem-estar, uma alegria interior.

Cá fora, ouvimos que Zacheu Esmeraldo comentava com alguém:

— Fiquei surpreso. Como pode saber tanto uma criatura que foi meu barbeiro na rua Voluntários da Pátria!...

E esse alguém lhe respondeu inspiradamente:

— No Espiritismo é assim, os que se fazem menores, mais humildes, são os que merecem, como Inácio mereceu, a ajuda do Alto e realizar, como ele realizou, um trabalho do Senhor!

E fomos para casa, levando dentro de nós o comentário ouvido.

Então, tinha de ser assim. O Espiritismo era mesmo uma Verdade. E, para ser compreendido, era preciso que o procurássemos, pelo menos, vestidos de humildade.

Pela primeira vez, começamos a pensar nessa Virtude e traduzir porque Bezerra de Menezes havia deixado títulos e honrarias para ser, como fora, o Médico dos Pobres, o Servidor Leal de Jesus, Nosso Senhor!

Outro Caso

Dentre tantos Casos Lindos de Inácio Bittencourt, registramos aqui apenas este e por ele veremos como servia até quando seu corpo descansava, dormindo.

Alguém, alta noite, telefona para a casa de Inácio Bittencourt. Era um pai aflito, com a filha desenganada pela Medicina da Terra, que desejava apelar para a sua mediunidade de receitista. Da casa do velho Servidor de Jesus, alguém atende. E, inteirado do que se passa, receita. O pai aflito toma nota dos medicamentos e da maneira como administrá-los.

Dias depois, melhorada a filha, vai ele ao consultório de Inácio para lhe agradecer o sacrifício de o haver atendido naquela hora da noite, quando lhe telefonou.

E Inácio, que sabia que ninguém o acordou e que não havia dado nenhuma receita pelo telefone, respondeu-lhe, sensibilizado:

— Agradeça, meu filho, a cura de sua filha ao Divino Médico, que é Jesus. Somos apenas humildes e desvaliosos intérpretes da sua Vontade...

E, depois, a sós, Inácio ora a Jesus e lhe agradece o auxílio, porque, sempre, ao deitar, não deixava de pedir ao Amigo Celeste para permitir que, mesmo quando o corpo ia descansar, permitisse que, em Espírito, continuasse servindo, amando e passando...

Parte 2 – Mensagens dadas em Vida

Mensagens de Inácio Bittencourt (Em Vida)

1. Allan Kardec

(Publicada no “Reformador”, de outubro de 1895 e de outubro de 1949)

Mestre! Na constelação brilhante da moral, Jesus é o Astro-Rei; Sócrates, Platão, Confúcio, Moisés, e muitos outros, fulguram na noite do passado.

Vós sois o satélite rutilante que, na escuridão descrente do século das luzes, viestes iluminar a inteligência humana e dar crença à alma sedenta de amor e de verdade.

Filho de vossa clareante doutrina, um ente da luz que o Astro irradia, espero com fé a radiosa aurora, de futuro próximo, de paz e de amor, o amplexo doce e sorridente que nos trará Aquele, de que vós, na estrada do progresso, sois o transmissor da moral e da verdade.

Mestre, ala-se meu ser humilde aos pés do Pai, e pede, consciente de ser ouvido, uma centelha mais de sua luz, um átomo mais do seu puro amor, para mais e mais irradiar amoroso, que, no século das luzes, foi a luz do século.

Inácio Bittencourt.

2. Hoje e Amanhã

(Publicada no “Reformador”, de 1º de fevereiro de 1903)

É geral a queixa, é constante a grita provocada pelos sofrimentos que, na atualidade, nos oprimem, dadas as condições do meio social em que vivemos, o estado de atraso em que nos achamos, a falta de moral que nos rodeia, a ausência de justiça que nos cerca; e inúmeras outras causas de dores afligem a humanidade de que fazemos parte, na época difícil que atravessamos.

É geral o clamor, é geral o sofrimento, é geral a luta. E onde encontrar o remédio?

Cada um por seu lado o procura na esfera de seus conhecimentos filosóficos, políticos ou religiosos; mas todos vacilam no resultado prático de suas idéias, ou pela dificuldade de sua generalização compreensiva ou ainda pela sua inexequibilidade.

O Espírita não tem que vacilar. Ele tem nos sentimentos hauridos nas obras do Mestre a indicação das causas dessas dores e dessa luta de hoje, como herança lógica de ontem, e sabe que, obreiro que é de sua felicidade ou desgraça, prepara o dia de amanhã com a semente dos bons ou maus sentimentos que for implantando em seu coração.

A cada um segundo suas obras, disse o divino modelo do Espírita.

Se assim é, como a nossa razão bem alto nos afirma, qual o nosso dever em face da grande responsabilidade que contraímos com Jesus, aceitando esta existência, com o fim de sermos os arautos do seu amor e de seus ensinamentos, como discípulos que desejamos ser do seu Evangelho?

A luta está travada. E, se a época atual é de lutas e de amarguras – consequência justa e lógica do acervo de erros do nosso passado, individual ou coletivo, possuindo hoje o santelmo da verdade, que, com segurança, nos guia ao levantamento moral de nossas almas e a condições de felicidade, que não podemos gozar hoje, tolhidos pela lepra de nossas paixões – procuremos, com afinco e coragem, despir-nos delas, para que, em novas existências, que o Bom Pai nos concederá,

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

não soframos as suas conseqüências, agravadas então pelos deveres que nos impõe a luz da nova revelação.

“Sede precursores de vós mesmos”, nos disse em uma comunicação recebida em um grupo íntimo um Espírito de luz! Achamos altamente filosófico este conceito; porque, se o dia de hoje é a conseqüência lógica do dia de ontem, o dia de amanhã será a conseqüência fatal do dia de hoje; e segundo o uso que fizermos do nosso livre-arbítrio e dos conhecimentos que, por misericórdia do Pai, nos são revelados, assim será feliz ou desgraçado esse amanhã, quer como Espíritos no espaço, quer como criaturas na subseqüente vida planetária.

Volvendo à Terra em novas existências, fazendo parte de novas sociedades, traremos as aquisições que hoje houvermos em nós acumulado, e viremos encontrar desenvolvida a árvore do progresso em cujo crescimento tivemos colaborado.

Os nossos filhos de hoje serão talvez nossos avós, e os sentimentos que implantarmos hoje em seus corações, os exemplos que lhes dermos, eles os farão produzir e frutificar, no novo meio, lançado às bases da nova ordem social e moral, que nos atingirá de fato a nós mesmos, como prêmio ou castigo do bom a mau uso que tenhamos feito dos ensinamentos de Jesus, mediante a revelação trazida pelo Espiritismo, de que nos presumimos portadores e apóstolos.

É, portanto, nosso dever dar o exemplo de tolerância, caridade e indulgência às faltas de nossos semelhantes, pontificando no lar, como no convívio social, o amor e a humildade, os sentimentos de paz e de justiça, por essa forma cimentando nos corações a resignação e a fé, numa palavra, preparando as novas gerações para o verdadeiro reinado do Cristianismo, cujos elevados ideais, postos em prática, trarão a calma aos desassossegos da hora presente, por encerrarem a solução de todos os problemas que nos agitam e o segredo da felicidade individual e social que o homem e a humanidade aspiram.

Sabemos que a nossa época é de transição; que elementos de treva, aferrados à ignorância interesseira do passado, escravizados à estática do dogmatismo, ou ainda à fatuidade científica, nos oferecem luta, e lista sem tréguas. Sejam fortes, dando combate a esse inimigo que está em nós mesmos, porque o ódio, a ignorância, a maldade, de quem quer que seja, não nos afetarão, se em nós não encontrarem a necessária e correspondente afinidade.

Sejam cristãos, enfim, no sentir e no proceder. E, se somos hoje um reduzido núcleo, seremos amanhã a maioria, talvez, e, com o amor de Jesus em nossos corações, com a sua doce paz em nossas consciências, poderemos expelir deste mundo o mal, que é o orgulho que ainda o domina, que todos sentimos e sofremos, fazendo raiar a aurora da regeneração que nos foi prometida, e que será uma realidade, quando esse desejo sincero for a aspiração da maioria dos filhos de Deus na Terra.

Inácio Bittencourt.

3. Ao Mestre

(Publicada no “Reformador”, de 31 de março de 1903).

A trinta e um de março de 1869, quando teu luminoso espírito deixou as brumas da Terra, alguns milhares de adeptos sinceros, cônscios de tua obra grandiosa, elevavam seu pensamento ao Pai, em homenagem a ti.

São passados trinta e poucos anos apenas e, das quatro partes do planeta, milhões e muitos milhões de discípulos, gratos e amorosos, enviam-te o ósculo do reconhecimento e da veneração, porque a tua obra lhes trouxe – e trará a todos – aquilo que o mundo absolutamente não lhe poderia dar: a felicidade.

Semeador celeste, eis a tua recompensa! Mestre, eis a tua apologia!

Inácio Bittencourt.

4. O Consolador **(A Allan Kardec)**

(Publicada no “Reformador”, de 3 de outubro de 1903).

Voz daquele que no deserto clama
Do coração da cega humanidade,
E que da lei ao cumprimento chama,
Lei de Deus, lei de eterna majestade;
De Jesus, fora ele o Precursor,
Enviado do Astro que anuncia
Ante a face e que, à luz do sol do amor,
Qual Cordeiro de Deus resplandecia.
E este, à Terra, a promessa nos legou:
De Verdade o Espírito enviar
Que à treva esclarecesse o negro abismo.
Por ti, Mestre, a promessa realizou,
Vindo as almas, no mundo, iluminar,
Ao excelso clarão do Espiritismo.

Inácio Bittencourt.

5: Ao Mestre

(Publicada no “Reformador”, de 31 de março de 1905)

As conquistas do Amor e da Verdade, ou a Virtude e o Saber, são o que dá ao homem a primazia e superioridade que o caracteriza como rei da Criação.

É abrindo as estradas do progresso, iluminando com o fulgor do seu gênio as eras da ignorância e preparando as gerações para a escalada do futuro, que os missionários de Deus se elevam acima de suas épocas e, meteoros da Providência na noite caliginosa da vida terrena, se tornam os luzeiros guias da humanidade à conquista das virtudes, que é o seu objetivo superior.

Na constelação de altos espíritos prepostos ao progresso da Terra, e cujo número, para nós incalculável, só Deus conhece, fulgura, amado Mestre, o nome Teu, que não pode, não deve deixar de suscitar, neste dia, os tributos dos corações gratos, pelo muito que te devem, como enviado do Bom Pai, pela felicidade e pela paz, pela alegria e pela luz que nos trouxeste, fazendo-nos conhecer esse Criador terno e justo, misericordioso e bom, sempre pronto ao perdão e à indulgência por todos os seus filhos, jamais lhes recusando os meios de reparação de suas faltas, até que, apagados os seus últimos vestígios, sejam admitidos à bem-aventurança a que os destinas.

Mestre! Nesta data em que o teu alevantado espírito reconquistou a liberdade, ascendendo a haurir no seio de Jesus – Verbo de Deus – a compensação às torturas porque te fizeram passar os homens a quem tanto beneficiaste, consente que aqueles que já têm a felicidade de te conhecer entoem os hinos de gratidão a ti, pedindo ao bom Deus, permita que bem cedo baixe de novo o teu espírito, em complemento de sua missão, com grandeza da mesma serena coragem, a reanimar os fracos, esclarecer os cegos e levantar os caídos na estrada de Damasco.

Mestre! A luta está travada, bem o sentimos. Roga ao Pai por aqueles em cujos corações germinam as primeiras sementes de tua Doutrina, que representa o amor de Jesus. Mas roga também por aqueles que não sabem o que fazem!

Inácio Bittencourt.

6. Ao Mestre

(Publicada no “Reformador”, de 3 de outubro de 1903)

A crença é como hera,
Que sustenta e dá ainda
Uns tons de primavera
Aos velhos torrões góticos a cair.
(G. Junqueiro).

Ao visitar, há dias, o decano dos cultores da Nova Revelação, do mais antigo dos Espíritos, do mais simples e sincero dos crentes, para quem o mundo não tem mais seduções, para quem desapareceram na Terra todas as ilusões, efêmeras e vãs; que, com dificuldade se move em poucos e vacilantes passos, e cujo organismo, depauperado pela moléstia e o peso dos anos, como que natural e logicamente pende para o solo, nós tivemos vívida e perfeita prova do conceito do filósofo-poeta na virilidade da crença, na grandeza da fé, na clarividência do espírito adiantado que se patenteia, não obstante a deficiência dos meios de que dispõe no organismo material.

“Preciso trabalhar: preciso fazer alguma coisa, que não tenho feito nada”, nos disse esse confrade com a convicção do humilde e sincero discípulo de Jesus, que pela primeira vez se dispõe ao trabalho da santa causa.

Mas como pode ser isso, se é o mais velho dos Espíritos que fala?

Como pode começar aquele que todo mundo vê que se vai aproximando do fim?

Como pode ter firmeza e virilidade para a luta aquele que, decrépito, vacila e cai com a frieza dos anos e o alquebramento da moléstia?

De uma forma muito simples: é que sob o teto carcomido dum organismo que tomba para a campa, vive um Espírito que tem fé, um Espírito que tem luz.

Essa crença lhe dá o viço da juventude, a aspiração para o ideal do Bem, que é Deus, Criador e Pai.

Essa fé esclarecida pela razão lhe dá a certeza de que nada morre, de que tudo vive, tudo trabalha, tudo progride; de que não há nada perdido, nada que finde, mas que tudo se renova, tudo se transforma na lei da vida eterna e imutável.

E quando o organismo cai, o Espírito se levanta e se evolva à plena luz de que é dotado, patrimônio alcançado por seu próprio esforço, que lhe, dá na Terra, a luz do entendimento, no espaço, a luz da felicidade e a posse das bem-aventuranças no seio de Jesus, no céu, enfim!

Edificante exemplo!

Quando o crente de qualquer religião estaria acabrunhado e sucumbido, desesperançado de tudo e de todos, lamentando-se, desiludido da cura do seu corpo, sem pensar na alma, em que geralmente se não cuida, o Espírita, ao contrário, mostra-se animado, sereno e confiante, cheio de aspirações para a propaganda da Verdade, para a obra santa do Divino Messias, certo de que essa obra é a mais meritória, a mais bela das missões, única que pode dar ao ser a felicidade que o mundo não proporciona, porque não tem em si o amor que edifica e a fé que eleva.

Mestre! Se pelos frutos se conhece a árvore, nos te ofertamos doce rebento da árvore de amor que nos trouxeste e na qual nossas almas famintas saciam a fome de crença que não possuímos, e, em face deste edificante exemplo de fé, se curvam, humildes, bem-dizendo a fonte de tão cristalina linfa, sacrário de pérolas puríssimas, que esmaltarão a terra no dia em que os corações dos filhos de Deus forem o templo da humildade, neles adorando em espírito e verdade o Deus-uno, o Deus-espírito que nos revelou o Divino Mestre e o Espiritismo nos faz mais amplamente conhecer.

Inácio Bittencourt.

7. Ao Mestre

(Publicada no “Reformador”, de 3 de outubro de 1906)

Serena e fresca ia a tarde. O sol no ocaso desprendia os já empalidecidos raios e a brisa, recolhendo o perfume das flores, embalsamava docemente a atmosfera.

A convite tão sugestivo da natureza, não pôde meu espírito recusar um devaneio, para gozar, ainda que por um momento, as belezas que o Criador tão prodigamente derramou na Sua Criação.

Num vasto e bem cuidado jardim público, fruto dos modernos progressos, nesta abençoada Terra de Santa Cruz, em que o sinal dos tempos se nota no afã com que o homem, com a inteligência e o poder da vontade, transforma rapidamente um pântano insalubre em oásis delicioso, cujo espetáculo delicia a alma, em meio das lutas da vida, assisti à cena tocante e delicada que se segue.

Carinhosa mãe acompanha seu filhinho no passeio da tarde, em volta dos canteiros floridos circundados por esse tapete cor de esmeralda, sem igual no mundo, que é o gramado dos nossos parques, artisticamente recortados nas mil formas de desenhos vários.

Essa mãe modelo ensinava o seu filhinho uma página de história natural em face da própria natureza, que, auxiliada e ampliada pela inteligência do homem, variava ainda mais as belezas que o Criador lhe imprimiu, para o gozo de seus filhos.

E a criança, alegre e faladeira, queria saber tudo, tudo examinar, tudo movimentar com a sua idéia, qual flor em botão que, ao desabrochar, quer como a gota d'água absorver todo um raio de sol. E multiplicava as perguntas e decorava os nomes das flores e dos arbustos e se extasiava ante a margarida multicolor, comentando a seu modo, na sua adorável ingenuidade, a sabedoria do jardineiro, que tão belos produtos sabia tirar da terra. E dizia:

— É igual à do nosso pequeno quintal, e lá não há flores nem árvores de que eu tanto gosto.

— Sim, meu filho, lhe respondeu a mãe: dois são os jardins que existem na terra para a cultura. Este que vêes é o que afeta à vista do corpo e agrada aos sentidos, este contém as flores da terra, quintessência dessa vida vegetativa, da qual se desprendem odorosos perfumes, que, subindo ao espaço infinito, levam ao seio de Deus a manifestação de seu agrado pela infinita sabedoria deste. Mas nós, as criaturas, temos dentro de nós um jardim que, como este, deve ser muito cuidado e carinhosamente tratado por nós.

— Qual é, mamãe? Pergunta pressurosa a criança.

— É o coração, meu filho! Sim, as flores desse jardim são as virtudes, que o nosso guia, o “anjo tutelar”, aí vai fazendo desabrochar com seu afetuoso carinho, no segredo de nossa ignorância, no desbastar de nossas maldades, no acrisolamento de seus doces e afetivos sentimentos que, como ânfora celeste, regam constantemente a aridez de nossas fraquezas.

— E como se chamam mesmo essas flores, mamãe?

— Chamam-se virtudes, meu filho.

— E qual é a mais bela dessas virtudes para nós pequeninos?

— Meu filho, a maior, a mais bela das virtudes, que o filho da terra pode cultivar em seu coração, é a gratidão! Cultiva-a, meu filho, e no seio de Deus, que é Pai, serás feliz!

Não pude ouvir mais. Meu espírito subiu nas asas da prece ao seio de Jesus e disse humilde e sincero:

— Obrigado, Senhor!

Inácio Bittencourt.

8. Jesus

(Publicada no “Reformador” de Dezembro de 1906)

Do oriente é que irrompe o dia; do oriente é que vem a luz; e do amor na doce aurora nasce o imáculo Jesus.

Quando mais densas as sombras iam do mal sobre a terra, e a onda das ambições, que a maior desgraça encerra, empolgava os corações, desce do céu a humildade, a indulgência, a caridade, expondo-se às multidões.

Nem pompas, fausto ou grandeza, nem berço dourado e arminhos, mas do pobre a singeleza, cantando pelos caminhos magos cantos de alegria, que evocam doce esperança no coração de Maria.

Senhor da paz e da fé, rei da luz e da verdade – hei-lo, o fanal da esperança, branca flor da caridade.

Saudemos, pois, jubilosos, cheios de santa emoção, ao que vai reinar para sempre sobre o nosso coração.

Como os pastores outrora, hosana ao Pai entoemos, e de seu filho os ensinamentos, pelos exemplos preguemos, e assim calmos e firmes, carreguemos nossa cruz, por Cireneus nossos guias, por fanal a sua luz.

Sejamos com ele só, como com o Pai ele um é; seja a Caridade o lema, tendo como escudo a Fé; para que o mundo conheça que é vindo o Consolador realizar a promessa feita pelo Redentor.

Inácio Bittencourt.

Parte 3 – Mensagens dadas como Espírito

Mensagens de Inácio Bittencourt

(Como Espírito)

1. Visão Nova

(Retirada do livro “Falando à Terra” de Francisco Cândido Xavier, 1951, FEB)

Você pergunta quais as primeiras sensações do “eu”, além da morte, e eu devo dizer, antes de tudo, que é muito difícil entender, na carne, o que se passa na vida espiritual.

As ilusões da vida comum são demasiado espessas para que o raio da verdade consiga varar, de pronto, a grossa camada de véus que envolvem a mente humana.

Há vastíssima classe de pessoas que se agarram às situações interrompidas pelo túmulo com o desespero somente comparável às crises da demência total.

Para nós, entretanto, que possuímos algum discernimento, por força da autocrítica, que não somos nem santos nem criminosos, as impressões iniciais de além-túmulo são de quase aniquilamento.

Só então percebemos a nossa condição de átomos conscientes. À nossa frente, os valores diferem numa sucessão de mudanças imprevisíveis. Há transformações fundamentais em tudo o que nos cerca.

O que nos agradava é, comumente, razão para dissabores, e o que desprezávamos passa a revestir-se de importância máxima.

A intimidade com os outros mundos, tão celebrada por nós, os Espiritistas, continua a ser, como sempre, um grande e abençoado sonho... De quando em quando, o obreiro prestimoso, na posição do aprendiz necessitado de estímulo, é agraciado com uma ou outra excursão de mais largo vôo, mas sempre condicionado a horário curto e a possibilidades restritas de permanência fora do seu *habitat*, o que também ocorre aos investigadores da estratosfera que vocês conhecem aí: viagens apressadas e rápidas, com limitação de ausência e reduzidos recursos de sustentação.

Incontestavelmente, grandes vultos da Humanidade gloriosamente vivem em outros climas celestes. Mas, falando da esfera em que nos encontramos, compete-me afirmar que é ainda muito remota para nós qualquer transferência definitiva para outros lares suspensos da nossa comunidade planetária. Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, importantes companheiros, no sistema presidido pelo nosso Sol, acham-se a milhões e milhões de quilômetros. A própria Lua, considerada dependência terrestre, rola a centenas de milhares de quilômetros.

E as constelações mais próximas?

Você já imaginou o que seja o Espaço, esse domínio imenso, povoado de forças espirituais que ainda não conseguimos compreender em seus simples rudimentos? Já calculou o que seja esse plano infinito, onde a luz viaja com a velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo?

Francamente, hoje creio que um homem, dentro de nosso reino solar, é, comparativamente, muito menor que uma formiga no corpo ciclópico da montanha onde se oculta.

Sentindo-nos, assim, quase na condição de ameba pensante, somos, depois do transe carnal, naturalmente constrangidos a singulares metamorfoses do senso íntimo. Sempre nos supomos figuras centrais no mundo e acreditamos ingenuamente que o nosso desaparecimento perturbará o curso dos seres e das coisas. Contudo, no dia imediato ao de nossa partida, quando é possível observar, reparamos que os corações mais afins com o nosso providenciam medidas rápidas para a solução de quaisquer problemas nascidos de nossa ausência.

Se deixamos débitos sob resgate, pensamentos pungentes daí se desfecham sobre nós, cercando-nos de aflições purgatoriais. E se algum bem material legamos aos descendentes, é preciso invocar a serenidade para contemplarmos sem angústia os tristes aspectos mentais que se desenham ao redor do espólio.

A vida, porém, prossegue imperturbável e nós precisamos acompanhar-lhe o ritmo na ação renovadora e constante.

Somos, assim, atribulados por enormes problemas.

Não será mais possível prosseguir com as ilusões a que nos agarrávamos entre os conceitos provisórios e os títulos convencionais e nem podemos, de imediato, penetrar nos serviços da Espiritualidade Superior, por nos faltarem credenciais de luz íntima, com o amor e a sabedoria por bases.

Resta-nos, pois, diante das transformações inelutáveis da morte, recomeçar humildemente aqui o velho curso de aperfeiçoamento moral, reaprendendo antigas lições de simplicidade e de serviço. E, quando nos comunicamos entre os homens de boa-vontade, é natural não sejamos os espíritos iludidos de ontem, mas os discípulos da verdade, no presente imperecível, edificados na integração mais perfeita com os princípios de Jesus, nosso Mestre e Senhor, não obstante a nossa demora multissecular em pleno jardim da infância.

Inácio Bittencourt.

2. Aviso Oportuno

(Retirada do Livro “Vozes do Grande Além”, de Francisco Cândido Xavier, 1957, FEB)

Meus Amigos: Louvado seja o Senhor!

Em minha última romagem no campo físico, mobilizando os poucos préstimos de minha boa-vontade, devotei-me ao serviço da cura mediúnica. No entanto, desencarnado agora, observo que a turba de doentes, que na Terra me feria a visão, aqui continua da mesma sorte, desarvorada e sofredora.

Os gemidos no reino da alma não são diferentes dos gemidos nos domínios da carne.

E dói-me o coração reparar as filas imensas de necessitados e de aflitos a se movimentarem, depois do sepulcro, entre a perturbação e a enfermidade, exigindo assistência.

É por esta razão, hoje reconhecemos, que, acima do remédio do corpo, temos necessidade de luz no espírito.

Sabemos que redenção expressa luta. E que resultados colheremos no combate evolutivo, se os soldados e obreiros das nossas empresas de recuperação jazem desprevenidos e vacilantes, infantilizados e trôpegos?

Nas vastas linhas de nossa fé, precisamos armar-nos de conhecimento e qualidade que nos habilitem para a vitória nas obrigações assumidas. Conhecimento que nasça do estudo edificante e metódico e qualidade que decorra das atitudes firmes na regeneração de nós mesmos. Devotamento à lição que ilumine e à atividade que enobreça.

Indubitavelmente, ignoramos por quanto tempo ainda reclamaremos no mundo o concurso da medicina e da farmácia, do bálsamo e do anestésico, da água medicamentosa e do passe magnético, à feição do socorro urgente aos efeitos calamitosos dos grandes males que geramos na vida, cujas causas nem por isso deixarão de ser removidas por nós mesmos, com a cooperação do tempo e da dor.

Mas, porque disponhamos de semelhante alívio, temporário embora, não será lícito olvidar que o presente de serviço é a valiosa oportunidade de nossa edificação.

A falta de respeito para com a nossa própria consciência dá margem a deploráveis ligações com os planos inferiores, estabelecendo, em nosso prejuízo, moléstias e desastres morais, cuja extensão não conseguimos sequer pressentir. E a ausência de estudo acalenta em nossa estrada os processos de ignorância, oferecendo azo às mais audaciosas incursões da fantasia em nosso mundo mental, como sejam: a acomodação com fenômenos de procedência exótica, presididos por rituais incompatíveis com a pureza de nossos princípios, o indevido deslumbramento diante de profecias mirabolantes e a conexão sutil com inteligências desencarnadas menos dignas, que se valem da mediunidade incauta e ociosa entre os homens para a difusão de notícias e mensagens supostamente respeitáveis, pela urdidura fantasmagórica, e que encerram em si o ridículo finamente trabalhado, com o evidente intuito de achincalhar o ministério da Verdade e do Bem.

A morte não é milagre e o Espiritismo desceu à Humanidade terrestre com o objetivo de espiritualizar a alma humana.

Evitemos proceder como aquele artífice do apólogo, que pretendia consertar a vara torta buscando aperfeiçoar-lhe a sombra.

Iluminemos o santuário de nossa vida interior e a nossa presença será luz.

Eis a razão por que, em nos comunicando convosco, reportamo-nos aos quadros dolorosos que anotamos aqui, na esfera dos ensinamentos desaproveitados, para destacar o impositivo daquela oração e daquela vigilância, perenemente lembradas a nós todos pela advertência do nosso Divino Mestre, a fim de que estejamos seguros no discernimento e na fé, na fortaleza e na razão, encarando o nosso dever face a face.

Inácio Bittencourt.

3. Existências Passadas **(Publicada no “Reformador”, de novembro de 1959)**

“No esquecimento das existências anteriormente transcorridas, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina?”.

Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros, nos exaltaria o orgulho, peando-nos, em conseqüência, o livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos. Priva-nos do que nos prejudicaria. Acrescentamos que, se nos recordássemos dos nossos precedentes atos pessoais, igualmente nos recordaríamos dos dos outros homens, do que resultariam talvez os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo honrar-nos do nosso passado, melhor é que sobre ele um véu seja lançado”. (Allan Kardec – “O Livro dos Espíritos”, Q. 394).

Há uma tendência especial, entre certos adeptos pouco avisados da Doutrina Espírita, para investigarem sobre o próprio passado espiritual, a ver se descobrem o que foram e o que fizeram em existências progressas. Certamente que, já com um século de Codificação e em plena florescência

da Revelação, vem chegando o tempo de os Espíritos encarnados sentirem em si mesmos, através das emersões da subconsciência, ativadas pelas inquietações da mediunidade, os enredos em que se comprometeram outrora.

Os códigos da Terceira Revelação, ou Espiritismo, muito criteriosamente esclarecem o meio de a criatura saber, com segurança, quem foi, o que fez e onde viveu antes da presente existência. Dedicando-se ao estudo sério e à meditação e consultando o próprio íntimo e suas tendências, sem se deixar levar pelos arrastamentos do orgulho e da vaidade, necessariamente terá as faculdades predispostas às irradiações da própria mente. As recordações, embora veladas, discretas, as reminiscências que jazem ocultas nos recessos do seu ser, evoluirão o necessário para que ela se aposses de algo a respeito de si mesma. Será, portanto, uma faculdade da alma, que se desenvolverá com o cuidadoso cultivo moral e mental.

Se, com a devida atenção, se dessem ao estudo da Doutrina, teriam compreendido, desde muito, esse ponto essencial e melindroso da mesma, sem os riscos das mistificações tão comuns nas consultas feitas aos médiuns.

Vemos, então, mediante tais consultas, uma multidão de Espíritos a se julgarem antigos fidalgos europeus reencarnados, príncipes, duques, heróis de guerras e de grandes batalhas em revoluções célebres, e até reis e rainhas! Existem mesmo, aos montes, Catarina de Médicis, Marias Antonietas, Neros, Napoleões Bonapartes, Tiradentes e tantos outros vultos do passado.

Não diremos que tais migrações sejam impossíveis, pois que a nobreza mundial é milenária e esses nobres teriam de reencarnar em alguma parte, visto que a reencarnação é lei invariável para todos. Todavia, à luz mesma da Terceira Revelação, convirá se faça um reparo sensato sobre aquela possibilidade, ou seja, de serem os caros aprendizes do Espiritismo, ou não aprendizes, fidalgos reencarnados. Ainda que o sejam, não deverão esquecer, logo ao primeiro exame, que é possível já tenham vivido como escravos africanos ou não africanos, depois de haverem sido fidalgos; que já esmolaram pelas ruas, chagados e miseráveis, como expiação urgente das inconseqüências da nobreza que aviltaram, e que já sucumbiram no fundo de prisões infectas ou tombaram sob a ignomínia de um ferro assassino, porque assim o exigiu a consciência própria, em ânsias de dolorosas, mas remissores resgates! Não deverão, outrossim, esquecer de que reis, rainhas, príncipes, duques e heróis, não obstante testas coroadas, foram igualmente tiranos, celerados, homicidas, rapinadores, incendiários, perseguidores, perjuros, adúlteros, hipócritas, falsos crentes tripudiando sobre os Evangelhos!

Se, portanto, vivestes na Idade Média e ali fostes condestáveis, por exemplo, ficai certos de que também levantastes fogueiras cruéis para incinerarem criaturas frágeis e indefesas, vossas irmãs de Humanidade!

Se vivestes na bela e decantada Espanha, aí ocupando solares soberbos e poderosos tronos, lembrai-vos de que estes mesmos grão-senhores que os ocuparam se tornaram responsáveis pelos crimes da Inquisição, que por períodos seculares ali assumiu proporções estarrecedoras.

Se na aristocrática Inglaterra vivestes, ou na belicosa Alemanha, não percais de vista que nos países anglo-saxões a intolerância da Reforma cometeu atrocidades contra os míseros católicos-romanos, idênticas às que nos países latinos, cometeu contra míseros luteranos a intolerância católico-romana, e que vós lá estivestes, entre ambas, cometendo insultos contra Deus na pessoa do vosso próximo!

Se, na França gloriosa e tão amada, participastes do famigerado governo da Rainha Catarina de Médicis, lembrai-vos dos dias trágicos de São Bartolomeu, quando andastes matando pobres defensores do Evangelho, para satisfação de torpes paixões alheias, as quais bajulastes servindo-vos do nome de uma religião como ignóbil desculpa e não justa realidade!

Se, nos dias sombrios do terror, na França ainda, cargos importantes exercestes, tendo em mente que ajudastes a mover a guilhotina para decapitar inocentes subjugados pelo furor de muitos, e também que fostes regicidas ímpios, trucidadores de mulheres e até crianças!

E se, na Roma dos Césares, fostes tribunos ou patrícios, envergando peplos elegantes e mantos solenes e vistosos..., recordai os uivos dos leões nos circos, leões que açulastes contra os defensores do Cristianismo nascente, os quais morreram para que o mundo herdasse as virtudes do perdão, da esperança e do amor, recomendados pela Suprema Lei!

Assim sendo, meus caros amigos, vós, que vos julgais reis, rainhas, príncipes e heróis reencarnados, não vos esqueçais de que, com esta remota glória de tronos e mantos, de espadas e coroas, arrastais também, ainda na presente existência, a conseqüência deprimente de crimes e abusos vergonhosos e inomináveis! Não olvideis que fostes grandes criminosos a quem Jesus de Nazaré enviou as bênçãos do Consolador como auxílio para que vos reergais do tremedal de trevas em que o fausto mergulhou o vosso Espírito!

Agora vos cumpre esquecer esse passado que para nada vos valeu, senão para vos infelicitar a alma e o destino, a fim de que, através dos conselhos e da misericórdia do Alto, possais entrar, finalmente, nas sendas do Dever, de que vos afastastes nos passados tempos, passado esse do qual tanto vos envaideceis ainda!

Paz!

Inácio Bittencourt.

(Página recebida pela médium Yvonne A. Pereira, em 02.09.59, no Rio de Janeiro)

4. A Conclusão da Pesquisa

(Retirada do Livro “Seareiros de Volta”, de Waldo Vieira, 1963)

Companheiro Espírita, que não entendes ainda nos princípios do Espiritismo?

A singela pergunta surge com imensa importância, porque, sem o necessário entendimento do Espiritismo, há sempre falhas na utilização do estágio terrestre.

É imprescindível assimilar a Doutrina Espírita nas entranhas da própria alma, para que seja vivida nas ações cotidianas.

Para senti-la, porém, urge compreendê-la, raciocinando.

Com todos os ensinamentos excepcionais divulgados pelas ciências e pelas filosofias da atualidade, não encontrarás a explicação das Leis que orientam a Vida Eterna, tanto quanto na intimidade da fé positiva que esposamos.

Quase todos os setores da existência humana já foram motivos para revelações espirituais.

Quase todos os fenômenos que sensibilizam a consciência já receberam na Terra essa ou aquela palavra esclarecedora do Mais Além.

Mas o ideal Espírita só abracará o mundo se o acendermos no imo do próprio ser. Evitemos a derrota prévia das almas amodorradas na rotina e construamos o templo do estudo.

Ócio é coágulo da vida.

Não te contentes em declarar que conheces os postulados que abraças. Aprendizado não decorre de geração espontânea.

Analisa o teu conhecimento doutrinário nas horas de decisão. Em tais circunstâncias é que demonstrarás para ti mesmo e para os outros como se te gradua o brilho do Espiritismo no âmago da razão.

E faze testes rigorosos contigo, medindo a própria aplicação: abre indiscriminadamente um compêndio básico de Doutrina e verifica se dominas o assunto tratado nas páginas descerradas.

Visita uma Biblioteca Espírita e observa quantos volumes já analisaste com atenção.

Ouve um orador e repara se estás percebendo o conteúdo das palavras pronunciadas.

Considera qual o esforço que dependes por dia, por semana ou por mês, para realizar esse ou aquele estudo pessoal dos princípios que esposas.

Sopesa como e quanto já favoreceste, sem imposição, a benéfica renovação dos parentes, amigos e colegas que te cercam.

O homem não deve ser Espírita apenas por inclinação.

Os Emissários Espirituais dos Planos Divinos não ditam mensagens, desde os albores da Codificação Kardequiana, somente com interesse literário. Visam a elevado fim: a instrução da Humanidade.

Por esses e outros motivos, reconhecemos o acerto da opinião dos Excelso Dirigentes do Espiritismo, nas Esferas Superiores, que, após minuciosa pesquisa, chegaram à conclusão de que, junto às calamitosas quedas morais e às deserções deploráveis de numerosos companheiros

responsáveis pelo serviço libertador, entre todas as causas que dificultam a marcha da Nova Revelação na Terra, destaca-se, em posição de espetacular e doloroso relevo, a preguiça mental.

Inácio Bittencourt.

5. Espíritas – Precursores

(Retirada do Livro “Seareiros de Volta”, de Waldo Vieira, 1963)

Ninguém aguarde exceções nas Normas Divinas. Espírito algum colherá primazias para agir no Universo. A Lei não se modificará para favorecer-nos.

Desfrutamos vidas independentes: Deus nos criou, mas não existe unicamente para nós. De igual modo, determinada criatura não pode viver exclusivamente para outra, conquanto necessitem socorrer-se e aconselhar-se, mutuamente, em muitas ocasiões, sem se substituírem na responsabilidade individual.

Eis por que a morte não desaparecerá da Terra, as vidas sucessivas não serão suspensas do Cosmo, o Princípio de Causa e Efeito não sofrerá qualquer alteração e a necessidade, por instrutora natural, vigiar-nos-á o caminho. Quem se transforma é a criatura. Quem cresce e se corrige somos nós mesmos.

O raciocínio humano, aperfeiçoando as próprias conclusões acerca das realidades que o cercam, avança e se aura, emancipando as almas. Quando atingir graus superiores de elevação, a dor perderá espontaneamente a função que lhe cabe na esfera de cada consciência, desaparecendo por inútil. Reflete quanto a isso.

Os Espíritas são, na vida humana, precursores da moral que ilustrará o futuro. Inadiável experimentar e aprender, desentranhar a ignorância e assimilar o conhecimento.

Se a sabedoria fosse regra, a humildade não seria exceção. Além disso, há muito comodismo fantasiado de humildade. “Sou insignificante”, “nada sei”, “nada valho”, “não é comigo” são refrões cediços dos que anseiam dormir, preferindo que tudo fique hoje como está, a fim de verem amanhã como fica.

Não te pejes de ser simples, a serviço dos outros. Bastas vezes, a pessoa nunca é tão “espírito forte” como quando se assemelha a frágil criança.

Faltando-nos amor puro, falta-nos a paz íntima. O mal cria idéias fixas, instalando-as por fantasmas nos labirintos da memória, espectros que somente se desfazem ao calor do trabalho.

Um sorriso de fraternidade – relâmpago de vida – rompe as trevas, de fora a fora. Ligeiro estudo edificante – centelha na alma – dissipa as sombras interiores.

Na lareira do ideal, se o lume do entusiasmo se extingue, ao primeiro sopro da adversidade, a brasa da convicção permanece rubra, nas cinzas, para alimentar novas chamas. Inibição absoluta e incapacidade irremediável são meras palavras.

Busquemos estudar. Pior do que a situação de quem não sabe ler é a situação de quem sabe e, no entanto, não lê.

Todo Espírita-Cristão é um predestinado, trazendo nos tímpanos e nas retinas vozes e visões d'outro mundo; um paisagista a fixar, com o próprio sangue, as telas do bom exemplo, um tarefeiro a regar, com o próprio suor, a lavra do Bem.

Inácio Bittencourt.

6. Em Favor do Espiritismo

(Publicada no “Reformador”, de janeiro de 1975)

Muito há sido feito em favor dos interesses imediatistas do homem.

Consideração lhe é devida, a ele e a seus desejos plausíveis; atenção para com os seus problemas ocupa lugar de destaque nos planos de ação da Espiritualidade; procura-se atender a todas as carências do coração preso à lide terrena; tomam-se providências no sentido de pensar as chagas que a infantilidade vem abrindo com prodigalidade nas mais nobres realizações do orbe; buscam-se as mais edificantes terapêuticas, visando a colaborar espiritualmente em favor da

carência interior da humanidade; têm-se escrito páginas e páginas de desdobramento da Revelação Espírita, sem que – em qualquer ocasião – se esqueça do conforto material devido aos semelhantes; brotam inspirações pela Terra inteira: o espírito de Deus sopra pelos quatro cantos do mundo, através dos arautos da Boa Nova do Reino; aconselha-se a tolerância, insufla-se a fraternidade; a ponderação e o despertar construtivos vêm sendo repisados nas mais diversificadas ocasiões: o Plano Espiritual fervilha em intenções.

É preciso que a Terra seja transformada em câmara de eco, respondendo aos apelos que o Senhor lança sobre ela, correspondendo-lhe à confiança.

Mas, ao contrário, o que vem acontecendo, senão a desatenção aos ditames do Mais Alto? O que vem movendo os corações humanos, senão a sede avassaladora da fama, além da cobiça incontida dos regalos das situações privilegiadas? Há quanto tempo a ferrugem tem estado a corroer a enxada, atirada ao depósito íntimo, considerada como instrumento irremissivelmente anacrônico? O homem, e acima de tudo os Espíritas, tem colocado a Doutrina em plano de primariedade, negligenciando-lhe a pureza. O Espiritismo corre o sério risco de transformar-se em nova fonte dos desejos, se lhe não forem restauradas as bases, levando-se em conta a gula de saber que assola o mundo. Sim, porque o saber desenfreado perde suas mais altaneiras características e passa a ser elemento de destruição. O Evangelho está na base de tudo; só ele destrói os caprichos.

Quem quer que se lance à prática doutrinária precisa, desde a primeira hora, começar a construir o pequeno degrau que lhe toca, com bom cimento, com boa vontade e com inaudita perseverança. E aqueles que já labutam no seio do Espiritismo carecem urgentemente de reformulação, porque, se o Espiritismo vem movimentando em favor de todos os meios da redenção de muitos, não se justifica que outros tantos deixem de algo realizar em favor dele, apenas por se julgarem preteridos, dessa ou daquela maneira. Afinal, o que lhe fizeram, a eles mesmos reservarão os resultados. E não se trata de simples retribuição: o Espiritismo, como Cristianismo redivivo, prega em si e existe em si, a favor dos homens; mas, caminhará contra eles ou apesar deles, se não quiserem que lhes norteie os passos.

Como se vê, trata-se de simples opção: ou se aceita a bênção do Espiritismo – que é Jesus entre nós – e se colabora em prol dele, ou se persiste em dele afastar-se, sem mais direito às imensas e excelentes vantagens que buscam os que entendem o mundo sem pertencer a ele. Ou se retorna à realidade da Terra, desenterrando dos subterrâneos do coração a enxada corroída e tida como ultrapassada, ou já se fica vegetando no limo parasitário ou dependurado ao balaústre da ilusão, lançando moedas às águas enganosas do sonho.

Inácio Bittencourt.

(Esta página, embora somente agora dada a lume, foi recebida psicograficamente no dia 4 de setembro de 1972, pelo médium Gilberto Campista Guarino, na FEB, no Rio de Janeiro, GB).

7. Espiritismo e Falsas Revelações Superiores **(Publicada no “Reformador”, de fevereiro de 1976)**

Todos estamos juntos no grande barco. Somos forçados a conviver tanto com aqueles a quem admiramos e respeitamos, quanto com os que preferiríamos não ter a nosso lado. Quantas vezes agimos com precipitação, assemelhando-nos a crianças caprichosas, que, aos rompantes, exigem a guloseima de sua preferência. Esperamos, oniricamente, o mar de rosas, mas quase nunca nos lembramos de que cultivadores das belas roseiras, que nos enchem os olhos, numa estética sublime, e nos plenificam o olfato com essência inebriante, enfrentam as mais rudes dificuldades, da sementeira à colheita.

Dentre as roseiras, uma existe, plantada pelas mãos do Senhor, cultivada por emissários divinos, a qual teve um dos seus botões colhidos por Allan Kardec. Que ela prossiga abençoando os pântanos do mundo. Nossa flor não se destina aos jardins da bem-aventurança ou aos jarros de fino cristal, adornando lares diversos, ela está dirigida à nossa conversão para a bem-aventurança, prometida por Jesus, segundo os esforços que empenhássemos.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Decerto, todos os jardins sofrem invasões de ervas daninhas, as quais se disfarçam em subterfúgios incontáveis, às vezes numa humildade superficial, tentando enraizar-se e ganhar força. Lutam pela discórdia na família de Jesus, integrada pelos coxos, pelos estropiados, pelos pobres, abastados e ricos, assim pelos bons como pelos maus, uma vez que existe, aos olhos do Senhor, tão-somente um imenso número de sofredores, todos seus irmãos e nossos irmãos; e, para Deus, só há filhos, a quem Ele jamais dará pedras! Convenhamos que as pedras de nossas existências nada têm a ver com Deus: são escolha nossa. Nada acrescentamos a isso: retornemos à nossa rosa.

Cabe-nos preservá-la, naquilo que nos toque. Não nos esqueçamos, por minuto sequer, de que o Espiritismo abrange as mais surpreendentes formas de consolo, ainda que se revistam de aparentes contradições. Só assim pode ele balsamizar os ares irrespiráveis da Terra onde vivemos. Ele é o elemento vivo da retomada do Evangelho do Senhor, em Espírito e Verdade: todos os homens, das mais longínquas nações, das aldeotas às metrópoles, retornarão a Ele.

Se este é um plano estabelecido, atenção, no entanto, para as influências estranhas: cuidemos da terra, porque reside principalmente nela a força da planta.

É sabido que a Verdade assume inúmeras facetas, respondendo pelas necessidades de cada povo. A nós, todavia, há facetas primitivas da verdade restrita que já não mais convém. Não mais podemos aceitar as fantasias absurdas que, povoando a mente humana, por vezes querem alçar vôo e ditar normas. Busquemos, isto sim, a pureza dos Princípios Espíritas, que Kardec codificou, o que nos manterá em guarda contra os excessos, estes ditados pelos desejos irreprimidos de nosso coração. Se não nos cabe combater nossos irmãos de outras crenças, nem por isso se nos está autorizada uma passividade tal, que tudo nos leva a aceitar sem reservas.

Aliás, é conveniente ressaltar, se outras religiões agem como estágios antecedentes à Verdade Espírita, faz-se urgente que nos mantenhamos em guarda contra os falsos profetas, os que nos trazem revelações fantasiosas, fáceis, porém, de serem aceitas pelo Espírito não dado à reflexão, porque, em geral, os emissários do desentendimento aproveitam os primeiros impulsos do homem velho para materializá-las, em forma de barra de chocolate para a criança gulosa, e todas as tentações para o invigilante. Firmam as primeiras impressões, sempre que lhes apoiem as teorias absurdas, para, logo após, hipnotizar as vítimas, boicotando-lhes a atividade libertadora, privando-as das legítimas edificações, em nada capciosas, para, enfim, quando desejar o homem libertar-se, fazer com que se veja ele preso ao tribunal da própria consciência, onde ouvirá a leitura do libelo. Ante a sentença do juiz, que é ele mesmo, só lhe restará, então, recolher-se à célula, para chorar na solidão o desespero do invigilante e o tormento do culpado. Guardemos atenção!

Inácio Bittencourt.

(Mensagem recebida na sessão pública de 02/01/76, na FEB, Seção – Rio)

Parte 4 – Relação de Substâncias Medicamentosas

AMAPHORACIDUS	Amm.Mur.5-China Off.3-Phosphori Ac.3 Debilidade dos nervos – Impotência ...
ANACARDIUM COMP	Diabetes em geral ...
ANGUSTINUM COMP	Inflamações do ouvido ...
ANTINAPELLUS	Aconitum Nap.1-Bryonia Alb.3-Antim. Tart.3 Gripe com febre e catarro – Dores reumáticas ...
APISIRIS	Iris Vers.1-Pulsatila 1-Nux Vom.3-Apis Mel.3x-Sepia 5 Dores de cabeça-enxaqueca-vertigem-estômago azedo ...
BACCHARIS COMP	Indicado nas colites em geral ...
BARYTOLOCHIA	Baryta iod.3-Lachesis 5-Silicea 5 Garganta escruphula-inchações e úlceras ...
BELCALCIUS	Belladonna Atr.3-Calc. Carb.5-Hyoscyamus 3 Dentição-congestões crônicas e enxaquecas ...
BELGELSEM	
BELVIVERUS	Carbo Veg.5-Merc. Viv.5-Belladonna Atr.3 Febres inflamações e infecções do intestino
BICUASMA	Indicado na crise de Asma (Dosagem 4 papéis)l papel de 4/4h.
BRYGELSEMINUM	Bryonia Alb.3-Phosphorus 5-Gelsemium 1-Causticum 3 Tosse (dor no peito)-gripe-resfriado-bronquite e catarro ...
BRYONAPIS	Berberis Vulg.3-Bryonia Alb.3-Apis Mel.3-Arsenicum Alb.5 Hidropsia-acumulações líquidas-figado e rins ...
CALAOPINA	Calcarea Carb.5-Chamomilla 3-Jalapa 5- Opium 5 Dentição e inquietação de crianças, cólicas e desarranjos ...
CANNADEUM NIG.	Dores de ouvidos, inflamação e supuração ...
CANCHALIPECA	Canchalagua 1-Ipeca 3- Arsenicum Alb.3 Calafrios febres intermitentes – malária e catarro ...
CANACANTHARIS	Uva Ursi 1-Cannabis Sat.3-Cantharis 3-Merc. Viv. 5 Rins – cistite – incontinência de urina – urina na cama – uretra...
CARBUSTRAPA	Nux Vômica 3-Belladonna Atr.3-Carbo Veg.5 Leucorréia – menstruação abundante – gases ...
CASSIA COMPOSTA	Erisipela – abscesso – furunculose – supurações em geral ...
CROTON BALS.	Fricções – reumatismos – dores e pancadas ...
CROTON VULG. TM	Para dissolver em litro d'água – infecções-feridas-doenças da pele
CEREUS BENIG.	Castus 1-Sepia 3-Lachesis 5 Moléstias do coração-palpitações-circulação-menopausa ...
CHINACALCIUS	China Off.3-Helleborus 3-Ipeca 3-Calc.Carb.5 Diaréia nas crianças e adultos ...
COLOCYNCOLCHIO	Colocynthis 1-Colchicum 3-Carbo Veg.5-Merc. Viv.5-Phosph.Ac.3 Desintéria-contorções-cólica biliar-intestina desarranjo ...
CUPRUM ALB	Veratrum Alb.1-Cuprum Met.5-Arsenicum Alb.3 Cólera Morbus – vômitos – desarranjo intestinal
DIURETINA	Thuya' Oc TM-SarsaparillaTM-SucupiraTM-Jurubeba TM-ManacáTM Diabetes – Rins ...
CINALICEA	Cina Ant.1-Ignatia Amara 3-Silicea 5 Febres verminosas-inquietação e insônia verminosa-vermes ..
DROZYOSCYAMUS	Drosera 3-Hyoscyamus 3-Ipeca 1-Cuprum Met.5 Coqueluche-Tosses espasmódicas-ferina-tosses com catarro ...
EUPHRASCALCIUS	Calcarea Carb.5-Euphrasia Off.1-Apis Mel.3

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

	Ophthalmias-gripe atacando os olhos-aparelho da visão ...
DULCEPA	Coriza – espirros ...
GLONOCEPHALLUS	Febre e insolação
GRANATUM COMP.	Estômago-acidez-úlceras-azia e dor ...
HAMELSULPHURIS	Hamemelis 1-Sulphur 3-Nux Vômica 3 Homorróidas simples ou sanguinolentas-internas ou externas ...
HEPARSILICA	Hepar Sulph.5-Silicea 5-Pulsatilla 3 Ouvido supurações e dores
HYOSCYANVIVER	Hyoscyamus Niger 2-Merc. Viv.5 Tônico cerebral – intestino – calmante ...
HYDRASTINA COMP.	Para qualquer tratamento de sinusite.
IGNATROPIUM	Belladonna 3-Ignatia Amara 3-Sulphur 5 Epilepsia-doença de S.Guido – Calmante ...
IGNAVIVERUS	Merc. Viv.5-Ignatia Amara 3-Belladonna 3 Nevralgias – dores de cabeça ...
KALITRACHES	Spongia Mar.3-Aconitum 3-Belladonna 3-Kali Bichrom.5 Crupe-Tosse seca-laringites-rouquidão-febres de garganta ...
LOBELIPECA	Lachesis 5-Ipeca 3-Lobelia Infl. 1-Arsenicum Alb.5 Asma-opressão no peito-respiração difícil-tosse catarro ...
MELLISEPIA(ANONA)	Pulsatilla 2-Apis Mel.3-Sepia 3 Escassez ou suspensão da menstruação (moléstias de Sra.)-Ovário
NAPELINA	Aconitum Nap.1x-Bryonia Alb.3-Belladonna 3 Gripes – febres – congestões – inflamações ...
NITRIAMUS	Ammonium Carb.5-Pulsatilla 5-Nitris Acid.5 Catarro – influenza – defluxo – coriza ...
NUXFERCHINA	China Off.3-Apis Mel.3-Ferrum Met. 5-Nux Vômica 3 Debilidades gerais – físicas e mentais – falta de apetite
NUXMURIAMUS	Natrum mur.5-Nux Vômica 3 Estomatites-feridas da boca-aftas-cancro ...
NUXSULPHURIS	China Off.3-Nux Vômica 3-Sulphur 5 Dispepsia – indigestão - prisão de ventre – figado ...
NUXVIVERUS	Nux Vômica 3-Carbo Veg.5-Merc.Viv.5 Estômago – intestino – gases ...
PERCIUM FOL. TM	Indicado na hipertensão ...
PERFOLIUVIVER	Eupatorium P.1-Gelsemium 1-Pulsatilla 1-Belladonna 3 Gripe – constipação – resfriado de verão – dores pelo corpo ...
PETROCCULUS	Nux Vômica 3-Cocculus Ind.1-Petroleum 3 Enjôo de mar-náuzeas-vômitos-enjôo de viagem ...
PETROLYCOPUS	Lycopodium Cl.5-Pulsatilla 1-Sarsaparilla 3 Rins com dores – areia e pedra – uretra ..
PETRONUS	Ptroselium Sat.1-Nux Vômica 5-Merc.Viv.5 Rins – figado – icterícia ...
PHYTULDULCIS	Dores de garganta ...
PHOSVIVERUS	Eupatorium 1-Gelsemium 1-Phosphorus 5 Gripe com catarro ...
PLANTAMERCURIUS	Plantago Maj.1x –Belladonna 3-Mezereum 1-Merc.Viv.5 Dores de dentes – Nevralgias no rosto ...
PLATICCULUS	Cocculus Ind.3-Pulsatilla 5 Menstruação dolorosa - pruridos
PODOLYRIA VULG.	Indicado no tratamento dos-rins em geral
PHYTOLACA COMP	Indicada no tratamento da obesidade ...

PRIMUS VENTI	Indicado para prisão de ventre ...
RHUSSULPHURIS	Apis Mel 3x-Rhus Tox.3-Millefolium 3-Sulphur 5- Baryta Iod.3 Enfermidades da pele – Erupções – Erisipela ...
STANUM COMP	Santoninum 5 – Stannum Met.5 Verminoses – fraquezas – paralisias ...
VERMICINA	Vermes de adultos e crianças ...
PHOSCINCHINA	Debilidade orgânica com vômitos – vermes – diarreias ...
ASSELINUM E KOLARSENICUM	Tônicos fortificantes – falta de apetite – vermes ...

Parte 5 – Entrevistas e Depoimentos

1. Entrevista com a Sra. Leonor Novaes

(Idade: 85 anos)

P – A senhora conhecia Inácio Bittencourt?

R – Sim, 6 anos. Meu marido tratou-se de problemas estomacais.

P – Como era sua constituição física?

R – Simpática. Faces rosadas. Modos austeros “firmes”. Olhar firme. Sempre bem vestido, de colarinho alto e paletó.

P – Como encaminhava à consulta?

R – Recebia o doente e pedia nome, endereço e idade. Receitava 1 ou 2, no máximo 3, remédios.

P – Ajudava a quem dele necessitava, na medida do possível?

R – Certa vez, deu um par de sapatos a um senhor que eu sabia ser uma pessoa de má vida, mundano mesmo. Meu marido comentou com ele sobre isso e ele respondeu: “Novaes, olha que só vou falar uma vez. Presta atenção. O pedir é uma prova. Você pensa que é fácil pedir? Ajudar sempre, não importa o que ele vai fazer com a ajuda recebida”.

P – Participou de alguma palestra com ele?

R – Nos primeiros domingos de cada mês, fazia palestra no Grêmio Espírita Paz e Amor, fundado na Serrinha, em Bangu. Hoje o Centro possui outro endereço, cujo presidente era Vicente Moretti.

P – As receitas, como eram?

R – Um pedaço de papel comum. Eram “garranchos” onde se liam os nomes do remédio e como utilizá-lo. Ele escrevia a lápis, mantendo 3 lápis à mesa.

P – Lembra-se de mais alguma coisa?

R – Que ele escrevia para o jornal “Aurora”.

2. Relatório da Visita à Casa de Dona Ohana (Lalita)

(Em 15.08.1992)

Perguntando à D^a Lalita se ela havia conhecido Inácio Bittencourt, respondeu:

— Conheci quando precisei levar meu irmão mais novo para a consulta, pois o mesmo havia sido desenganado pelo médico, que afirmou estar com o Mal de Hansen. Dentre os sintomas característicos da doença, o menino apresentava manchas escuras por todo o corpo, unhas roxas e os dedos estavam torcidos (em forma de garras).

Ao chegar, encontrei o local de atendimento repleto e a primeira impressão que tive era de medo. “Seu” Inácio atendia com grave tom de voz e falava alto. Mas, ao chegar aonde sentava, que

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

era uma pequena mesa, com uma pessoa ao lado, que escrevia o que ditava, minha mãe, em prantos, explicou o que ocorrera no consultório médico, que não podia ser possível ela perder o filho de apenas 7 anos, pelo Mal de Hansen.

Ele segurou a mão enferma (com aspecto de garra) do menino e falou: “Lepra tem a pessoa que disse que este menino tem lepra. Ele está cheio de vermes. O que ele tem é verme”. Inácio ditou o nome do remédio que o menino deveria tomar. Minha mãe deu ao meu irmão o remédio e colocou-o para dormir em uma rede. Depois de certo tempo, foi verificar e encontrou o menino coberto de vermes. Depois de três dias, as manchas foram sumindo: o menino se encontrava curado.

O esposo de D’Lalita relatou o seguinte: “Aos 14 anos, acompanhou sua mãe até o “Seu” Inácio, pois encontrava-se com hemorróidas, sangrando há 4 dias, sem quase poder andar. Como essa doença, na época, ruborizava as pessoas que a tinham pelo aspecto de sua localização, ela chegou até Inácio e, antes de ela tomar a palavra, ele disse: “Eu já sei, a senhora não precisa me dizer. Tome banhos de assento com Erva de Bicho e o restante que a senhora cozinhar guarde numa garrafa para tomar como água, durante o dia.

Minha mãe não teve mais problemas com hemorróidas.

3. Entrevista com o Sr. Nadir de Oliveira

(Idade: 73 anos)

P – Qual o seu nome?

R – Adir de Oliveira.

P – Qual a sua idade?

R – 73 anos.

P – O Sr. é carioca?

R – Sim, nasci na Rua Humaitá, em Botafogo

P – O Sr. viveu em Botafogo quantos anos?

R – Quando o meu pai morreu, eu tinha 10 anos.

P – A sua mãe falava muito no Inácio?

R – Falava que ele tinha curado a filha de um Presidente da República, que eu não me lembro qual era.

P – Quantos anos o Sr. tinha quando foi para o Arsenal de Marinha?

R – Quinze anos, outubro de 1935. No período em que estava no Arsenal, tive umas crises que não soube explicar o que era. Essas crises se repetiram seguidas de fortes dores de cabeça. Soube, por meio de amigos, que, se essas crises acontecessem novamente, seria dispensado do meu trabalho. Como a minha mãe falava muito do Sr. Inácio Bittencourt, fui procurá-lo na Rua Voluntários da Pátria. Fui pela manhã. Cheguei e percebi que tinha poucas pessoas. Sentei-me na última cadeira. Observei nele um senhor muito simpático. Tinha os cabelos um pouco brancos; uma pessoa calma. Trajava terno, com colarinho engomado. Estávamos no ano de 1936. Ele olhou para mim. Eu não disse nada para ele sobre qual era a minha finalidade. Ele me chamou: “Ô menino! Vem cá, menino!” Eu olhei para o lado, para ver se tinha alguém mais jovem, e ele falou: “É você mesmo”.

Eu fui até ele e o mesmo me mandou sentar em frente à mesa dele, numa cadeira grande.

Olhou para mim, não me perguntou nada e eu também não disse nada. Continuou me olhando, abaixou a cabeça e me receitou um remédio da homeopatia. Não falou nada; apenas me olhou.

Fui para casa, tomei o remédio e fiquei muitos anos sem ter dor de cabeça e nunca mais tive os ataques.

Sou aposentado por invalidez, em vista dos problemas de nervos, mas os ataques, que me assaltavam naquela época, nunca mais os tive. Isso foi em 1936, quando o conheci pessoalmente e, com a paz de Deus, quem me curou foi ele.

P – Isso foi no Centro Espírita?

R – Foi no Centro Espírita, na praia de Botafogo.

P – Ele atendia em uma sala?

R – Ele atendia no Centro mesmo. Havia uma mesa e as pessoas vinham chegando.

P – O Sr. lembra do nome do Centro?

R – Não me lembro. Só sei que era na praia de Botafogo.

P – Quer dizer que o Sr. tem uma lembrança boa do Inácio Bittencourt?

R – Ah! Como tenho! Minha mãe falava muito nele, meu irmão também.

P – E as pessoas, falavam muito bem dele?

R – Sim, era um grande Espírita!

P – Como essa cura repercutiu na sua vida? Depois daquele encontro, o senhor achou que alguma coisa mudou?

R – Eu fiquei bom da crise, e aí...

P – O senhor esqueceu e, depois, lembrou de novo?

R – Estou lembrando agora, depois de muitos anos, e sinto uma falta rigorosa.

P – Qual a lembrança que o Inácio traz na sua vida?

R – Aquela lembrança de que ele foi um grande Espírita Científico: estudava Kardec; era um homem que fazia caridade sem ver atropelo nenhum. Não cobrava nada. Eu fui aquela vez e ele não me cobrou nada. Então, isso eu guardei; ficou gravado na minha memória. Quem me dera ele estivesse vivo para me ajudar a resolver um problema sério que eu tenho na minha família!

P – Quem sabe ele te ajuda, lá do Plano Espiritual, a resolver?

R – (em branco).

4. Entrevista com Dona Lourdes Bittencourt Purita

(Neta)

P – Quando você nasceu, o Sr. Inácio tinha 63 anos. Quantos filhos o Sr. Inácio teve?

R – Onze filhos.

P – Todos consangüíneos?

R – Todos.

P – Tinha uma filha adotiva?

R – Tinha, Ceci.

P – Então era um total de 12 filhos?

R – Sim, 12 filhos.

P – Vocês moravam juntos, em Botafogo?

R – Não eu morava em Madureira, ele morava em Botafogo, mas era comum nós passarmos tempos na casa dele, em férias.

P – Vocês, os netos, passavam férias com ele?

R – Sim.

P – Como era o relacionamento de amor com os netos?

R – Ele era uma gracinha de pessoa. Lanchava-se com ele. Era um privilégio, porque ele era uma pessoa muito cansada. Trabalhava muito. Era um homem muito inteligente, muito bom. E, pela manhã, cedo, enquanto ela tomava o seu banho, nós corríamos para o quintal, porque os jardins eram ao contrário, nos fundos, muito bonitos, com muitas flores. E nós corríamos para pegar uma flor para colocar na lapela dele; e ele sempre saía com uma flor colocada por um neto.

Ele beijava a cada um de nós com muito carinho e passava a mão na cabeça, sempre como se estivesse dando um passe. Nos abraçava e ia trabalhar. Ele era boníssimo.

P – Você lembra de quando você passava férias lá, como era a rotina de vida dele?

R – Ele trabalhava muito. Saía cedo, muito cedo, e só voltava à noite para o jantar, e tarde, ele jantava muito tarde. Depois, ia dormir.

P – Nos nossos estudos, pudemos observar que, novo, em torno dos vinte e poucos anos, logo depois de casar com a sua avó, a Dona Rosa, ele já trabalhava na barbearia. Você pode dizer como foi essa transição, da barbearia para a farmácia?

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

R – Eu não tenho certeza absoluta, mas quase relativa, pelo que se conversava em família. Eu acho que, na barbearia, ele já psicografava, ele já fazia receita. Foi quando o Sr. Nobre o conheceu. Eles eram muito amigos; e ele o convidou para trabalhar na farmácia. Foi quando efetivamente ele começou. Mas eu acho que, antes da farmácia, ele já fazia esse trabalho na barbearia.

P – É verdade que ele arrancava dentes na barbearia?

R – É verdade, sim. Isso era comum naquela época. Os barbeiros tinham essa tarefa.

P – Você falou uma coisa antes, que me impressionou muito: “meu avô não tinha nada, meu avô não possuía nada”. Como é que era?

R – Isso é verdade. Eu acredito demais nessa religião dele e eu quero dizer a você uma coisa mais positiva ainda: que eu sou católica, fui criada dentro do catolicismo, mas eu fui uma apaixonada pelo meu avô. E sou apaixonada. E conheço muito do Espiritismo, através dele. Já li muitos livros espíritas, apesar de ser uma pessoa católica, mas gosto muito do Espiritismo. Respeito muito o Espiritismo; e creio firmemente em tudo o que meu avô fazia, porque ele fazia com um amor enorme e morreu absolutamente pobre.

Se ele fizesse tudo aquilo só por interesse, ou por dinheiro, enfrentando tanta coisa, tanta repressão, provavelmente ele não teria agüentado. Só por amor a uma grande causa; só por ideal mesmo! Eu acho que, se ele não fosse honesto, correto, direito, ele não estaria de jeito nenhum na posição que ocupava, porque ele vivia pobremente, mas muito bem, mantendo a Associação Espírita, que ainda tinha muito e ele não tinha nada, não tinha nada no nome dele. A única coisa que ele tinha no nome dele era o lugar no cemitério. Por isso é que creio firmemente no que ele fazia, porque não tinha interesse financeiro nenhum.

P – E seu pai era jornalista?

R – Sim. Inácio Bittencourt Filho era da Associação Brasileira de Imprensa, um jornalista famoso. Meu pai era radialista. Todos os filhos eram muito amigos do meu avô. Era querido por todos os filhos e netos, uma paixão familiar, coletiva, se tinha por ele. Não era um avô comum; era um avô Espírita, muito importante para nós.

P – E você, como médica, teve a oportunidade de ter um testemunho desse trabalho que o Inácio fez em relação à mediunidade. Você pode contar algo?

R – Quando estava estudando medicina, ainda solteira, eu tinha um professor, catedrático, médico muito importante. Quis falar comigo separadamente da turma. Perguntou-me se eu conhecia Inácio. Eu disse que sim, que ele era o meu avô. Então ele me disse que a esposa dele se tratava com o meu avô. E que ele teve a oportunidade de conversar com o meu avô dentro do consultório e fora dele; e que eram pessoas inteiramente diferentes. E que, se algum dia alguém duvidasse, que eu lembrasse dele, que era um clínico famoso; e que tivesse a certeza que tudo do meu avô era correto, era certo; e que nada havia que pudesse macular aquela imagem bonita que a gente tinha. Só não devo citar o nome deste médico.

P – Ele passava a imagem de idoneidade e segurança para você?

R – Muito, absoluta! Eu sempre tive muita enxaqueca quando era criança: e ele sempre me chamava para fazer os passes. E para dormir, que eu tinha insônia ele também fazia os passes: passava a mão na minha cabeça com muito carinho e eu adormecia. Um abraço dele era um abraço de dez avós.

P – E você lembra dele trabalhando mediunicamente?

R – Muito pouco. Nós éramos muito crianças. Meus pais assistiam muito, mas as crianças, não; só quando tinha alguma sessão na casa dele, a gente olhava por uma porta, alguma coisa assim.

Aquela reunião bonita, de muitos homens bem vestidos – cada dia era de um jeito – às vezes tinha muitos pobres, era uma coisa engraçada. Eram uns homens alinhados, muito bem vestidos, era uma elite que escondia que se tratava com o meu avô.

Aparecia o pobre, mas os bacanas também iam a ele. Eles, às vezes, não iam no consultório com medo, mas iam a casa dele. E ele recebia igual que recebia o pobre. E era o que mais me magnetizava nele, porque ele tratava exatamente igual. Ao rico não cobrava nada e nem ao pobre.

P – E você tem conhecimento que ele tratou da filha do Presidente da República?

R – Comentava-se isso. A meu pai, o meu avô falava, mas eu era muito pequena.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

P – E você lembra de comentários ou até mesmo de ver o seu avô mediunizado, trabalhando na mediunidade?

R – Eu nunca vi, mas o meu pai e a minha mãe comentavam que era uma coisa muito bonita. Como se uma luz clara caísse em cima dele e ele se transformava, ficava angelical, tratava as pessoas com muito carinho. Era uma coisa fora do comum. As pessoas se apaixonavam por ele. As mulheres mais pobres e mais doentes que fossem, ele passava a mão nelas, conversava com elas com carinho tão grande que dificilmente um médico de verdade seria capaz de passar aquilo que ele passava. Era um negócio que vinha para fora, do interior dele, não era ele a parte física, não era o “soma”, era lá de dentro, alguma coisa que saía, que vinha, e que falava. Os olhos um pouco cerrados; era com carinho. As pessoas acreditavam piamente no que ele dizia. Seguiam o que ele dizia. Ele tinha uma convicção absoluta no que estava fazendo.

P – Por que nós temos o conhecimento da mediunidade através da psicografia, no receituário mediúnico ele receitava os remédios. As pessoas dizem o seguinte: que muitas das vezes chegavam no consultório sem falar, sem dizer o que tinham e ele dava o receituário?

R – Eu vi isso em casa. Ele entrava, olhava para os empregados e dizia: “Você não está bem”. Ele chamava no quarto com ele e medicava na hora, sem a pessoa dizer nada. Ele olhando para a gente, já sabia o que a gente tinha.

P – Mas ele não incorporava Espírito?

R – Não que nós notássemos, não.

P – Era um trabalho de observação?

R – Era. Ele observava e receitava; ou então dava algum conselho. Eu acho que ele era iluminado.

P – Você podia contar como era, nas férias, o clima de Botafogo, naquela época de Inácio?

R – Botafogo era uma festa. Era completamente diferente de agora, porque a gente podia andar na rua tranqüilamente. Era divertido: as crianças brincavam, as casas tinham jardins nos fundos, não era na frente, estilo europeu. As casas tinham quintais enormes, jardins maravilhosos, cheios de aquários com peixinhos. “Todo mundo brincava livre. Podia vir até o portão, uns cumprimentavam os outros. Os bondes passavam na porta. Quem passava neles, cumprimentava os que estavam na varanda. Era um povo feliz, alegre, não era o nosso povo de hoje. O Botafogo de hoje é quase industrial.

P – Quer dizer que as suas férias com o seu avô eram nesse clima. Mas ele levava vocês na farmácia?

R – Não. Ele separava as coisas completamente. Meu pai ia de vez em quando ajudá-lo. Papai era muito ligado a ele.

P – Seu pai foi Espírita?

R – Meu pai foi Espírita. Mas, para poder se casar, porque meu avô, por parte de mãe, era seminarista, exigiu que ele fosse católico. A partir daí, ele se tornou católico, e foi um grande católico. Foi diferente, e era isso que eu achava bonito no meu pai. Ajudava a igreja, mas sempre ajudou as obras Espíritas, porque aquilo estava dentro dele. Tanto é que ele passou isso para mim. Mesmo sendo criada no catolicismo, tenho um amor muito grande pelo Espiritismo, porque foi o que eu vi na minha infância; o que meu pai me informou, e o que vi no meu avô, aquele carisma, lidava bem com todos os ramos da religião.

O meu avô, que tinha sido seminarista: os dois eram muito amigos.

Meu avô paterno, muito católico, e o avô Inácio, muito espírita, e é por isso que eu sempre digo: ecumenismo, eu vi na minha casa!

P – E a maioria da sua família era católica?

R – Por parte de mãe, sim, mas de parte de pai, todos são Espíritas praticantes.

P – E a Dona Rosa, a sua avó, era católica?

R – No começo. Era apaixonada pelo marido, vivia em torno do meu avô. Era uma pessoa que controlava tudo para que ele fosse feliz quando entrasse em casa.

P – Eu me lembro de alguma coisa que pude escutar, que o Inácio trazia um clima de liberdade aos filhos. Você já o conheceu como avô, mas tinha um clima de liberdade religiosa em casa com relação aos filhos?

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

R – Eu acho que até demais, porque se meu pai se tornou católico para se casar, e ele foi ao casamento... Ele era amigo do meu avô, que era católico, e amicíssimo do meu pai. Papai o ajudava na parte espiritual financeira e ele aceitava. Ele aceitava a todos. Cada um que cumprisse o seu dever. Nem nós, os netos, eram tratados diferentes. Ele sabia que eu era criada dentro do catolicismo, mas me tratava exatamente igual aos filhos daqueles que eram Espíritas. E eu me sentia muito bem quando ele colocava a mão em mim.

P – E isso era partilhado pelos outros netos?

R – Muito, por todos eles. Era uma coisa quase que doentia: os netos quase “brigavam” para colocar flor no peito dele.

P – Você conviveu com ele até os 18 anos, mais ou menos?

R – Até os 18 anos. Eu não estava no Rio quando ele faleceu. Estava em São Paulo. Então meu pai não mandou falar imediatamente. Também as comunicações não eram como as de agora. Não vi o sepultamento, não sei nada.

P – O que nós sabemos é que foi um sepultamento com muitas pessoas.

R – Isso eu soube. Foram muitos carros, muita gente acompanhando. O cemitério foi invadido por muitas pessoas, todo mundo chorando muito. Meu pai nunca viu, como repórter que era, nem em enterro de Presidente da República, com tanta gente, chorando. Foram por ele, chorando por ele.

E, mesmo depois de muitos anos, era comum a gente chegar na sepultura dele e ver pessoas, que não conhecíamos, rezando.

Nunca falei isso para ninguém. Estou falando pela primeira vez. Eu tive um grande amigo Espírita. Era daquele Grupo Espírita Regeneração, Dr. Alcís.

E quando eu estou muito aflita, deveria chamar os meus santos, não é isso? Mas, não sei porque, eu chamo meu avô e o Dr. Alcís, geralmente quando não consigo dormir, com muita dor de cabeça, que eu tenho muito, e eles conseguem me aliviar. Sinto-me socorrida pelo meu avô e pelo Dr. Alcís.

Quando o Dr. Alcís estava morrendo, ele me chamou e fez um gesto para mim e para uma amiga minha, e nós não entendemos. Nós trabalhávamos em salas próximas, e ele era muito meu amigo. Nós saímos, eu e minha amiga, às 12 horas e soubemos que ele morreu às 14 horas. Eu perguntei para a minha amiga o que ele tinha dito para nós e ela também não entendeu. Então fui para casa. Mas quando foi 13:30 horas, pensei comigo: “vou voltar ao hospital, alguma coisa está acontecendo com ele”. E peguei meu carro, voltei para o hospital. Quando cheguei, ele estava morto, sozinho na capela. Como a família era toda Espírita, não tinha dessas coisas de capela etc.

Tinha somente um rapaz tomando conta e que eu não conhecia. Eu então perguntei a ele se podia rezar e ele disse que sim. E aconteceu a coisa mais incrível: quando comecei a rezar, olhando para ele, como se fosse uma coisa de televisão aparecendo na minha cabeça. Eu comecei a saber o que ele estava me dizendo quando estava morrendo. Ele me disse, como pedia a ele quando estava vivo para rezar muito por mim no Centro, que eu continuasse pedindo que ele ia me ajudar, a mim e à minha amiga.

P – As pessoas, na época, confundiam muito Inácio como médico?

R – Exatamente. Muita gente me pergunta até hoje: “Teu avô era médico?”, e eu respondo que não. Eu acho que era pela palavra que eles utilizavam, médium receitista.

P – Tinha algum anúncio na farmácia, dizendo que ele era médium receitista?

R – Médium? Não. Eu acho que não. Mas também não tinha que ele era médico. Ele exigia que isso não fosse falado.

P – Você sabia que ele atendia freiras, lá na farmácia?

R – Sabia.

P – Que ele colocava elas na frente para não causar transtornos para elas?

R – Sabia. Muitos católicos se comunicavam com ele.

Eu quero dizer uma coisa a você, mas que o meu marido não saiba. Eu quis marcar com você exatamente hoje, porque ele ia a Angra, para podermos conversar mais à vontade. Não é que ele seja muito católico, mas não sei...

P – Tem algum preconceito conta o Espiritismo?

R – Não tem; é aí que eu dizer a você que não tem. Ele, ontem, almoçando aqui na mesa, eu mexi com ele.

Uma vez ele estava chegando no hospital. Ele é uma pessoa muito inteligente, muito culta mesmo, então era um muito famoso por ser um bom profissional. Então chegando ao hospital, deixou o carro e não subiu pelo elevador. Subiu pela rampa, porque o carro não entrava. Subiu pela rampa, por onde passam os carrinhos, e quando chegou em uma enfermaria, estava tudo normal, mas ele teve um “click” de entrar. Quando entrou, viu uma mulher que estava muito mal e o plantão anterior não tinha dito nada e nem escrito. Ele chegou perto dela e ela disse que sabia que ele vinha. E ele perguntou como ela sabia. Ele estava entrando de plantão naquela hora. Ela respondeu que as entidades a avisaram e estavam atrás dele e o empurraram para lá.

Mas não foi uma só vez que aconteceu isso.

Uma enfermeira uma vez se sentiu mal na sala de cirurgia e pediu para sair. Depois pediu para falar com ele separadamente e disse: “Dr. Purita, eu saí, porque ao seu lado havia um homem e eu não conseguia deixar de vê-lo”.

E ele disse: “Descreva-o”.

Quando ela o descreveu, ela não poderia saber nunca como era o pai dele. Era exatamente como o cirurgião, o pai dele. Ela descreveu com perfeição. Por isso é que eu acredito que ele não é tão descrente, porque acredita em tudo isso.

E outra vez gritaram que havia uma senhora passando mal na enfermaria. Vieram muitos médicos, inclusive ele. Quando ele veio, o que era chefe do plantão veio correndo, entrou e pediu para que colocassem um biombo para que a outra paciente não visse. Como era um caso de hemorragia, pediu que a levassem para a sala de cirurgia, porque o caso era grave.

À noite, a moça que presenciou o caso pediu para chamá-lo. Ele desceu para falar com ela. Perguntou o que havia acontecido, se ela estava assustada e se queria tomar um tranqüilizante. Ela respondeu: “Não doutor, eu estou calma. É porque, quando o senhor entrou, lá naquela porta, eu sabia que só o senhor ia resolver o caso dessa doente. Ela está bem, não está?”.

Ele respondeu que ela estava ótima. E ela disse: “Porque o senhor entrou com dois *Pretos-Velhos* não entrou sozinho”.

P – Como nós recebemos o produto das dificuldades sociais, acreditamos que o Inácio também recebia. Você lembra se ele era uma pessoa atuante dentro da sociedade?

R – Ele tentava ajudar, tanto é que ele fundou abrigos. Se ele fez isso, é porque estava tentando ajudar de alguma maneira. Era a maneira de ele poder ajudar. Como é que eu poderia ajudar hoje?

Tem uma Travessa no Grajaú com o nome dele: Travessa Ignácio Bittencourt e, no fim dela, tem exatamente um Centro Espírita, onde há crianças e velhos, que é fundação dele.

P – Nos estudos, podemos observar que ele atendia pessoas “da alta”, que tinham um poder político, que tinham um poder de influência sobre a maioria.

R – Eu acho que essas pessoas faziam doações para ajudá-lo a abrir essas casas. Eu acredito que sim, que elas ajudavam.

Ele era uma pessoa que não tinha fins de tirar para ele. O que ele tinha era o suficiente para ele viver, porque se vivia muito simplesmente. Então, ele jogava todo esse poderio para isso, porque politicamente era assim: ele fazia casas, ajudava os pobres através das pessoas que podiam pagar.

P – Nessa época, desde que ele veio para o Brasil, do casamento, até o resto de sua vida, teve fases muito turbulentas, dentro do contexto político, com guerras, revoluções, Guerra do Paraguai, rebeliões de ordem civil, insatisfações militares, saiu o Presidente, a revolução de 1930, Foi uma época intranqüila.

R – Meu pai era getulista, segurava muito a barra para o meu avô. Meu pai era amigo de muita gente militar.

P – Inácio deu uma comunicação para o pessoal do Centro. Quando vínhamos para cá, estávamos conversando e você fez uma colocação a respeito de ele estar próximo do poder. Conta isso para nós. Porque uma das coisas que ele falou é que nós prestássemos atenção, que ele estava próximo do poder, não só porque Botafogo ficava próximo do Catete, mas porque ele travasse

conhecimento e contato com essas pessoas através do receituário mediúnico, do socorro espiritual, do apoio moral a essas pessoas, que retribuía a ele através das obras que ele ia realizando.

R – Ele influenciou muito o meu pai. Era a figura central. Ouvia-o muito. Através do meu pai, eu amava o meu avô, porque ele refletia para nós o que era o meu avô. Os filhos dele eram uma cópia dele. Todos tinham os seus defeitos, lógico, mas a essência dos filhos era dele, nós o notávamos claramente. Dentro daquele filho você via aquele olhar, aquela coisa do meu avô. Mesmo que eu não gostasse do meu tio, eu via o meu avô lá dentro. Era impressionante como ele passava, como ele era forte.

P – É difícil saber como ele se virou nesse tempo, porque ele veio com 12 anos e o que a gente sabe é que começou a trabalhar como ajudante de empórios, de quitandas e depois então conseguiu fazer um curso prático de barbeiro e começou. E, a partir dos 20 anos, conheceu o Espiritismo e a mediunidade começou a surgir. Provavelmente, ele na barbearia já começou a trabalhar. Interessante é que podemos ver que o trabalho mediúnico da época era o médium ficar dentro da Casa Espírita. Ele, não. Se expôs. Foi muito corajoso.

R – Isso mesmo: ele se expunha muito. Sempre foi assim. Ele não tinha medo. Entrava em casa sempre de cabeça erguida: estivesse o que estivesse acontecendo, ele estava tranqüilo.

P – Dona Purita comentava isso?

R – Sim. Os filhos também comentavam.

P – Ele sempre trabalhou com a massa, até através do aspecto educativo de levar os conhecimentos contidos na Doutrina. E tem um caráter até reformulador: o indivíduo se reformulando para reformular um todo maior.

No caso do Abrigo Tereza de Jesus, que abrigava crianças, e outros abrigos também, que abrigavam a velhice, nós observamos a preocupação dele, de pegar exatamente os dois extremos, os dois opostos etários: a criança e a velhice.

R – Porque é exatamente até hoje o grande problema do Brasil.

Parte 6 – Enquadramento Geral do Arquipélago dos Açores

1. Localização

Portugal Continental está situado no extremo sudeste da Europa, na Costa Ocidental da Península Ibérica. Os Arquipélagos Atlânticos dos Açores e da Madeira fazem parte do território português, constituindo regiões autônomas, com estatutos político-administrativos públicos.

O Arquipélago dos Açores é composto por nove ilhas, que se dividem em três grupos: o oriental, formado pelas ilhas de São Miguel e Santa Maria; o central, pelas Ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial; e o ocidental, pelas Ilhas das Flores e do Corvo.

Estas ilhas encontram-se situadas numa faixa de latitude correspondente à metade sul do “Território Continental, aproximadamente entre os paralelos 37° e 40° norte. A longitude varia entre 25° e 31°.

Numerosas ilhéus circundam determinadas ilhas, servindo alguns de abrigo a várias espécies de aves marinhas, já raras nos dias de hoje.

Este arquipélago dista cerca de 1.500 Km da costa de Portugal Continental e fica a cerca de 4.000 Km dos Estados Unidos da América.

O seu ponto mais elevado encontra-se na Ilha do Pico – daí o seu nome – erguendo-se a uma altitude de 2.351 metros, tornando-se, assim, a mais elevada montanha de Portugal.

Tem uma agricultura florescente, pastagens ricas e matas de grande frescura e beleza.

A origem vulcânica das ilhas açorianas não impede que cada uma delas se revista de individualidade própria, quer por influência de fatores naturais, quer devido a fatores humanos.

Dois épocas florais marcam fortemente a paisagem de quase todas as ilhas açorianas a época das azálias (em abril) e a das hortênsias (durante o verão).

No Faial, na Terceira e nas Flores, principalmente, a propriedade rural é dividida por sebes intermináveis de hortênsias.

Torna-se quase injusto destacar esta ou aquela ilha pelas suas belezas particulares. Estará o nome de uma delas, Graciosa, relacionado com os seus encantos naturais? E a das Flores, de paisagens e riquezas florais indescritíveis? E do Pico, com os seus “mistérios” (assim apelidados pelo povo), certos locais, situados entre a encosta e o mar, em que fenômenos vulcânicos deixaram “tapetes” de lava impressionantes? E São Jorge, de paisagem sempre renovada? E Santa Maria, a menos vulcânica das ilhas do Arquipélago, não tem ela um encanto único na paisagem açoriana, com as suas casas individuais, que surgem como que uma aquarela, em tons de azul, branco e rosa dos telhados, das terras, ora verdes, ora encarnadas, conforme a época do ano?

Não ficou esquecida a Ilha do Corvo, apesar de ser a mais pequena e a mais afastada. Nem por isso é a menos interessante.

2. Dados Históricos

É praticamente impossível demarcar no tempo, com exatidão, a descoberta das ilhas açorianas. Cartas e postulanos dos princípios do século XV, e mesmo anteriores, referiam já a existência de algumas ilhas Atlânticas, coincidentes com a localização do Arquipélago dos Açores.

Conhecidas ou não anteriormente, a descoberta da primeira ilha açoriana é atribuída a Diogo de Silves, que, em 1427, no regresso da Madeira, teria tocado pelo menos a Ilha de Santa Maria.

O nome dos Açores deve ter sido atribuído pelos seus descobridores em virtude do grande número de milhafres – quiçá a cores – que povoam o céu das ilhas.

As primeiras sete ilhas, citadas na carta de D. Afonso V, chamavam-se Santa Maria, São Miguel, Jesus Cristo, Graciosa, São Luís, São Dinis e São Jorge.

Doze anos mais tarde, já três delas tinham mudado de nome: a de Jesus Cristo, para Terceira, por ter sido esta ordem pela qual foi descoberta; a de São Luís, para Pico, e a de São Dinis, para Faial. A descoberta das Ilhas das Flores só se efetuou mais tarde, cerca de 1450, e foram chamadas de São Tomás e das Flores, e a do Corvo, Santa Iria.

O povoamento do arquipélago começou a fazer-se com regularidade a partir de 1443, senão antes. Frei Gonçalo Velho foi o primeiro capitão das Ilhas dos Açores e, portanto, o seu primeiro povoador. De entre os muitos habitantes do continente que foram povoar as ilhas recém descobertas, parece terem-se destacado, no início, as comunidades do Alentejo e do Algarve. Aos portugueses juntaram-se muitas famílias francesas e flamengas, sendo esta na sua maior parte artífices.

As culturas de trigo, cevada e batata doce foram as primeiras. A cana-de-açúcar adaptou-se também com facilidade. Mas, numa das fases do desenvolvimento económico dos Açores, teve importância, segundo alguns historiadores, a introdução, por parte do Flamengo Guilherme Van der Haegan, em 1480, na Ilha de São Jorge, da cultura do pastel (planta usada pelos tintureiros para tingir os tecidos de azul).

Desde o início, as Ilhas Açorianas desempenharam um papel relevante no apoio às caravelas que regressavam da Costa Africana. Assim, na sua viagem de regresso da América – das Antilhas, mais precisamente – Cristóvão Colombo fez alta na Ilha de Santa Maria, tendo levantado ferro em 23 de fevereiro de 1493, depois dos seus homens terem assistido à missa na Igreja dos Anjos, o primeiro templo construído no arquipélago, e ainda hoje existente, embora reconstruído e alterado.

A história das Ilhas Açorianas está intimamente ligada à vida do continente.

O cuidado dispensado pelo Infante D. Henrique e pela Ordem de Cristo ao povoamento das Ilhas dos Açores é bem evidente na preocupação espiritual da comunidade em tão pequenos territórios.

Em todas as ilhas, quer nas grandes vilas e cidades, quer nas pequenas povoações, foram construídas igrejas e capelas, excedendo em tamanho e grandeza às proporções dos locais onde foram construídas.

A primeira diocese açoriana foi criada em Angra, em 1534, pelo Papa Paulo III. O século XVIII foi a época da construção de grande parte das igrejas e dos mosteiros ainda hoje existentes. O século XVIII foi período áureo para a construção de solares e casas senhoriais.

3. Festas Populares nos Açores

As festas populares dos Açores vieram de Portugal e Espanha e por intermédio destes dois países do mundo inteiro, porque o folclore – a cultura popular – é universal e não tem idade.

Dentro do conceito de cultura popular, o elemento principal é a tradição, que lhe dá autenticidade e alma. Folclore é a cultura popular tornada lei pela tradição.

As festas populares nos Açores estão sempre ligadas às motivações sócio-religiosas, onde se observa um grande conjunto de expressões originárias da linguagem, música, dança, teatro, artesanato, culinária, traje e outras formas que possam significar os motivos das festas, dos cultos, dos rituais e das práticas devocionais.

Assim, os ciclos das festas acontecem para cumprir os seus motivos em honra dos santos, datas ou acontecimentos de alto significado social, das razões principais geradoras da consciência do indivíduo com o Homem.

A criação artística dos momentos das festas é dinâmica e toma o aspecto especial de cada uma das ilhas ou países de onde os açorianos emigraram. Assim as fortes características vindas nas tradições mantêm-se no tempo e no espaço em que a memória analítica e coletiva vai além da sua própria região.

Festejar, brincar, venerar os santos, cumprir os rituais que buscam o equilíbrio das forças da Natureza (erupções vulcânicas e terremotos) e do Homem (guerra e paz) tem papel importante nos cortejos dramatizados, na seqüência de enredos, nas cores, nas cores dos cadafalsos, “tirados” e impérios ou nos coloridos das fitas que ornamentam bezerrados e touros; no conjunto dos adereços das Danças do Entrudo, muitas vezes marcas da sociedade, leitura dos diferentes povoamentos das diversas Ilhas dos Açores.

4. Espírito Santo (Impérios)

Seguir os ciclos do Espírito Santo, do touro, do Homem e de Deus, comemorar os motivos, comemorar os motivos dos calendários regionais, festejar santos patronos, as datas de representatividade para os grupos sociais tem como fim a socialização das festas, partilhando o espaço em que vivemos, que tem como centro Deus.

A presença do Altíssimo está permanente nas manifestações de cultura popular, nos irmãos e romeiros, procissões e na eterna procura dos lugares sagrados.

As festas populares dos Açores poderão dividir-se em dois grandes grupos: Ciclos do Espírito Santo e do Touro; e Ciclos do Homem e de Deus.

O Espírito Santo é o espírito; o Touro, os bens materiais; e, finalmente, o homem e Deus.

Os ciclos do Espírito e do touro começam em maio, que é o mês das flores e verduras, da alegria, da primavera e da fecundidade da terra, acabando estes ciclos no fim do ano litúrgico católico.

O ciclo do Espírito Santo, com a sua origem longínqua em Portugal continental, vai com a emigração até os E. U. A e ao Brasil. É o tempo de pagamento das promessas e da caridade.

O Espírito Santo em Santa Maria, Terceira e Pico tem características especiais e momentos muito altos, sendo muito diferente e variando de ilha para ilha. Nas restantes, as festividades do Divino Espírito Santo apresentam-se mais atenuadas e, cada uma destas, recebendo influências das tais primeiras mencionadas.

Os ciclos do Homem e de Deus começam no fim do ano litúrgico católico, no mês de novembro, o de Todos os Santos, em que, nos tempos do povoamento, se estipulava a obrigação de se distribuir pão cozido aos pobres, no dia dos fiéis defuntos, ou dos mortos; era o pão por Deus, das “encomendas” e das “ementas das almas”, ou melhor, o culto dos mortos. Neste início também se incluía o Bodo dos Pobres ou Festas de S. Martinho.

Estes ciclos têm como movimentos muito altos as Festas do Natal, Carnaval e Páscoa.

O ciclo do Homem vem do teatro grego, medieval e vicentino, cuja presença é encontrada nas danças do ntrudo e no teatro popular, representado ao ar livre.

O ciclo de Deus, com a sua origem nas ordens religiosas, romeiros e romarias aos lugares já reconquistados aos infiéis, procissões em louvor a Deus, à Virgem Santíssima e aos Santos, acabando na maior (esta que se realiza nos Açores, mais principalmente em S. Miguel e Santa Maria, que é a Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres).

Os impérios, segundo a opinião geral, tiveram origem na Vila de Alencar e foram seus instituidores a Rainha Santa Isabel e D. Dinis.

Já no fim do século XVII se dizia que os impérios nas ilhas tinham uma longa e brilhante tradição, pois, segundo se pensa, foram introduzidos logo após a colonização. Dizendo mesmo Jaime Cortesão: “Não há no arquipélago, por assim dizer, cidade, vila, bairro ou rua que não tenha um império”, ou seja, o povo português, que durante o século XV colonizou aquele arquipélago, pertencia àquele a que poderemos chamar, na história religiosa em Portugal, a época do Pentecostes.

Para este historiador, o culto do Espírito Santo, sob a forma de império, tendo constituído a devoção prevalecte do povo do século XIV a meados de seiscentos, “constitui o prólogo religioso, mas imbuído de intenção laicista dos descobrimentos”.

Do mesmo ponto de vista, Jaime Cortesão considera que a investidura de Afonso V, feita “sob o modelo e inspiração da festa do império”, representa a investidura da Nação pelo Espírito Santo”.

Para Frei Agostinho de Montalverne, quando um dos primeiros capitães da Ilha de Santa Maria, Pedro Soares de Sousa, ali aportou, já lá se sucediam estas festividades, sendo aquele governador grande benemérito na organização do primeiro bodo.

Conta Frei Agostinho que, chegado o dia do Espírito Santo “como os mordomos não tivessem coisa alguma para celebrar o bodo, por sua grande pobreza, mandou o Governador Pedro Soares de Sousa ao seu curral buscar uns carneiros para que deles se guisassem jantar aos pobres, comeram os pobres e os carneiros outra vez foram achados vivos no curral com o sinal do cutelo nos pescoços; e os que foram gerando, todos, nasciam com este sinal”.

Refere ainda o Frade que, em certo ano estéril, não tendo os habitantes com que fazer o bodo, surgiu, em véspera do Espírito Santo, “um boi correndo do mato e, chegando ao lugar onde todos os anos se matavam os bois para o bodo dos pobres, com as patas cavando a terra, caiu morto, gritando ou mugindo, o que vendo os moradores se animaram e, de repente, fizeram bodo aos pobres, como costumavam fazer todos os anos”.

Baseando-se em documentação cueva, afirma Gervásio Lima que, ao findar a quarta centúria, se realizavam em Angra do Heroísmo, o mesmo sucedendo por toda parte, esplêndidos impérios com bodo, então denominados “impérios dos pobres”, por motivos das suas ligações aristocráticas.

A festa do Espírito Santo nos Açores, que, nos meios rurais de todas as ilhas subsiste ainda em grande pujança, embora diversa em cada uma delas, é organizada e custeada pelas respectivas irmandades e pelos donativos colhidos entre os habitantes ou pelos próprios imperadores. Cada império tem jurisdição em área própria, sendo o bodo disposto em grandes mesas, nas ruas que lhe são adstritas, aberto a todos os contribuintes. As virtualhas são em geral constituídas por uma refeição de carne, um pão de massa cevada ou uma rosquilha. A forma mais humilde de festejar a Terceira pessoa em todo o arquipélago é na Graciosa.

Em Fontes Pequeno, lugar da Freguesia da Santa Cruz de Graciosa, festeja-se no Domingo de Pentecostes e no Domingo da Trindade. Em Santo Amaro, o primeiro domingo cabia ao partido dos velhos e o da Trindade ao partido dos mancebos.

O bodo, antigamente servido em baixela de barro grosseiro, fabricado na ilha de S. Miguel, consiste em certa porção de carne crua, um litro de vinho, uma posta de sangue e um pouco de fígado, ingredientes considerados essenciais para a “sopa do Senhor Espírito Santo”, à qual se adiciona também um tanto do vinho recebido. A esta ementa acrescentam-se as rosquilhas (de maiores dimensões para os confrades, as mais pequenas para a criançada e para todo o povo), que são amassadas com leite, ovos, água, manteiga e um pouco de outra gordura, em geral banha. Depois de bem fervidas, vendidas em forma de arco, marcadas com chavões florais, côncavos ou convexos e cozidos em forno de padeiro.

Por exemplo, no lugar de Fontes totalizam quatro os bodos anuais: o da carne, atrás referido, sem dia marcado, podendo cair em qualquer domingo do mês de julho, com carne para os pobres, rosquilhas e vinho a discricção; o do Espírito Santo, em que se oferecem rosquilhas e vinho a quem se aproximar; o dos rapazes, que ocorre entre maio e agosto; o das raparigas, ou das Sete Marias, com distribuição de rosquilhas.

Quanto à coroação, cujo cerimonial se processa nas igrejas locais, há grande homogeneidade nos meios citadinos.

Cada império tem o seu imperador, o seu mordomo, a sua bandeira com a divina pomba, a sua coroa e o seu cetro de prata lavrada. Mas a cabeça do filho ou filha do imperador que irá ser adornado com a coroa imperial, no dia de pentecostes ou no da Trindade é, em geral, tirada à sorte por todo lado, embora, no campo, por vezes, não haja sorteio e os impérios são por devoção ou promessa.

Tais coroas, diferentes de império para império e distintos dos primitivos, permanecerão durante todo o ano em casa dos primeiros sorteados, que as colocam sobre um altar enfeitado, junto ao qual se reza, canta e dança até a sua entrega aos segundos sorteados e, assim sucessivamente até ao último.

Os imperadores, primorosamente vestidos (se for imperatriz irá enfeitada com jóias de elevado preço), avançam solenemente pela nave central da igreja até ao altar mor, junto do qual colocam as insígnias sobre almofadas vermelhas de seda. Finda a missa, o oficiante coroa os imperadores do ano futuro, a cujas residências regressam os respectivos acompanhantes, para os apetecidos banquetes e baile de alguns eleitos.

Um dos traços mais espontaneamente populares desta festividade insular é a folia do Espírito Santo, iniciada ainda no primeiro domingo, ou seja, em domingo de Páscoa e sucedendo-se nas demais sete até a Trindade. Mas a mais estridente de todas as folias é a de Pentecostes, em que os foliões, três jovens fantasiosamente vestidos de capa encarnada, calção e polainas de tons vivos, cantam as suas cantigas de pombinha, melodias e letras carregadas de tradição, quanto dois deles rufam desesperadamente no tambor e nas pandeiretas que trazem consigo, o terceiro carrega a bandeira mais modesta que à do império, mas em tudo a ela se assemelha.

São os foliões que comandam, por cantigas ritmadas pelo tambor, todas as cerimônias, desde a distribuição da coroa, do cetro, da bandeira, no começo do desfile ao coroar e descoroar dos régios figurantes na igreja até ao levantar e baixar dos talheres dos banquetes.

5. Tourada à Corda

A população rural portuguesa tem pelo boi uma veneração sagrada. O touro foi, em certas religiões e desde a mais remota antigüidade, um animal divinizado (adorado como deus entre os egípcios, por exemplo), característica que a igreja logo soube assimilar. Nesta tendência se enquadram as bênçãos de animais e a tolerância para a sua participação em festejos de índole religiosa, como o boi de S. Marcos e o boi bento de S. João de Braga. Emparelhando com estes, as festas de touros que integram as procissões do Espírito Santo na época da instituição da festa, a chamada “tourada à Corda, ao modo terceirense atual.

O bravo touro lidado nesta tourada à corda é o sucessor do pacífico bovino que permitia que lhe enfeitassem garridamente de flores e fitas as hastes cândidas, o cachaço e o dorso, sujeitando-se ao ritual das três voltas ao redor da ermida e à vênua frente à casa do imperador, ou ao passeio pelas ruas do burgo, entre o estrondar dos foguetes, as notas agudas da gaita de foles e o acompanhamento procissional dos mordomos e populares.

Desestimou-se a mansidão destes ritmos e os homens viram outras coisas, adquiriram novos hábitos e apeteceram emoções mais violentas. De alguns anos para cá, já ninguém o adorna nem conduz pelas ruas, de aguilhada ao ombro, em pachorrentos angulados. Os meios de comunicação social poderão também ter apressado a ruptura do velho costume, mas o certo é que os bovídeos deixaram de ser os prestimosos alicerces do trabalho agrário e, nestas festividades, passou a

apreciar-se a braveza do touro. As voltas à ermida tornaram-se inviáveis com a troca do animal que, por uma questão de tática, percorre uma só vez as ruas da aldeia.

Por estas razões, ou por alguma delas em particular, o boi do trabalho viu-se substituído pelo boi da boa vida, como eram pitorescamente designados na borda-d'água, em tempos, também já idos, os bois bravos.

E como a dignidade e a têmpera deste fidalgo animal se não acomodassem com a pacatez bucólica dos passeios aldeãos, há que lhe aproveitar os dotes, antes de o abater; e então se faz a chamada corrida à corda, por entre correrias, atropelos e sobressaltos dos pretensos toureiros.

Correr touros à corda é costume especialmente popular e processa-se da seguinte maneira:

Amarradas duas extensas cordas às hastes emboladas do cornuto, logo dois ranchos de homens (seis ou mais em cada extremidade, devendo, em certas ocasiões, por motivo de segurança, ser só dois ou três) procuram soffrear-lhe o ímpeto, embora, de quando em quando, deixem propositadamente mais frouxa a corda salvadora.

O herói assim festejado dá a volta ao lugar, sem pressões nem tiranias, a caminho do altar do sacrifício. Antigamente era acompanhada de música; hoje, de vozes estridentes da gente moça e menos moça, estonteados todos pela excitação.

Chegada a hora da cruenta oblação, é o animal agarrado, com a multidão a comprimir-se de tal forma que a rês não pode movimentar-se. O matador, manejando habilmente a choupa sobre o cachaço do animal, à frente de todos, o abate sem que alguém esboce um gesto de dor ou repugnância. É apenas um ritual milionário que se cumpre, como nos sacrifícios em honra dos ídolos pagãos e mesmo entre os hebreus, para glorificar o Senhor e, provavelmente, para eliminar a imolação de vítimas humanas.

Depois de esfolado no chão, é içado por corrente movidas por uma roldana para uma armação em forma de forca, e assim mesmo designada, onde é aberto e esquartejado, sendo parte da carne logo arredada para o bodo e a restante para venda.

O dia da morte do touro é um dia de empenhamento coletivo da população local.

6. Conclusão

A religião condiciona o comportamento do Açoriano. Os festejos mais populares do arquipélago açoriano são os consagrados ao Espírito Santo, os quais se realizam em todas as ilhas do arquipélago.

Uma outra festividade de grande relevo, a nível nacional e, até mesmo em países onde existem comunidades açorianas, é a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, que se realiza, como já foi referido, na ilha de S. Miguel. Ao contrário das festas do Espírito Santo, estas se realizam numa só ilha, mas tem a particularidade de ser a que tem mais projeção ao nível dos meios de comunicação social.

A história do vulcanismo nas Ilhas dos Açores, cuja data é muito anterior ao seu povoamento, prolongou-se aos nossos dias, sendo um fator importante para a implantação e desenvolvimento destes festejos.

Desde 1439, registraram-se 32 erupções nos Açores. Hoje o arquipélago tem 10 vulcões em atividade. Daí o forte apego da população às divindades. A religião está ligada ao vulcanismo. É uma religião de promessas “toma lá, dá cá”.

Estas manifestações movimentam grandes massas humanas. Todos os indivíduos participam destes festejos, independentemente do sexo, da idade e da condição social. Há, pois, um forte empenho de todos, para, além de celebrar a festa religiosa procurarem incentivar o convívio.

“A cada esquina há uma igreja” – O grande número de santuários é um aspecto que elucida bem o caráter religiosa deste povo.

Nestas festas há ainda a assinalar um aspecto importante que é o de cada indivíduo procurar mostrar exteriormente a sua riqueza. Disto são exemplo as toalhas que nas festas do Espírito Santo se utilizam para o serviço da coroa: quanto mais rico é o imperador, mais valiosas são as pensões.

O fenômeno da emigração tem duas vertentes: uma positiva – os emigrantes deslocam-se à sua terra natal para participarem destas festividades, outro negativo – o risco de se perderem algumas tradições, visto estas serem realizadas por jovens. Importa destacar que muitos descendentes de açorianos nasceram na América e não conhecem os Açores.

Todas as localidades das ilhas açorianas têm festas dos seus padroeiros. Nestes dias, as vilas e aldeias vivem belos momentos de fervor religioso, ainda que rodeados de festas populares que refletem a influência das regiões donde procederam os primeiros povoadores.

No culto do Divino Espírito Santo, a festa querida dos açorianos, não é fácil distinguir onde acaba a teologia e começa a tradição, pois aqui a cultura popular atinge o seu expoente máximo, dando ao rito uma riqueza, a tal ponto vivida, que ultrapassa aos quadros conceituais da teorização dos dogmas.

Neste culto encontra-se, acima de tudo, uma fé milenária vivida, enriquecida, transmitida, que é um elemento aglutinador, no tempo e no espaço, de uma forma específica do açoriano estar no mundo, de ser crente.

Os Açores são um marco importante na cultura portuguesa.

Os símbolos religiosos ou mitológicos representam valores sociais, indicam uma conduta para atingir um ideal e fazem produzir idéias e comportamentos concordantes.

Segundo J. Chevalier, o símbolo “é um dos fatores mais poderosos de inserção na realidade, graças à sua função socializante. Faz entrar em comunicação profunda com o meio social. Cada grupo tem os seus símbolos”.

No seu “Tratado de História das Religiões”, Mircea Eliade afirma que um fenômeno religioso se revela como tal quando apreendido dentro da sua própria modalidade, ou seja, deve ser estudado à escala religiosa.

Parte 7 – Síntese Histórica do Espiritismo no Brasil

1. Notícia das Mesas Girantes:

14.06.1853 – O “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, publica, pela primeira vez, matéria enviada pelo Dr. José da Gama e Castro, seu correspondente em Berlim, comentando os fenômenos das *mesas girantes*.

30.06.1853 – O mesmo jornal descreve, sob o título de “A Rotação Elétrica”, os fenômenos que empolgavam Paris, depois de terem feito o mesmo nos Estados Unidos, México, Londres, Viena e Berlim.

02.07.1853 – O “Diário de Pernambuco”, editado no Recife, noticia os fenômenos, o que continua a fazer em outras edições, de 7, 10, 11, 13 de julho e 12 de agosto.

15.07.1853 – “O Cearense” publica, em Fortaleza, a primeira notícia dos fatos empolgantes, prosseguindo no relato nas edições de 28 de julho e 2 de agosto, nesta transcrevendo trechos de jornais europeus, como o “Correio de Lião”, da França.

19.05.1854 – “O Cearense”, falando da comunicação dos Espíritos pelas mesas, arremata: “A evocação se faz por intermédio de um *iluminado, a quem se dá o nome de médium*”.

2. A Obra Pioneira de Luís Olímpio Teles de Menezes;

Luís Olímpio Teles de Menezes nasceu na cidade de Salvador, na Bahia, aos 26 de julho de 1825. Foi professor primário, hábil estenógrafo, funcionário da Assembléia Legislativa de sua terra natal e Oficial da Biblioteca Pública da Bahia, a primeira da América do Sul.

Falava o inglês, o francês, o castelhano e o latim. Pertenceu, como tantos ilustres brasileiros, à Guarda Nacional, que prestou relevantes serviços ao País, tendo atingido o posto de tenente-coronel.

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

Escreveu no “Diário da Bahia” e no “Jornal da Bahia” e fez parte do periódico “A Época Literária”, como seu principal redator, onde estampou artigos notáveis de cultura geral e fez publicar o romance “Os Dois Rivais”.

Pertenceu ao Instituto Histórico da Bahia, do qual foi tesoureiro.

Conviveu com notáveis figuras da vida pública baiana, no ramo da política, das artes, da literatura, das ciências e da educação.

Vindo para o Rio de Janeiro, ingressou logo depois, em 1879, no corpo de taquígrafos do Senado, tendo publicado, em 1885, o “Manual de Estenografia Brasileira”, obra reveladora de seus grandes conhecimentos do assunto.

Paupérrimo, com família grande, desencarnou aos 16 de março de 1893, com 68 anos de idade, em sua residência da Rua Barão de São Félix, 165, sobrado. Foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier.

Sua vida foi uma constante luta em prol do bem público, luta em que demonstrava grande força de vontade e sadio idealismo, porque sempre o animaram objetivos elevados: o bem e o progresso das criaturas humanas.

Coroou sua existência fecunda e admirável com as realizações espíritas, de que foi autêntico, perseverante e denodado pioneiro, missão desempenhada com valor e fé inquebrantável, denodo e desprendimento.

17.09.1865 – Instala, nesta data, o Grupo Familiar do Espiritismo, o *primeiro Centro Espírita do Brasil*, e, às 20h30m, preside a uma sessão mediúnica, onde se recebe a primeira página psicografada, assinada por “Anjo de Deus”.

1866 – Luís Olímpio Teles de Menezes publica o opúsculo “O Espiritismo – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, páginas extraídas e traduzidas de “O Livro dos Espíritos”. A obra contém um prefácio de sua lavra, de afirmação de sua fé na Doutrina. Escreve, também, uma Carta aberta defendendo o Espiritismo de ataques desfechados em Pastoral de D. Manuel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, e nela afirma seu autor: “O Espiritismo tem de passar por provas rudes, e nelas Deus reconhecerá seus verdadeiros servos por sua coragem, sua firmeza e sua perseverança. Os que se ausentam por um simples temor, ou por uma decepção, assemelham-se a soldados que somente são corajosos em tempo de paz, mas que, ao primeiro tiro, abandonam as armas”.

Julho – 1869 – Para melhor defender e propagar o Espiritismo, duramente atacado pelo clero e imprensa de Salvador (“Bahia Ilustrada”), Luís Olímpio Teles de Menezes publica “O Écho D'Além-Túmulo” – Monitor do Espiritismo no Brasil, o *primeiro jornal espírita do Brasil*. Com 56 páginas, o jornal circulava em várias partes do Brasil e em capitais estrangeiras (Londres, Paris, Madrid, Nova Iorque). Defendia o abolicionismo e, segundo seu fundador, conforme afirma na Introdução escrita para o primeiro número, nascia “para registrar todos os fatos que tiveram lugar em nossas reuniões, feitas unicamente no interesse de sermos úteis a nossos irmãos em Jesus Cristo, e para que os homens em geral, revestindo-se de boa-vontade, e procurando despojar de si o espírito de controvérsia, de divisão, de egoísmo e de vaidade, possam encontrar um meio seguro de observação e de estudo”. A “Revue Spinte”, de outubro de 1869, registrou o aparecimento do periódico espírita, elogiando-o.

28.11.1873 – Os componentes do Grupo Familiar do Espiritismo, a fim de evitar os efeitos da intolerância religiosa da época, constituem-se em sociedade científica, sob o título de “Associação Espírita Brasileira”, regida pelos Estatutos do Grupo. Luís Olímpio Teles de Menezes foi seu primeiro presidente. (*)

(*) **Nota:** “Reformador” de junho de 1969 publica completo estudo sobre a vida e a obra de Luís Olímpio Teles de Menezes, a propósito do lançamento do selo espírita comemorativo do primeiro centenário de fundação de “O Eco d'Além-Túmulo”.

3. O Espiritismo no Rio de Janeiro:

02.08.1873 – Funda-se na Capital do Império por inspiração do Espírito Ismael, a Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, sob a direção dos Drs. Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, Presidente; Antonio da Silva Neto, vice, eleito Presidente um ano depois; Joaquim Carlos Travassos, Secretário Geral; Casimiro Lieutaud, Tesoureiro; Bittencourt Sampaio e outros.

09.10.1873 – É aprovado o regulamento do Grupo, que dizia ter a sociedade “por fim o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíricas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas”, pelo que devia seguir os princípios e as formalidades expostas em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns”.

Sua divisa era: “Sem caridade não há salvação; sem caridade não há verdadeiro Espírita”.

O Grupo Confúcio recebeu mensagens de seu patrono e de Ismael, que se revelou o *diretor espiritual do Brasil*; receita-se a homeopatia e eram aplicados passes.

01.01.1875 – O Grupo Confúcio lança a “Revista Espírita” (Publicação mensal de Estudos Psicológicos), nos moldes da “Revue Spirite”, de Allan Kardec, redigida e dirigida pelo Dr. Antonio da Silva Neto.

Era um segundo periódico espírita do Brasil e o *primeiro do Rio de Janeiro*, Capital do Império.

A “Revista Espírita” publicou notáveis artigos doutrinários e de refutação aos inimigos da Doutrina, duramente atacada pelo “Jornal do Commercio”, nos anos de 1874/1875, que tachava o Espiritismo de “epidemia mais perigosa que a febre amarela”, verdadeira fábrica de doidos.

O Grupo Confúcio manteve contacto, por intermédio da “Revista Espírita”, com o Sr. Leymarie, de Paris, que dirigia a Sociedade para a continuação das obras espíricas de Allan Kardec. Ainda nesse mesmo ano, o Grupo Confúcio faz publicar, *em primeira tradução no Brasil*, a cargo de Fortúnio, pseudônimo de Joaquim Carlos Travassos, várias obras de Kardec: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. A editora B. L. Garnier foi muito criticada por isso. Também em 1875, Adolfo Bezerra de Menezes lê, pela primeira vez, “O Livro dos Espíritos”, que lhe fora oferecida por Joaquim Carlos Travassos, seu *primeiro tradutor em língua portuguesa*.

23.03.1876 – A conselho do Guia Ismael, funda-se a Sociedade de Estudos Espíricas Deus, Cristo e Caridade, sob a orientação de Bittencourt Sampaio e, em 1878, também de Antonio Luís Sayão. Durante algum tempo foram realizados trabalhos de grande valor.

20.05.1877 – Um grupo de dissidentes da Sociedade de Estudos Espíricas Deus, Cristo e Caridade funda a congregação Espírita Anjo Ismael.

08.06.1878 – Outros componentes da mesma Sociedade reúnem-se no Grupo Espírita Caridade. Essas instituições, bem como o Grupo Confúcio, desaparecem em 1879.

03.10.1879 – A Sociedade de Estudos Espíricas Deus, Cristo e Caridade passa a denominar-se Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, atendendo à vontade do grupo dos cientificistas, contrários ao caráter religioso da Doutrina. O fato foi assim comentado por Pedro Richard, no “Reformador” de 15.09.1901: “Como se Deus, Cristo e Caridade pudessem ser acadêmicos, colegas de pobres pecadores ignorantes”. A Sociedade foi instalada na Praça da República, 54 (antiga Praça da Aclamação), sendo eleitos e empossados seus diretores, dentro os quais os Drs. Siqueira Dias, Lima e Cirne e Antonio Pinheiro Guedes. Entretanto, é preciso considerar que muitos benefícios prestou à Doutrina, difundindo-a e defendendo-a de soezes ataques de seus tradicionais inimigos.

21.03.1880 – Desgostoso com a situação criada na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, um grupo de dissidentes, entre os quais estavam Bittencourt Sampaio, Antonio Luís Sayão e o grande médium Frederico Júnior, funda o Grupo Espírita Fraternidade, com sede na Rua da América e presidido por João Gonçalves do Nascimento, notável médium curador.

15.07.1880 – Antonio Luís Sayão, que tentara, sem êxito, recompor a antiga Sociedade de Estudos Espíricas Deus, Cristo e Caridade, funda, com Frederico Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Bittencourt Sampaio e outros, o Grupo dos Humildes, mais conhecido como Grupo do Sayão, que, numa primeira fase, durante perto de um ano, realizou proveitosas reuniões.

Mais tarde vem a se chamar “Grupo Ismael” e se integra na Federação Espírita Brasileira, onde existe até hoje e cuja história completa se pode ler em “Reformador” de agosto de 1973.

Ainda em 1880, Augusto Elias da Silva, futuro fundador da Federação Espírita Brasileira e de “Reformador”, lança a União dos Espíritas do Brasil, a que preside.

Aliás, com relação ao ano de 1880, comenta Pedro Richard (ver “Reformador”, novembro de 1973, pág. 342): “Por essa época ocorreu um fato bem significativo: Os Espíritas, ou por discordância de idéias, ou por criminosa pretensão, criaram considerável número de grupos, cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da Doutrina. Qualquer Espírita formava um grupo, só para satisfazer a vaidade de dar-lhe por título um nome que ele venerava. De grupos produtivos apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido”.

07.06.1881 – É lançado o Grupo Espírita Humildade e Fraternidade, com apoio de Francisco Raimundo Ewerton Quadros, que será, anos mais tarde, o *primeiro presidente* da Federação Espírita Brasileira e um dos seus fundadores.

28.06.1881 – A data assinala a *perseguição oficial ao Espiritismo*. Diários cariocas (“O Cruzeiro” e “Jornal do Commercio”) anunciam a ordem policial que proibia o funcionamento da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade e dos Centros filiados. Os Diretores da Sociedade dirigem-se ao Ministro da Justiça, que lhes afirma não consentir na perseguição.

30.08.1881 – A Sociedade é intimada oficialmente a suspender suas reuniões, havendo a Diretoria expedido ofícios ao Chefe de Polícia e ao Ministério da Justiça, tendo aquele recebido ainda uma Comissão de Espíritas, de que faziam parte Antonio Pinheiro Guedes, Lima e Cirne e Joaquim Carlos Travassos, para exposição dos fatos e sustação das medidas policiais.

06.09.1881 – O Imperador D. Pedro II recebe uma comissão de Espíritas, que lhe entrega documento com minuciosa exposição dos fatos e o pedido de que se faça justiça. O Imperador, na ocasião, disse que não consentiria em perseguições.

21.09.1881 – A mesma comissão volta ao Imperador, que repete a promessa de que os Espíritas não seriam perseguidos, mas que não quisessem passar por mártires... A ordem policial não foi expressamente revogada, embora também não tivesse prosseguimento, lembrando uma *espada de Dâmocles*....

Essa *primeira perseguição policial contra o Espiritismo* levou muitos adeptos, nesse mesmo ano, a fundar o Grupo Espírita Vinte e Oito de Agosto.

06.09.1881 – Realiza-se o Primeiro Congresso Espírita do Brasil, com a finalidade de reunir e orientar as entidades espíritas.

03.10.1881 – Na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, é criado, pelo Prof. Afonso Angeli Torteroli, o Centro da União Espírita do Brasil, fruto do aludido Primeiro Congresso.

10.01.1882 – A Diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade dirige ofício ao Imperador, manifestando seu júbilo pelo clima de liberdade em que os Espíritas exercitavam suas atividades.

28.08.1882 – Nesta data, que recorda o início da perseguição policial ao Espiritismo, ocorrida no ano anterior, foi realizada a Primeira Exposição Espírita do Brasil, instalada na Rua da Alfândega, 120, sobrado, sede da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, fundada, como vimos, em 3 de outubro de 1879 e que organizara programa comemorativo intitulado Festa do Espiritismo no Brasil.

Foi, também, lançado o jornal “O Renovador”, pelo Major Salustiano José Monteiro de Barros e Afonso Angeli Torteroli, este fundador e presidente da sociedade. A Exposição, aberta ao público até 3 de setembro, foi muito visitada e expunha trabalhos mediúnicos variados (psicografias em caracteres normais, taquigráficos e telegráficos, em línguas estrangeiras, até orientais, desenhos), a correspondência da Sociedade com Associações Espíritas estrangeiras, jornais e revistas espíritas da Europa e América, obras espíritas, retratos de vultos do Espiritismo de vários países e, também, livros e jornais contrários à Doutrina.

21.01.1883 – Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil, alma voltada para as finalidades maiores da vida, lança, com seus próprios recursos, o “Reformador”, “órgão evolucionista”, com oficinas e redação na Rua da Carioca (então S. Francisco de Assis), 120, sobrado, atelier e residência daquele inesquecível vulto do Espiritismo no Brasil. A direção

intelectual da publicação ficou a cargo do Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros. “Reformador” era quinzenal, tinha quatro páginas e teve suas tesouraria e secretaria instaladas, depois, na Rua do Clube Ginástico (hoje Silva Jardim), nº 17, depois 25.

Assinala Zêus Wantuil, em sua obra “Grandes Espíritas do Brasil”, que “fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil, era, naquela época, de forma a entibiar o ânimo dos espíritas mais resolutos. Todas as baterias do Catolicismo estavam assestadas contra o Espiritismo. Dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os Espíritas, os novos hereges que cumpria abater”.

“Elias da Silva, porém, era de vontade tenaz e inquebrantável e não seriam as dificuldades, de toda ordem, as oposições sectárias e os sarcasmos de todos os lados que o desencorajariam no empreendimento que lhe dominou a cérebro”.

31.03.1883 – “Reformador”, recém fundado, publica um número especial dedicado a Allan Kardec, que, segundo Augusto Elias da Silva, “sensibiliza o alicerce do edifício moral e social, que será erguido pela confraternização humana”.

27.12.1883 – Augusto Elias da Silva promove, em sua casa da rua da Carioca, 120, sobrado, reunião preparatória de rearticulação do Espiritismo, pois havia muita incompreensão entre os componentes das entidades espíritas existentes: o Grupo dos Humildes, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, o Centro da União Espírita do Brasil e o Grupo Espírita Fraternidade.

Da histórica reunião participaram 12 pessoas, como a lembrar o número dos Apóstolos: Augusto Elias da Silva, Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manuel Fernandes Figueira, João Francisco da Silveira Pinto, Maria Balbina da Conceição Batista, Matilde Elias da Silva, Luís Móllica, Elvira P. Móllica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antonio Xavier Pinheiro, Manoel Estêvão de Amorim e Quádrio Léo, modesto operário, o último do grupo a desencarnar, em 8 de junho de 1928.

Foi, então, aclamada uma diretoria provisória até o dia 2, quarta-feira, quando seria oficializada a fundação da nova Casa.

02.01.1884 – É eleita e empossada *a primeira diretoria* da FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA que, funcionando na Rua da Carioca, 120, sobrado, teve como *primeiro presidente* o Major Ewerton Quadros, ocupando Fernandes Figueira a vice-presidência, Silveira Pinto a secretaria e Augusto Elias da Silva a tesouraria, ficando Xavier Pinheiro como arquivista. Fernandes Figueira escrevia então: “(...) assim nasceu a humilde filha do Céu, mas trazia em seu seio, como o carvalho na bolota, todas as forças, todas as energias, que a fariam crescer, florir, frutificar e copar, como árvore materna, a cuja sombra deveriam acolher-se, para se desalterarem, as gerações presentes e futuras”.

Segundo ele, a novel agremiação seria o elemento aglutinador “reunindo em um forte, indissolúvel laço, a crente comunhão espírita brasileira”.

Augusto Elias da Silva transforma, *na mesma data*, o “Reformador” em órgão oficial da FEDERAÇÃO, que se instala depois na Rua da Alfândega, 153, onde foram pronunciadas memoráveis conferências, inclusive por Elias da Silva que, incansável obreiro do Senhor, fez presente de vários livros à nova instituição, pequena biblioteca logo enriquecida com outras obras, oferecidas por Antonio Pinheiro Guedes.

1885 – A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, de agitada trajetória, mas que também prestou muitos benefícios à causa espírita, funde-se à Federação Espírita Brasileira.

16.08.1886 – Bezerra de Menezes faz, publicamente, sua profissão de fé espírita, em conferência realizada no salão da Guarda Velha, na Rua do mesmo nome, hoje Avenida Treze de Maio, em presença de mais de 1.500 pessoas.

1887 – Augusto Elias da Silva funda o Grupo Espírita Sete de Março, que durou até 1890.

1888 – Allan Kardec se manifesta no Grupo Espírita Fraternidade, conclamando os Espíritas à harmonia.

1889 – Bezerra de Menezes que, por meio de artigos e conselhos, pregava a necessidade de maior compreensão entre os Espíritas, depois de muito instado, assume a direção da Federação Espírita Brasileira, sucedendo a Ewerton Quadros, que a administrara de 1884 a 1888

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

21.04.1889 – Reorganiza-se e instala-se, na Federação Espírita Brasileira, o Centro da União Espírita do Brasil – segunda fase – com Bezerra de Menezes como presidente e, depois, Augusto Elias da Silva (1893).

23.05.1889 – Bezerra inicia *o estudo sistemático* de “O Livro dos Espíritos” em sessões públicas semanais, realizadas no salão da Federação, incorpora-lhe o Grupo dos Humildes, depois denominado Grupo Ismael, ao qual emprestaram intensa colaboração Bittencourt Sampaio e Antonio Luís Sayão.

22.12.1889 – A Federação Espírita Brasileira congratula-se com o Governo Provisório da República pelo advento do novo regime.

1890 – O Grupo Espírita Fraternidade adere à Federação.

22.12.1890 – Bezerra de Menezes, presidente do Centro da União Espírita do Brasil, oficia ao Marechal Deodoro da Fonseca, Presidente da República, sobre o novo Código Penal, contrário aos interesses Espíritas.

1893 – O Grupo Espírita Fraternidade extingue-se, depois de ter alterado seu regulamento, passando a chamar-se, enfatuadamente, Sociedade Psicológica Fraternidade.

04.04.1894 – Reorganiza-se, mais uma vez, o Centro da União Espírita do Brasil, numa terceira fase, mudando o nome para Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, sob a direção do Prof. Afonso Angeli Torteroli, com sede na Rua Silva Jardim, 9. À sua diretoria pertenciam Júlio César Leal e Bezerra de Menezes, que dele se retirou em 1896, diante da campanha de insultos pessoais que contra ele se desencadeara, por ser considerado um místico, que não se dava ao trabalho de raciocinar.

03.08.1895 – Em meio à grande crise administrativa e financeira, agravada pelas profundas divergências dos líderes espíritas, Bezerra de Menezes, depois de muito relutar, assume a presidência da Federação Espírita Brasileira, vaga com a renúncia de Júlio César Leal, que a dirigira por 7 meses. Bezerra imprime orientação evangélica aos trabalhos da Federação, chefiando o grupo dos “místicos”, galvanizando corações e inteligências para restaurar e consolidar o prestígio da entidade e atender ao conselho de Kardec, recebido mediunicamente: “Reunidos em nome de Ismael, não tendes outros deveres senão estudar os Evangelhos à luz da Santa Doutrina”.

31.03.1897 – Instala-se, definitivamente, a Livraria da Federação, fundada por Augusto Elias da Silva e à qual doara grandes quantias em dinheiro.

28.08.1897 – Os integrantes do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil reúnem-se em Congresso Espírita Permanente, homenageando os componentes da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, que reagira com energia contra a tentativa de perseguição aos Espíritas em 1881. O referido Centro desapareceria, pouco tempo depois.

15.04.1905 – A sede da Federação Espírita Brasileira, na Rua do Rosário, 97, é invadida por funcionários da Diretoria Geral de Saúde Pública, que lavram autos de infração contra o médium Domingos Filgueiras, por exercício ilegal da Medicina.

10. 12.1911 – Sob a presidência de Leopoldo Cirne, a Federação Espírita Brasileira instala-se na Avenida Passos, antiga Rua do Sacramento, onde hoje ainda se encontra. (*)

(*) **Nota:** Já se acha instalada, definitivamente, em Brasília, desde 2 de janeiro de 1984, a sede central da FEB, com o funcionamento, ali, de alguns órgãos de sua Administração.

27.10.1937 – A Federação Espírita Brasileira é fechada pela Polícia e reaberta três dias depois por ordem do Ministro da Justiça, Dr. Macedo Soares.

05.10.1949 – Assinado, na Federação Espírita Brasileira, fruto do movimento de unificação dos Espíritas, o PACTO ÁUREO, com a finalidade de fortalecer os laços de fraternidade e a comunhão de sentimentos dos adeptos da Terceira Revelação. Esse objetivo já fora realçado por Allan Kardec em “Obras Póstumas” e em mensagem de 1888, recebida pelo médium Frederico Júnior. Também Bezerra de Menezes batia-se pela consecução desse importante fator de progresso da Doutrina, como comprovação dos elevados ideais de seus adeptos, reunidos em torno do Mestre Jesus, e como testemunho sincero do desejo de reforma íntima, de renovação espiritual de cada um.

Eis como ele se expressava: “Já é tempo de se ligarem todos os Espíritas, para que se cumpra nesta parte do planeta a tarefa que lhes foi distribuída. Compreende-se que é pela união dos Espíritas que se pode dar a ligação, a harmonia de seus esforços, sem a qual, diz o Mestre, cada um

cavará o sulco por onde hão de correr as lágrimas de seu arrependimento”. A união faz a força precisamente porque nasce dela o emprego harmônico dos esforços de cada um. Com quanto mais razão, pois, devem os Espíritas unir-se quando precisam de forças para resistir aos inimigos da Terra e aos inimigos do Espaço? Da união resultará o apoio mútuo, quer no sentido do socorro caridoso, quer dos recursos para a obra da propaganda. Da união, em suma, nascerá o método, sem o qual todo o esforço humano é perdido, toda a boa-vontade é estéril”. (Artigo em “O Paiz”).

Da Grande conferência Espírita, reunida naquela memorável data, resultou a unificação de todas as Federações Estaduais em torno da Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e, em nova feição, o Conselho Federativo Nacional, composto dos representantes das referidas entidades.

18.04.1957 – É lançado o *primeiro selo postal no mundo*, em comemoração do centenário de “O Livro dos Espíritos”. (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de abril de 1957).

18.04.1964 – Novo selo comemora o centenário de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de abril de 1964).

1969 – São lançados os selos comemorativos:

a). do centenário de desencarnação de Allan Kardec, em 31 de março (v. “Reformador” de fevereiro e março de 1969);

b). do aparecimento de “O Eco d'Além-Túmulo”, o primeiro Jornal Espírita do Brasil, fundado por Luís Olímpio Teles de Menezes (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de junho e julho de 1969).

03.10.1970 – Inaugura-se a Seção Brasília da Sede da Federação Espírita Brasileira.

4. Fatos Espíritas Notáveis

a) Presidentes da Federação Espírita Brasileira:

Francisco Raimundo Ewerton Quadros: 1884 a 1888;

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti: 1889;

Francisco de Menezes Dias da Cruz: 1890 a 1894

Júlio César Leal: 1895;

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti: 1895 a 1900;

Leopoldo Cirne: 1900 a 1913;

Aristides de Souza Spínola: 1914;

Manuel Quintão: 1915;

Aristides de Souza Spínola: 1916 a 1917;

Manuel Quintão: 1918 a 1919,

Luis Olímpio Guillon Ribeiro: 1920 a 1921;

Aristides de Souza Spínola: 1922 a 1924;

Luiz Barreto A. Ferreira: 1925 a 1926;

Francisco Vieira Paim Pamplona: 1927 a 1928;

Manuel Quintão: 1929;

Luís Olímpio Guillon Ribeiro: 1930 a 1943;

Antonio Wantuil de Freitas: 1943 a 1970;

Armando de Oliveira Assis. 1970 a 1975,

Francisco Thiesen: 1974.

b) Primeiro Jornal “Espiritualista” do Mundo:

Foi publicado nos Estados Unidos, em 8.5.1852, e se intitulava “The Spiritual Telegraph”.

“La Revue Spirite” saiu em 1º de janeiro de 1858, sendo uma das primeiras publicações espíritas do mundo. Dirigida por Allan Kardec até seu decesso, prosseguiu, em 1977, com o nome de “Renaitre 2000” (Revista de Investigações Psíquicas e de Pesquisas Teóricas e Experimentais sobre a Sobrevivência Humana), sob a direção de André Dumas, que não admite a palavra espírita,

Inácio Bittencourt – O Apóstolo da Caridade

por discordância com o Espiritismo, tal como é praticado no Brasil. (Ver noticiário em “Reformador”, abril, 1977; “Revista internacional de Espiritismo”, fevereiro e novembro de 1977).

c) Periódicos Espíritas mais Antigos do Brasil:

1869 (julho) – “O Eco d'Além-Túmulo” (Monitor do Espiritismo no Brasil), Salvador BA.

1875 (janeiro) – “Revista Espírita” – Rio, RJ.

1875 (setembro) – “O Espírita” – Natal, RN.

1881 (janeiro) – “Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade” – Rio, RJ.

1881 (março) – “União e Crença” – Areias, SP.

1881 (julho) – “A Cruz” – Recife, PE.

1881 (outubro) – “O Espiritismo” – Rio, RJ.

1882 (agosto) – “O Renovador” – Rio, RJ.

1883 (21 de janeiro) – “Reformador” (*) – Rio, RJ.

(*) **Nota:** O único que não teve interrompida sua publicação (Ver “Reformador”, janeiro de 1983).

d) Periódicos Espíritas mais Antigos do Mundo (ainda existentes):

1858 – “La Revue Spirite”, fundada por Allan Kardec – França. Em janeiro de 1977, prosseguiu sob o título “Renaitre 2000”.

1877 – “Constância”, fundada por Angel Scarnichia – Argentina.

1881 – “Light”, fundada por W. Stainton Moses – Inglaterra.

1883 – “Reformador”, fundado por Augusto Elias da Silva – Brasil.

1887 – “Two Worlds”, fundado por Emma Hardinge Britten – Inglaterra.

1894 – “Spiritualisme Moderne”, fundado por Charles Fritz – Bélgica.

1897 – “La Tribune Psychique”, fundada por Gabriel Delanne – França.

1905 – “O Clarim”, fundado por Cairbar Schutel – Brasil.

e) Semanas Espíritas:

A iniciativa, hoje generalizada, de reunir Oradores Espíritas em palestras, durante uma semana, comemorativa de data aniversária da instituição promotora ou em homenagem a grandes vultos do Espiritismo, coube ao Grupo Espírita Fé e Esperança, de Três Rios, ex-Entre Rios.

A Semana de Palestras Espíritas, a que nos referimos, foi realizada de 24 a 30 de junho de 1939, com início às 19h30m, na sede do mencionado Grupo.

Foram oradores:

Manuel Quintão,

Dr. Henrique Andrade,

Dr. Moreira Guimarães,

Dr. Carlos Imbassahy,

Dr. Armindo de Carvalho,

Humberto Alexandrino de Aquino e

Dr. Guillon Ribeiro,

Que falaram a respeito dos seguintes temas:

“João Batista e o Problema da Reencarnação”,

“Que é Espiritismo”,

“O Inferno Perante a Razão”,

“A Moral, a Filosofia e a Ciência Espírita”,

“O Espiritismo à Luz dos Fatos”,
“A Fé Cega e a Fé Raciocinada” e
“Fora da Caridade não há Salvação”,

f) Congressos de Jornalistas e Escritores Espíritas:

O Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas (*), instalado solenemente na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), foi realizado de 15 a 25 de novembro de 1939, na Cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República.

(*) **Nota:** Os Congressos passaram a ser de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Nesse Congresso foi lançada a idéia da criação de uma sociedade de jornalistas espíritas, concretizada somente no VI Congresso, realizado em 1976, em Brasília, com a fundação da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas – ABRAJEE. (Ata de Assembléia Geral Extraordinária, de 26 de maio de 1977).

Os demais Congressos foram realizados:

- Em São Paulo, em 1947, o 11;
- Em Belo Horizonte, em novembro de 1961, o III;
- Em Curitiba, em fevereiro de 1968, o IV;
- Em Niterói, de 30.3 a 2.4.1972, o V;
- Em Brasília, de 15 a 18 de abril de 1976, o VI;
- No Rio de Janeiro, de 15 a 18.04.1979, o VII;
- Em Salvador, de 17 a 21.04.1982, o VIII;
- Em São Paulo, de 18 a 21.04.1986, o IX;

g) Perseguições aos Espíritas:

Idéias e ensinamentos novos, capazes de iluminar as mentes, promovendo o progresso do Espírito, não escapam das perseguições de pessoas, entidades e autoridades mal informadas a respeito ou mesmo interessadas em que não se propaguem, esclarecendo, renovando, consolando. Foi o caso do ESPIRITISMO, de seus adeptos e instituições, que sofreram e vêm sofrendo ataques insidiosos de católicos, protestantes, médicos, detentores do poder, seja pela palavra escrita ou falada, seja pela ação mais violenta, com o processamento e condenação de médiuns, etc.

Remontando no tempo, mais precisamente em 1881, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade recebia, no dia 30 de agosto, um Oficial de Justiça, que lhe entregou intimação de parte do Dr. Alberto Fialho, 2º Delegado de Polícia da Corte do Rio de Janeiro, determinando a proibição de reunir-se, “visto não estarem os seus Estatutos devidamente aprovados pelo Governo Imperial, na forma do que dispõem os capítulos 1º, 2º e 3º da Lei nº 2711, de 19.12.1890”. Isto aconteceu, apesar da promessa do Ministério da Justiça, de que a entidade não seria molestada. O fato, como é natural, obrigou a Sociedade a comparecer, duas vezes, à presença do Imperador D. Pedro II, de quem obteve, por fim, garantias de funcionamento normal.

Em 27 de outubro de 1937 verificou-se uma perseguição à Doutrina, desta vez contra a Federação Espírita Brasileira, que esteve fechada por 72 horas, embora se mantivesse absolutamente neutra na efervescência política da época, atitude que recomendava a todos os espíritas.

Em abril de 1941, na presidência de Guillon Ribeiro, deu-se nova intervenção na FEB, devendo ser lembrada a célebre Portaria nº 10.194, de 10 de outubro de 1943, que trouxe, em 1945, problemas para a Casa-Máter, Portaria que foi revogada neste mesmo ano pelo Chefe de Polícia Cel. João Alberto.

Essa Portaria considerava os Espíritas elementos perigosos para a sociedade, fazendo restrições às suas atividades, sob o pretexto de regulamentá-las.

Também o Código Penal apresenta dispositivos, embora sejam pouco aplicados pelos juizes e tribunais, que têm como objetivo punir a atividade de cura dos Espíritas, como acontece, por exemplo, com Inácio Bittencourt e José Arigó, presos e condenados mais de uma vez.

A lei penal considera crime o exercício do *curandeirismo*, ou seja, o ato de alguém “prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substância; usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; fazendo diagnósticos”.

Examinando esse momentoso assunto, Carlos Imbassahy, com a proficiência de sempre, escreveu “A Mediunidade e a Lei” (2ª. edição, FEB, 1962), obra da qual respigamos as seguintes passagens:

a) Jesus sempre curou e disse mais que esta faculdade seria exercida por muitas criaturas: “(...) porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão”. – Mc. 16:17-18;

b) chegamos, então, a esse prodígio de justiça: é considerado criminoso o que tem por finalidade a prática de um bem (pág. 75);

c) Encontra-se na lei um caso interessante. Como se vê, ela proíbe quaisquer gestos que tenham a finalidade de curar. O que incide na sanção penal é querer pôr bom o seu semelhante. Não há punição para outros gestos. O cidadão é livre de bracejar à vontade; pode espreguiçar-se como quiser, esticar os braços como puder, encolerizar-se como entender, ferir o espaço com murros formidáveis; nada, absolutamente nada, lhe fica mal. Mas se levantar, quase imperceptivelmente, os dedos sobre a fronte de alguém, procurando minorar-lhe os sofrimentos, está cometendo um crime. Aí têm aonde chegou a culminância do saber jurídico dos nossos doutos patrícios. Até então a característica do crime era a intenção de fazer mal; agora, o que constitui o delito é a intenção de fazer o bem. (Pág. 78).

Vivemos, na verdade, num regime consentido.

A lei, enquanto não revogada, pode ser argüida pelo julgador e aplicada com todas as suas absurdas conseqüências.

5. Pequena História do Abrigo Tereza de Jesus

O Espírito de André Luiz, no livro “O Nosso Lar”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, e o Autor do livro “A Vida Além do Véu”, mostram, no Mundo Maior, a existência da ESCOLA PREVOCACIONAL DAS MÃES.

Ali se preparam Entidades para o Apostolado da Maternidade, dando aos Espíritos ali inscritos, por haverem adquirido os Bônus-Hora nos exercícios da Caridade Diferente, as noções indispensáveis para amarem não apenas aos filhos que vão gerar, mas também aos que vão encarnar como **órfãos voluntários...**

Adquirem, ali, as virtudes básicas do verdadeiro matriarcado, porque aprendem a estimar, como filhos, todas as crianças que, embora, às vezes, tendo mães vivas, VIVEM sem amparo, sem carinho, sem um Guia que as encaminhem aos seus destinos redentores...

O Espírito formoso de Tereza de Jesus, provavelmente, supervisiona os serviços extraordinários e legitimamente cristãos dessa e de outras Escolas da Espiritualidade. Justifica-se, dessa forma, a existência, entre nós, de Espíritos encarnados nos elementos femininos, que realizam missões extras que nos surpreendem e emocionam no campo do amparo à infância desamparada, em que dão muito de si e sem pensarem em si e colaboram com o Pai, que é Deus!

Anália Franco, outro formoso Espírito de Mãe de filhos alheios, é um exemplo vivo desses Espíritos abnegados, pois fundou, brasis afora, infinidades de pequenos Lares para abrigarem crianças pobres e desamparadas e descobriu, neles, um Familistério devotado de valorosas Mães para esses serviços do Senhor.

A Professora Ernestina Ferreira dos Santos viveu o discipulado de Anália Franco e, com ela, possivelmente, na Escola Prevocacional das Mães, no Grande Além, recebeu a assistência e as Lições extraordinárias das aulas de Espíritos ligados a Tereza de Jesus, lições supletivas à formação do caráter de pobres e pequeninos seres, em reencarnações salvadoras,

lições que se opulentam nos que se salvam salvando os seus semelhantes no apostolado de amar, servir, sofrer, perdoar e passar...

Os Espíritos, para essas missões salvacionistas, aqui chegam, quase sempre, com o físico doentio, recebendo experimentações de toda espécie e para que vivam recordando seus promettimentos.

Casam-se formando seus Lares-Templos, seus próprios maridos lhes são afins e exercícios permanentes para que vivam na Oração e na Vigilância, e não sejam esquecidos. Suas vidas têm sempre uma LINHA DIVISÓRIA. Crescem, ignorando seu missionato, até que, por um sinal qualquer, recebido, às vezes, em sonhos simbólicos, por uma ajuda do Alto, ACORDAM para a realidade de seus compromissos.

Tal-qualmente têm acontecido, tempos afora, com todos os Espíritos que tomaram a si o encargo de andar a **segunda milha** e realizar a Caridade Diferente, fazem o bem a tudo e a todos.

A Professora Ernestina Ferreira dos Santos, filha de Emília Dias Ferreira e de Aristides Gonçalves Ferreira, nasceu em 1^o de janeiro de 1878.

A recordação de seu trabalho extra, no campo da assistência aos pobres e pequeninos desamparados, lhe veio na segunda fase de sua vida, para que ultimasse as promessas feitas, possivelmente na ESCOLA PREVOCACIONAL DAS MAES, chegando-lhe ao coração amoroso e às mãos abençoadas através de um livro recebido de um irmão de sua alma gêmea, o EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO.

Franzina, dona de um físico doente, vítima de uma “cárie óssea” nos quadris, tendo até necessidade de amputar a cabeça do fêmur – o que lhe ocasionou ficar com uma das pernas mais curta – quando recebeu o maravilhoso livro e tomou conhecimento do seu conteúdo, exclamou emocionada: “Era isso que eu estava esperando. Agora compreendo tudo e o que devo fazer do meu próximo, esquecendo de mim mesma”...

Tornou-se Espírita, tendo antes, matrimoniada com o Sr. Inácio Barbosa dos Santos, sua verdadeira alma gêmea.

Integrara-se, com o querido esposo, na tarefa prometida.

a) Grupo Espírita Cultivadores da Verdade

Ajudada pelo seu evangelizado marido e com o apoio de irmãos outros, afins ao seu desiderato, funda, em seu lar, o Grupo Espírita Cultivadores da Verdade, por volta de 1911.

Tratava-se de um Núcleo Espírita Familiar e com objetivo de realizar Sessões Evangélicas, doutrinárias, em que o Espiritismo fosse estudado, com método, atenção e carinho e depois praticado em espírito e verdade. O grupo, localizado à Rua São Cristóvão, 33, hoje Joaquim Palhares, residência do casal Ernestina e Inácio, realizava suas sessões às 20 horas de todas as quartas-feiras. O confrade Serrão, um dos seus fundadores e assistentes, propôs que fosse dada a Presidência do Grupo ao irmão Inácio Bittencourt, já nessa altura conhecido como Espírita e realizando, com abnegação, sua mediunidade curadora.

Com Inácio Bittencourt na Presidência e Ernestina como médium psicográfica e de incorporação e com uma pequena e homogênea assistência de irmãos devotados, o Grupo prosperou sobremodo e, foi aí, neste ambiente de muita harmonia e ajuda espiritual, que Ernestina lembrou-se de fundar, junto ao Grupo, uma Associação que fornecesse, diariamente, pão aos pobres. Era o Espiritismo cristão, praticado como o Consolador, que já penetrava nos corações dos presentes e especialmente no de Ernestina, chamando-os ao apostolado da Caridade, aos necessitados do pão do corpo e da alma. A idéia foi, unanimemente, aceita e organizado o corpo social da Associação, que passou a denominar-se PÃO AOS POBRES, isto na data de 1^o de janeiro de 1912.

Em cada 1^o de janeiro, pois, comemorando o aniversário da Associação, eram distribuídos aos pobres: gêneros, roupas, dinheiro e brinquedos com os recursos adquiridos por intermédio de listas distribuídas entre confrades e amigos.

Depois de cada distribuição, em que crianças, mulheres e homens eram beneficiados, tocados pelas luzes do Alto, idéias outras vinham à tona, revelando sempre a vontade de fazer mais

a favor dos semelhantes. E os irmãos Inácio Bittencourt, Antonio Batista Coelho, entre outros, estimulavam o casal Ernestina-Inácio para que ampliasse o campo da Caridade. O irmão Antonio Batista Coelho, conversando com Ernestina, fazia comentários sobre uma instituição existente em Portugal, denominada CASA DO GAROTO, que, segundo chegava ao seu conhecimento, estava possibilitando benefícios a grande número de crianças pobres e abandonadas. Falava inspiradamente, como que prevendo ali a fundação de uma Casa naquele gênero.

Tereza de Jesus, que vinha comunicando pela médium Ernestina, no final das Sessões, anunciava: que **aquela pequenina Associação de Pão aos Pobres** se desenvolveria grande Casa de Caridade e que causaria admiração pelo seu rápido desenvolvimento e pelos benefícios que iria prestar à infância abandonada. Na Espiritualidade, frisava, já se achava realizada a Matriz dessa Casa de Caridade. Que os irmãos presentes se preparassem para a efetivação de mais esse SERVIÇO DO SENHOR em terras do Brasil.

b) Tereza, Jesus e 917\$000.

E assim, às vésperas de 1º de janeiro de 1919, ou, mais precisamente, no dia 31 de dezembro de 1918, à noite, uma lista retardada ficou à parte, contendo a importância de 917\$000, por não poder entrar no total apurado e ser convertida em utilidades. Na noite do dia 1º de janeiro, no momento em que se procurava dar emprego à importância referida, espontaneamente, o Espírito de Tereza de Jesus ditou pela médium Ernestina as seguintes palavras: “Esta quantia de 917\$000 será o começo para se fundar o Abrigo entressenhado”. E teria dito ainda: Repetir-se-á convosco o que se dera comigo na Velha Espanha, quando eu me propunha a fundar Mosteiros que formassem, antes de tudo, Servidoras humildes e abnegadas para a causa de Jesus. E, respondendo aos desanimados e incrédulos, diante da minha resolução, sentenciava, convicta, repetindo o que ouvia de mais Alto: **“Tereza, sozinha, nada obterá. Mas, Tereza, Jesus e Alguns Cruzados, Conseguirão a Vitória”**. E conseguiram mesmo, deixando ali plantado algo de mim e sob as bênçãos do Divino Mestre, realizando, até hoje, um **trabalho do Senhor**, porque, de fato, formou, forma e formará, pelos séculos afora, elementos contagiados de fé e abnegação, de bom ânimo e renúncia, que serviram, servem e servirão à Obra imorredoura do Mestre da Bondade e da nossa redenção. Teria dito, ainda, “trabalhai, que eu vos ajudarei”.

A alegria que aquela comunicação causou foi enorme e geral.

No mesmo instante, foi lavrada a Ata, os presentes se inscreveram como sócios fundadores, o mesmo acontecendo com outros que, posteriormente, tomaram conhecimento da fundação do Abrigo. Foi dado o nome de ABRIGO TEREZA DE JESUS e formada a sua primeira Diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente. Inácio Bittencourt
Vice-Presidente: Raul Salgado Zenha
Diretora: Ernestina Ferreira dos Santos
Vice-Diretora: Emília Appa dos Santos
Diretor: Inácio Barbosa dos Santos
Vice-Diretor: Manoel dos Santos
Tesoureiro: Antonio Batista Coelho
Vice-Tesoureiro: Dr. Samuel Caldas
Secretário: Otávio Pereira Legey
Vice-Secretário: Alexandre Luiz Fontenelle
Procurador: João Esberard,

c) Ernestina Vê Espiritualmente a Sede do Abrigo

Ernestina, satisfeita com a possibilidade de realização do seu maior desejo, vê espiritualmente o prédio, com fachada, em determinada rua da cidade, com dois números. Coloca Inácio Bittencourt e seu Esposo a par da sua vidência e, dizia, era premonitória, pois lhe mostrava

até a rua, que reconheceu posteriormente. Tudo estava planejado no Grande Além, esperando apenas fossem vencidas algumas dificuldades.

Nesta altura, verificou-se um fato que é lícito seja registrado: O Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal D. Joaquim de Arcoverde Cavalcante, publicou pelos jornais uma Pastoral, proibindo que os católicos auxiliassem o Abrigo. A Diretoria, servindo-se também dos jornais, respondeu aconselhando aos Espíritas a também ajudar as instituições católicas. Escusado seria dizer que tal proibição redundou em grande propaganda, tendo o Abrigo recebido grandes manifestações de solidariedade de católicos que não concordaram com aquela proibição.

Em começo de 1920, o Abrigo, por ajuda do Alto, comprou os prédios da Rua Ibituruna, números 89 e 91, os antevistos, mediunicamente, por Ernestina. E, meses mais tarde, no dia 15 de outubro, dia de Tereza de Jesus, foi inaugurado o Departamento Feminino, com 16 meninas, número que foi, pouco depois, elevado para 20. O desejo de Tereza de Jesus ia sendo realizado aos poucos. E todos que lhe sentiam o amparo carinhoso trabalhavam com alegria e abnegação.

Em 1921, internaram-se mais 10 meninas, perfazendo o total de 30.

Em 1923, foi comprado, na mesma rua, o prédio do nº 53, onde se encontra até hoje o Departamento Masculino, que foi inaugurado naquele mesmo ano, com 45 meninos, totalizando assim 75 crianças.

Em 1926, foram internadas mais 16 meninas, elevando-se o número de abrigados para 91, sendo: 46 meninas e 45 meninos.

Em 1928, foi atingido o número de 145 crianças, sendo 72 meninas e 73 meninos. Em 1930 estava o Abrigo com 180 crianças abrigadas e felizes.

Para dar aos abrigados uma profissão, foram criadas as oficinas de móveis de vime, costura, bordados, flores e também arte culinária.

Mais recentemente, foi criada a oficina de encadernação. Tudo com o objetivo de prepará-los para ganhar a vida, o que realmente tem acontecido, pois alguns se têm valido do que aprenderam no Abrigo, quando desinternados.

Também foi criado no Abrigo, desde a primeira hora, o Corpo de Cooperadoras, que prestam inestimáveis serviços à instituição, sendo uma das vigas mestras da Casa de Tereza de Jesus.

Ainda no tempo de Ernestina, merecendo dela o maior carinho, foi criado o Coro Orfeônico, que teve sempre a direção de competentes professoras e que tem conseguido ótimas apresentações em público, credenciando-se como um dos melhores coros orfeônicos da nossa Guanabara.

Foram organizadas as Conferências mensais, aos segundos domingos, e realizadas as comemorações das datas: 1º de janeiro, fraternidade universal e aniversário do Abrigo; Dia das Mães, nos 2º domingos do mês de maio; Dia de Tereza de Jesus, 15 de outubro; a inauguração do Abrigo: 1º de Janeiro; e Natal de Jesus: dia 25 de dezembro.

Ainda, quando é possível, depois dessas reuniões, é organizada uma parte artística, sempre, de bom nível espiritual.

Todas as quartas-feiras, às 20 horas, tal-qualmente fazia Ernestina nos idos do Grupo Espírita Cultivadores da Verdade, no seu Lar, à Rua São Cristóvão, 33, realiza o Abrigo, no Salão do Departamento Masculino, à Rua Ibituruna, 53, sessões doutrinárias, estudando-se as Obras Básicas da Doutrina Espírita e Páginas de reconhecido valor moral.

Comparecem às mesmas, além de irmãos simpáticos à nossa Doutrina, dois grupos de abrigados, já com capacidade de apreensão.

d) Biblioteca

Possui o Abrigo uma Biblioteca valorosa, contendo as obras mais importantes no campo da literatura, da ciência, da poesia, da filosofia e das artes, ressaltando a coletânea preciosa das que são voltadas à infância, graças à dedicação de sua Diretoria. Nota em Destaque: “Recebi ótima impressão da visita que fiz aos dois Departamentos do Abrigo Tereza de Jesus. Em ambos notei higiene, ordem, disciplina, carinho e tratamento aos internados”. (a) J. C. de A Mello Mattos.

6. Homenagens “Post Mortem”

“Desencarnação de Inácio Bittencourt – 18 de fevereiro de 1843.

Você amontou flores na vida terrena e essas flores virão agora ensalnar a sua vida espiritual”.

(a) Rsa, sua esposa.

“... Um exemplo de vida missionária. Foi um amálgama de graças e de virtudes.

A todos os golpes de malquerença e a todos os gestos de ofensa replicava com sorriso e perdão ... Soube ser benevolente, amoroso e compassivo para com todos aqueles que o criticavam”.

(a) Paulo Alves Godoy
(Jornal Espírita).

“... Descansa, querido irmão e Mestre amigo, da luta que soubeste vencer e quando despertares para a continuação do trabalho interrompido, aumenta mais o teu perdão aos que não quiseram te compreender e pede a Jesus que, na nova tarefa, que te vai ser dada, possa ser eu um dos teus menores servidores”.

(a) Henrique Andrade.

“... Que Inácio Bittencourt continue no Plano Superior ajudando-nos, nesta hora tremenda que atravessa o planeta, são os nossos mais ardentes desejos e que receba em seu coração as vibrações dos nossos melhores sentimentos cristãos”. (Homenagem da Hora Espírita Radiofônica).

“Morte – 18 de fevereiro de 1943. Durante cinco anos começaram a quebrantar-se as suas energias físicas, se locomovendo em grandes dificuldades, afastando-se da direção do “Abrigo Tereza de Jesus”. Em 1941 deixava de continuar no exercício das funções de redator-chefe do órgão espírita “Aurora”. Toda a crise durante sua moléstia foi acompanhada por sua esposa, família e seu amigo Henrique Andrade, até que às 2 horas do dia 18 fazia sua radiosa passagem para o mundo da luz e da verdade, o alto espírito, que compreendeu tão bem sua missão”. (autor não indicado).